



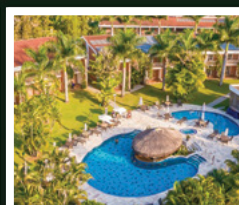
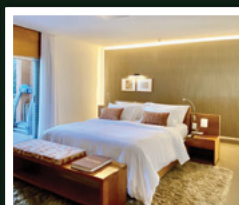
CARTA DO LIBANO

ESPECIAL
OLIVEIRA
E SUAS
RAÍZES
LIBANESAS

ENTRE AS MONTANHAS DO LIBANO E DE MINAS

A saga das famílias libanesas que fizeram de Oliveira sua terra,
construíram histórias e deixaram um legado para gerações

Riberão Preto



 **Telefone**
(16) 2108-0781

 **WhatsApp**
(16) 9792-9955

 **nacionalinn.com.br**
 reservas@hoteljprbeiraopreto.com

 @hoteljprp

Solicite sua reserva **diretamente com o hotel** e garanta **condições especiais**.



EDITORA CARTA LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA • ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
MARCOS STEFANO Z. COUTO

FOTOS
AGENCE FRANCE PRESSE

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 500,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 5461.0089

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
ÁLBUM DE FAMÍLIAS

EDITORIAL

DUAS MONTANHAS, UMA, SO HISTÓRIA

Há mais de um século, homens e mulheres deixaram vilarejos libaneses levando consigo poucas certezas e muitos sonhos. Partiram da terra dos antepassados em direção a um país desconhecido, trazendo na bagagem a saudade da família, a coragem para recomeçar e valores que jamais abandonaram: o trabalho, a união, a hospitalidade e o amor às próprias raízes.

Em Oliveira, localizada a 150 km a sudoeste de Belo Horizonte, estabeleceram negócios, constituíram famílias, criaram filhos, fizeram amigos e participaram da construção econômica e social da cidade e da região. O tempo transformou imigrantes em cidadãos oliveirenses, sem jamais apagar a memória do Líbano.

Cada fotografia antiga guarda mais do que rostos. Cada nome representa mais do que uma família. Cada relato revela fragmentos de um grande memorial, maior, coletivo, executado silenciosamente ao longo do tempo.

Das montanhas do Líbano às montanhas de Minas, uma ponte foi erguida. Não em pedra, mas com afetos, lembranças, pessoas e histórias.

Uma ponte chamada Oliveira.

Ao tornar possível este registro de memória, é também justo reconhecer aqueles que acreditam na importância de preservar um legado.

Uma versão mais elegante e fluida:

Nosso especial agradecimento ao empresário Salim Mattar, ilustre filho de Oliveira, cujo apoio foi fundamental para a realização desta edição e para que tantos relatos, lembranças e raízes familiares pudessem ganhar vida nestas páginas.

Estendemos também nossa profunda gratidão à jornalista Amanda Vargas, que não poupou tempo nem dedicação ao me acompanhar nas visitas às famílias de Oliveira.



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

 @cartadolibano  @cartadolibano

SUMÁRIO

ANO 31 • NÚMERO 214 • 06 & 07.2026



OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

Esta edição especial celebra a trajetória da comunidade libanesa em Oliveira, marcada pelo trabalho, pela união e pelo amor à cidade. Resgata histórias de famílias que ajudaram a construir o desenvolvimento econômico, social e cultural do município. Um tributo à memória dos pioneiros e ao legado libanês que permanece vivo através das novas gerações.

- | | |
|---|---|
| 06 Oliveira, onde o Líbano estabeleceu uma segunda pátria | 80 Rachid Nacif Mitre |
| 12 Paulo Roberto Haddad | 86 Irmãos Cury |
| 18 Silvio Mitre | 92 Gardênia Murad |
| 26 Salim Mattar | 96 Alexandre Saber Gabriel |
| 34 Fernando Mitre | 102 Família Habbud |
| 40 Décio de Carvalho Mitre | 106 Família André |
| 46 João Haddad | 110 Família Bese |
| 52 Eugênio Mattar | 116 Família Sauma |
| 58 Areslan Eustáquio Martins | 120 Nagibe Mattar |
| 64 João Bosco Ribeiro | 124 David Mattar |
| 68 Ricardo Simão Narciso | 128 De onde partiram os sonhos: Brummana, Salima, Falougha e Mejdlaya |
| 74 Rodolfo Francisco Castro Pacheco | 134 De Salima para a América |



ASSINE JÁ
E RECEBA
EM CASA

Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 500 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR U\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO BRADESCO • AGÊNCIA 3114 • CONTA CORRENTE 90249-7

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

OLIVEIRA

ONDE O LÍBANO ESTABELECEU UMA SEGUNDA PATRIA

Uma pequena cidade do interior de Minas Gerais
apresentou as condições ideais para acolher
o povo de uma terra distante que ali forjou
uma nova identidade. Sem abrir mão da essência,
da fé e de uma herança ancestral



FOTOS: ARQUIVO JOÃO HADDAD & ARQUIVO PÚBLICO

Registros históricos: No alto, o centro histórico de Oliveira no início do século passado.
Acima, membros da já então numerosa colônia libanesa na cidade, em 1906

Poucos municípios brasileiros podem afirmar que a imigração libanesa se confundiu de maneira tão profunda em sua própria identidade. Em Oliveira ela está viva e presente

Há cidades cuja história se escreve com batalhas. Outras nasceram do ouro, da política ou das grandes decisões de Estado. Oliveira, no coração de Minas Gerais, foi edificada por outro elemento, talvez o mais nobre de todos: o trabalho.

Entre colinas suaves, igrejas centenárias e ruas silenciosas, a cidade mineira guarda uma memória que pertence não apenas aos oliveirenses raiz, mas também ao povo libanês e seus descendentes. Uma trajetória que atravessou o oceano, construída entre despedidas e reencontros, lágrimas e esperança, entre a terra deixada para trás e a que se transformaria em lar.

Poucos municípios brasileiros podem afirmar que a imigração libanesa se confundiu de maneira tão profunda em sua própria identidade. Em Oliveira, essa história não está apenas nos arquivos públicos ou nas fotografias amareladas pelo tempo. Está viva e presente nas fachadas das antigas casas comerciais, nos sobrenomes que dão nome às ruas, na culinária preservadas pelas famílias, nas festas religiosas, na cultura do comércio e, sobretudo, na memória afetiva de gerações que aprenderam a ser, ao mesmo tempo, profundamente brasileiras e orgulhosamente libanesas.

A saga imigrante teve início na segunda metade do século 18, quando tropeiros e viajantes percorriam o antigo Caminho de Goiás. À margem

dessa rota nasceu um pequeno arraial destinado ao descanso dos viajantes e ao intercâmbio de mercadorias. Enquanto outras paragens prosperavam impulsionadas pelo ouro, Oliveira descobriu sua vocação de comerciante, na agricultura e na pecuária, atividades que traçaram uma personalidade econômica e social.

Ao ser elevada à categoria de cidade, em 19 de setembro de 1861, Oliveira já despontava como um importante centro regional. A posição geográfica privilegiada fazia dela natural ponto de encontro entre diferentes destinos, pessoas e oportunidades. Talvez por isso tenha acolhido com tanta generosidade aqueles que vieram de tão longe.

SACRIFÍCIOS SILENCIOSOS

No final do século 19, quando o Líbano ainda era parte do Império Otomano, milhares de famílias deixaram a terra natal. Pobreza, instabilidade política, dificuldades econômicas e recrutamento militar - que ceifava a vida de inúmeros garotos - empurraram famílias para um destino incerto e desconhecido, através do Mediterrâneo e do Atlântico. Poucos imaginavam o que os aguardava.

Depois de portos, navios e longas distâncias no interior de um Brasil basicamente rural e francamente exótico para eles, alguns desses imigrantes chegaram a Oliveira. Traziam escassos bens materiais, porém carregavam valores inafiançáveis: disciplina de trabalho, confiança na



O comércio dos patrícios; cabeçalhos comerciais de algumas empresas de patrícios em Oliveira, no início do século passado, testemunham a intensa atividade comercial da cidade e a marcante participação dos imigrantes libaneses no desenvolvimento da economia local

Assim o mascate se transformou em comerciante. O comerciante abriu uma pequena venda. A venda tornou-se loja. A loja converteu-se em empresa familiar...

família, honestidade nos negócios e a extraordinária capacidade de recomeçar.

Os primeiros anos foram marcados por sacrifícios silenciosos.

Como outros compatriotas espalhados Brasil afora, iniciaram a vida como mascates. Percorriam quilômetros por estradas de terra, em lombo de burro, atravessando fazendas e pequenos povoados transportando tecidos, ferramentas, louças e mercadorias cuidadosamente acomodadas em grandes baús. Caminhavam sob o sol escaldante, enfrentavam noites ao relento e, muitas vezes, conviviam com o preconceito dirigido aos chamados “turcos” - nacionalidade atribuída a eles por viajarem com documentos emitidos pelo Império Turco Otomano. Encararam as dificuldades da única maneira que conheciam: trabalhando.

Assim o mascate se transformou em comerciante. O comerciante abriu uma pequena venda. A venda tornou-se loja. A loja converteu-se em empresa familiar. Empresas que ajudaram a escrever um dos capítulos mais importantes da economia oliveirense.

CONFIANÇA, CONVIVÊNCIA E RESPEITO

Entre os pioneiros estavam Felipe Simão e Nicolau, chegados por volta de 1889. Poucos anos depois surgiram estabelecimentos que se estabeleceram como referências comerciais da cidade: João Mitre & Irmão, Casa Pedro Simão e Casa Antônio Said, inaugurados em 1894. Eram espaços de confiança, convivência e respeito, onde clientes encontravam

não apenas o que procuravam, mas também relações construídas pela palavra empenhada.

Ao longo de décadas, novos sobrenomes marcaram a história de Oliveira: Mitre, Haddad, Simão, Mattar, Assreuy, Said, Farah, Judri, Souki e tantos outros. Cada família contribuiu com um capítulo dessa narrativa coletiva. Contudo, reduzir a presença libanesa apenas ao êxito comercial seria ignorar uma dimensão maior.

Imigrantes e seus descendentes participaram intensamente da construção da vida pública. Contribuíram com escolas, hospitais, ações beneficentes, instituições religiosas e associações civis. Formaram políticos, profissionais liberais, empresários, educadores e líderes comunitários. Integraram-se plenamente à sociedade local sem jamais renunciar às suas raízes. Talvez um dos aspectos mais admiráveis tenha sido a extraordinária convivência religiosa.

DE ESTRANGEIROS A OLIVEIRENSES

Em Oliveira, maronitas, melquitas, ortodoxos, muçulmanos e drusos compartilharam o mesmo ambiente de respeito recíproco. A diversidade nunca foi motivo de divisão, mas expressão da convivência baseada em solidariedade e confiança.

Drusos, introduzidos na cidade pela família Mattar no início do século 20, simbolizam esse espírito. Embora professassem uma tradição religiosa distinta, participaram generosamente das grandes iniciativas comunitárias, inclusive



Igreja matriz e o casario típico de época. Em Oliveira, imigrantes e mineiros mostraram que a fé pode mais unir do que separar

colaborando com importantes obras da Igreja Católica. Uma demonstração de que a fé podia unir mais do que separar.

Essa capacidade de integração talvez explique por que, em Oliveira, nunca existiu uma fronteira entre “nós” e “eles”. Muito cedo, os imigrantes deixaram de ser estrangeiros para se tornarem oliveirenses.

Enquanto isso, outro ilustre filho da cidade projetava seu nome para o mundo. Carlos Chagas transformou a medicina brasileira descobrindo a cura para a enfermidade que leva seu nome, conferindo reconhecimento internacional ao município. A excelência científica de Chagas e o espírito empreendedor das famílias libanesas passaram, cada qual à sua maneira, a compor o patrimônio moral de Oliveira.

Mais de um século depois da chegada dos primeiros mascates, a cidade continua contando sua história em silêncio. Ela está nas vitrines tradicionais do comércio, nas conversas familiares, nos livros de memória, nos almoços de domingo onde o quibe divide espaço com o pão de queijo, nas festas

religiosas, nos gestos de hospitalidade que unem Minas Gerais e o Líbano na mesma memória afetiva.

Oliveira expandiu para além do mero destino migratório. Tornou-se um testemunho da extraordinária capacidade humana de transformar o exílio em pertencimento.

Lá, os pioneiros descobriram que era possível pertencer a duas pátrias sem trair nenhuma delas. Permaneceram fiéis às lembranças da terra onde nasceram, mas aprenderam a amar profundamente a terra que os acolheu. O cedro do Líbano encontrou abrigo à sombra das montanhas mineiras, e suas raízes, longe de se perderem, floresceram em fértil solo brasileiro.

Por isso que a história da imigração libanesa em Oliveira não pertence apenas às famílias que dela descendem. Ela pertence ao patrimônio cultural brasileiro das Minas Gerais.

Porque toda cidade é feita de pedras e ruas. Mas apenas algumas ostentam o privilégio de ser construídas, também, pela memória, pela gratidão e pela esperança.

Oliveira é uma delas. ■

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

PAULO ROBERTO HADDAD

“MEU PAI DIZIA:
‘VOCÊS SÃO
BRASILEIROS
E TÊM QUE
TRABALHAR PARA
ENGRANDECER
O PAÍS’”

Economista, ministro de estado, escritor, articulista, cidadão atuante na comunidade. Paulo Roberto Haddad lembra sua longa trajetória e a profunda influência dos valores e raízes libaneses na vida e no trabalho

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



Ilustre filho de Oliveira: O economista, escritor e ex-ministro de estado, Paulo Haddad com a esposa Maria de Lourdes. Uma vida inteira dedicada aos estudos, à política e à comunidade

“O que mais surpreendeu meu pai ao chegar ao Brasil foi a hospitalidade com que o povo recebia os imigrantes”, conta o economista Paulo Haddad

Aos 87 anos, o economista Paulo Roberto Haddad é dono de uma biografia e tanto. Na vida acadêmica, na carreira profissional e na política - foi ministro do Planejamento e da Fazenda durante o governo Itamar Franco. Nascido em Oliveira, em 1939 - descendente de libaneses - mudou-se para Belo Horizonte ainda garoto, onde estudou em renomado colégio estadual e graduou-se em Economia pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, em 1962.

Da infância em Oliveira ele destaca: “Uma grande lembrança minha e dos meus irmãos são os almoços de domingo, quando meu pai e minha mãe confraternizavam com a comunidade libanesa: as famílias Mitre, Curi, e Milan, entre outras”. Segundo Haddad, eram quase quatro horas de conversas, recordações, matando saudades e com muita risada. “Bons momentos”, resume.

Mas voltemos até o pós Primeira Guerra Mundial, nos anos 1920, quando o Líbano enfrentava grandes dificuldades, sobretudo uma grande fome. “As famílias começaram a migrar os filhos para diversas partes do mundo. Meu pai (...) saiu de Beirute com um primo (...) Ele ficou por aqui e o primo seguiu para Santa Barbara, nos Estados Unidos”, conta o economista.

“O que mais surpreendeu meu pai ao chegar ao Brasil foi a hospitalidade com que o povo recebia os imigrantes”, prossegue. “Ele contava como andou pelas fazendas de Oliveira, em cima de lombo de burro, mascateando”. Depois de se casar com Lile Haddad, filha de imigrantes libaneses, (...) conseguiu instalar uma bomba de gasolina Esso na própria rua onde foram morar.

Em seguida, já bem estabelecido no comércio oliveirenses, deu início a uma representação de automóveis e ônibus da General Motors. À custa de muito trabalho, organizou um conglomerado com concessionária de veículos, oficina mecânica, venda de autopeças e a rodoviária local. “Como a General Motors também produzia geladeiras, meu pai comercializava refrigeradores da marca Frigidaire em sua loja de eletrodomésticos”, explica Haddad. Um pioneirismo na região.

A família então conheceu um ciclo de prosperidade, mandando os filhos Paulo, Antônio e Emilio para estudar em Belo Horizonte acompanhados pela mãe. Emilio se tornou advogado, Antônio médico e Paulo economista. “Infelizmente meu pai perdeu a batalha dos negócios para a inflação, por não saber precificar mercadorias em um longo período de acelerada alta dos preços”, avalia. “No final da vida perdeu a batalha para a inflação. Ficando apenas com uma pequena mercearia”, lamenta. Porém marcou seu nome na história e na economia da cidade.



Os Haddad: Maria de Lourdes e Paulo Roberto Haddad (à direita), posam orgulhosos ao lado dos filhos Monica Amaral Haddad, Luciana Amaral Haddad, Eduardo Amaral Haddad e João Paulo Amaral Haddad

“Ser descendente do povo libanês é um orgulho por ter absorvidos seus valores fundamentais: sabedoria, paciência, tolerância e solidariedade”

ANOS REBELDES

Sobre o período de formação em Belo Horizonte, Haddad relata: “Particpei do movimento Ação Católica, de origem francesa, e cheguei a ser líder estudantil”, um histórico escolar agitado pelos ventos libertários da década de 1960. Nessa época conheceu sua esposa, Maria de Lourdes Amaral - mais tarde professora universitária - e depois de um certo tempo de militância chegou a presidente do Centro Acadêmico da FACE (Faculdade de Ciências Econômicas), além de participar do PDC (Partido Democrático Cristão). “Tudo isso me valeu uma bela ficha no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social)”, conta Haddad, citando o controverso órgão de segurança do regime militar.

Um momento sombrio: “Era tudo muito perigoso, fiquei com medo de ser preso e decidi sair do país”, recorda. O rapaz se inscreveu no Programa Fulbright de bolsas de estudos para universidades americanas e foi aceito para o doutorado em Economia em Yale. Porém teve o visto negado pela embaixada estadunidense. “Acabei indo para o Instituto de Estudos Sociais na Holanda, estudar planejamento econômico. Assim iniciei minha vida de autodidata”. Agora conta com orgulho que este ano, quando foi à Grécia com o filho, esticou a viagem até Amsterdã para se encontrar com o atual reitor do Instituto e agradecer pela receptividade com o aluno brasileiro naquele longínquo ano de 1965.

ENGAJAMENTO NA VIDA PÚBLICA

Já adulto, Paulo Haddad foi diretor da Associação Nacional de Pós-Graduação em Economia (ANPEC), participou da fundação do Centro de Mestrado em Economia da UFMG (CEDEPLAR); dirigiu o planejamento da Fundação João Pinheiro e, na sequência, atuou como Secretário da Fazenda e do Planejamento de Minas Gerais.

“Nesta época dei um pequeno curso para Itamar Franco sobre orçamento e planejamento. Mais tarde, quando ele assumiu a Presidência da República, me convidou para ser ministro do Planejamento e, posteriormente, Ministro da Fazenda (1992-1993)”, destaca.

A passagem pelos ministérios foi breve. Passagens - 90 dias no Planejamento e 62 na Fazenda - porém marcante. “Depois organizei uma empresa de consultoria, chegando a ter 60 profissionais liberais trabalhando comigo, realizando trabalhos na Bolívia, em Moçambique e, principalmente, nas regiões Brasileiras”, conta. Haddad chama a atenção para o desempenho da equipe: “Fizemos uma consultoria de alto nível com profissionais que haviam se aposentado cedo, ainda no auge da carreira”.

TERCEIRO ATO

Paulo Haddad continua na ativa, atualmente como consultor de instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais. “Apesar de



Os irmãos: Emilio Haddad Filho, Elias Haddad, Antônio Haddad e Paulo Roberto Haddad. Uma lembrança de infância dos quatro eram os almoços de domingo. “Bons momentos”, resume Paulo

mais velho, gosto de trabalhar em projetos do SEBRAE, para municípios e estados”, afirma. E credita a longevidade também no trabalho à fibra ancestral. “Ser descendente do povo Libanês é um orgulho por ter absorvido seus valores fundamentais: sabedoria, paciência, tolerância e solidariedade”.

Afirma que seu legado está sendo escrito em livros e artigos publicados - disponíveis no catálogo da Amazon, no Instituto Fórum do Futuro e no site brasilamazoniagor.com.br. “Em 2010, estive no Líbano com membros da família visitando os parentes que lá estão e visitei a casa onde meu pai viveu antes de vir para o Brasil”, conta.

A percepção do acolhimento aos imigrantes e sua assimilação nas comunidades que passam a fazer parte, é uma constante na vida e no trabalho do economista.

“Quando estive em Roraima, fazendo uma consultoria para a OEA, fui à fronteira BV8, a oitava passagem Brasil-Venezuela, e vi a boa receptividade do povo brasileiro”, observa.

“Nenhuma agressividade com a chegada dos venezuelanos que estão vindo para cá, porque sabiam que eles estavam sofrendo no seu país e não queriam atrapalhar a vida de ninguém”.

Para ele, “essa característica do povo brasileiro hoje está muito em evidência, diante da animosidade que americanos e europeus têm manifestado em relação a migrantes”. A figura paterna entra novamente em cena: “São os valores que meu pai legou para nós desde cedo, dizendo ‘vocês são brasileiros e têm que trabalhar para engrandecer o país’”. Uma lição aprendida.

“Papai não trouxe para o Brasil nenhum resquício dos conflitos doutrinários e ideológicos do Oriente. Por exemplo, eu não tenho nenhum ressentimento contra o povo de Israel, a não ser contra os que comandam o próprio massacre que está acontecendo com o povo libanês”, pondera. E conclui: “O imigrante árabe, especificamente o libanês, tem a característica de promover a integração total de seus filhos e famílias na nova sociedade que os recebe”. ■

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

SILVIO MITRE

“FAMÍLIA É IDENTIDADE, RESPEITO E COMPROMISSO”

Médico cardiologista por vocação e político pelo propósito de fazer a diferença, Silvio Mitre reflete sobre os caminhos do cidadão e do homem público

FOTOS: FOUAD NAIME & ÁLBUM DE FAMÍLIA



A vida continua: Dr. Silvio Mitre e a segunda mulher, Vanessa Mattar. União para um novo projeto de vida a dois

“O Líbano nunca deixou de estar em nossos corações, mas tudo que nosso povo lá sofreu nos motivou para trabalhar pela pátria promissora que nos acolheu”

Entre as muitas memórias dos tempos de infância em Oliveira, o médico e político Silvio Carvalho Mitre destaca a mesa farta em almoços e jantares reunindo a família. Nessas ocasiões, as conversas costumavam girar em torno das dificuldades e conquistas dos antepassados libaneses para construírem uma vida tranquila e próspera para suas famílias no Brasil. Anos depois, esses relatos dos mais velhos seriam a inspiração para que ele traçasse sua própria trajetória, exercendo a medicina, e mais tarde, a política para colaborar na comunidade da qual sua família se tornou parte.

“O Líbano nunca deixou de estar em nossos corações, mas tudo que nosso povo lá sofreu nos motivou para trabalhar pela pátria promissora que nos acolheu”, celebra Mitre hoje aos 79 anos.

O primeiro Mitre a desembarcar no Brasil foi o avô, João Mitre, nascido no Líbano em 1867. A convite do amigo Miguel Haddad, ele chegou no final da década de 1880 estabelecendo-se em Oliveira, na época importante rota comercial com força política e hegemonia regional. João Mitre trabalhou como mascate, economizou e voltou ao Líbano para buscar a esposa Emília. De volta a Oliveira tornou-se comerciante, como era praxe na colônia libanesa.

“Com a chegada dos imigrantes libaneses, justamente no fim do século 19, Oliveira passou por uma grande transformação socioeconômica. É daquele tempo o surgimento das famílias

tradicionais, como os Haddad, Mattar e, claro, Mitre”, observa o médico. “Acredito que o fato de terem vindo de uma terra distante, que enfrentava sucessivas crises, dominações e guerras - e munidos de grande força de trabalho - tenha contribuído para o posterior desenvolvimento comercial e industrial da região”, afirma.

Os filhos de João Mitre, Michel e Felipe Silvio começaram ajudando o pai na empreitada familiar. Segundo Silvio Mitre, seu pai e seu tio foram muito bem-sucedidos no Rio de Janeiro, enriqueceram, mas tiveram que recomeçar anos depois quando retornaram a Oliveira.

“Meu pai, Felipe Silvio, passou a viajar com frequência, prestando serviço para uma firma no Rio. Depois, montou seu próprio negócio. Casou-se em 1936 com minha mãe, Maria da Conceição, que se tornaria conhecida como dona Neném”, conta o dr. Mitre. João Mitre, o patriarca, morreu em 1952. Felipe Silvio deu continuidade ao negócio fundado pelo pai, onde trabalhou até o final da vida, aos 83 anos, na década de 1990.

DE MASCATES A DOUTORES

Se a primeira geração de imigrantes se destacou e se espalhou por todo o Brasil no comércio, seus descendentes se inseriram em outros setores da economia nacional. Inúmeros firmaram-se como profissionais liberais: médicos, advogados, engenheiros etc. “Meu pai nunca foi para o Líbano, mas carregava o Líbano consigo, em seu exemplo e prática de vida. Esse foi seu grande legado”, orgulha-se.



Os Mitre: Vitória Mitre, Michel Mitre (pai do jornalista Fernando Mitre), Malvina Mitre (mãe da Léa Mitre), Roxana Mitre, Silvio Mitre, Nabi Mitre e Julieta Mitre, em retrato do século passado



Matriarca: Maria da Conceição - conhecida por todos como dona Neném - mãe de Silvio Mitre



Patrimônio histórico e familiar: O casarão dos Mitre no centro da cidade. Um marco da imigração



Casal Mitre: Maria da Conceição e Silvio Mitre deram origem a uma das famílias mais conhecidas da comunidade libanesa de Oliveira

Na vida pública, Silvio Mitre encontrou vários descendentes de libaneses. Recorda dois deles com carinho especial: Charles Lofti e o cardeal Nasrallah Boutros Sfeir

O casal Felipe Silvio e dona Neném teve quatro filhos. Décio, o primogênito, nascido em 1937, fez carreira na imprensa mineira no exercício Direito. Ainda estudante em Belo Horizonte foi cronista político do extinto “Correio de Minas”. Como advogado foi presidente do Instituto dos Advogados de Minas Gerais, corregedor da Prefeitura de Belo Horizonte, corregedor e presidente do Tribunal de Justiça Militar do Estado e hoje é juiz aposentado. Maurício se formou em medicina e se especializou em cardiologia. Flávio, o caçula, seguiu os passos do pai e do avô e continuou no comércio.

Silvio Carvalho Mitre, nascido em 24 de janeiro de 1947, optou pela medicina - especializando-se em cardiologia - atraído pelo aspecto humano da prática e pela possibilidade de contribuir efetivamente com a população.

Formou-se em medicina tendo como mestre o professor Euryclides Jesus Zerbini (1912-1992) - pioneiro em transplantes de coração na América Latina - de quem se tornou amigo. E acompanhou o mestre quando Zerbini visitou Oliveira para proferir palestras e ser homenageado nas comemorações do Memorial Carlos Chagas, criado pelo governador Tancredo Neves.

O médico conta que depois de clinicar durante uma década, concluiu que era preciso ir além do consultório para fazer a diferença. “Ao me deparar com tanta precariedade e limitações na área da saúde, decidi atuar de forma social mais ampla”. Assim tornou-se diretor clínico e provedor do Hospital São Judas Tadeu, em Oliveira, entre as décadas de 1970 e 1980.

ENCONTROS MARCANTES

Mitre ingressou na política nos anos 1980, sendo eleito deputado estadual. Foi constituinte durante o mandato dos governadores mineiros Tancredo Neves, Aécio Neves e Eduardo Azeredo. Em Brasília, atuou como coordenador político nos ministérios da Saúde e Comunicação ao lado do ministro Pimenta da Veiga e do deputado Carlos Mosconi.

Na vida pública, Silvio Mitre encontrou vários descendentes de libaneses. Recorda dois deles com carinho especial: Charles Lotfi, criador e ex-presidente da Confederação Nacional das Entidades Líbano-Brasileira - morto em 2020 - e o cardeal Nasrallah Boutros Sfeir, patriarca da Igreja Maronita, que conheceu durante a visita do prelado ao Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, em 1999.

Sobre Lotfi diz: “O conheci quando ainda era presidente da Associação Comercial de Minas Gerais. Inteligente, preparado e muito culto, era um exemplo, uma pessoa por demais abnegada”. Quanto ao patriarca maronita conta que, apesar do caráter puramente diplomático do encontro: “Pude estar com ele longamente e foi uma grande honra. Uma das mais importantes autoridades espirituais com participação impactante no processo de pacificação do Líbano durante a guerra civil”.

Sua trajetória política foi interrompida momentaneamente durante um breve retorno à medicina. Depois de ser aprovado em concurso, Mitre se tornou médico perito da Previdência



Transição democrática: Silvio Mitre com Tancredo Neves, ex-governador de Minas e o primeiro presidente civil - não empossado - depois do regime militar



Do álbum de família: Dona Neném e Silvio Mitre com os rapazes Décio, Silvio, Maurício e Flávio



Juventude risonha e franca: Os irmãos Flavio, Mauricio, Silvio e Décio Mitre em momento de comemoração



União fraterna: Décio, Silvio, Mauricio e Flavio Mitre nos dias de hoje

“A melhor maneira de homenagear nossos antepassados, é buscar em suas histórias força e energia para atingir as metas que eles se esforçaram para estabelecer”

Social. “Uma volta que me permitiu manter a conexão com minhas origens e com a realidade da saúde no Brasil. Foi a função na qual acabei me aposentando”, explica.

E A VIDA CONTINUA

Hoje, um dos orgulhos do dr. Mitre é Oliveira possuir o maior pronto-socorro do Centro-Oeste de Minas, uma referência regional. E não há dúvida que essa conquista se deve à presença das várias colônias de imigrantes que lá se estabeleceram.

Enquanto isso, ele dá sua visão sobre a força contínua da presença libanesa em todo o Brasil, 150 anos depois da chegada do primeiro navio trazendo imigrantes. “Na tradição libanesa, tão importante quanto o trabalho é o núcleo familiar. Diferente do que acontece muitas vezes no Brasil, onde muitos torcem o nariz ao se falar sobre família, quando não valorizam e até combatem esse conceito. Para sírios e libaneses, família é identidade, respeito e compromisso. Os imigrantes sempre tiveram apego à educação e à união da família. Foram marcas deles no Brasil todo, em grandes centros como Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo e também aqui em Oliveira”, crava.

Silvio se casou com Maria Helena Cambraia Guimarães na década de 1970. Tiveram dois filhos, o economista Eduardo, que mora em Belo Horizonte, e o arquiteto e urbanista Bruno, residente no Rio de Janeiro. Maria Helena faleceu em 2017. “Um dos momentos mais difíceis da minha vida e foi justamente o apoio da família o fator decisivo para atravessá-lo”, declara.

Há quatro anos o médico casou-se novamente, dessa vez com a pedagoga e executiva Vanessa Oliveira Mattar, de outra tradicional família libanesa da cidade. “Meu pai se chamava Fuad Mattar e minha mãe Laurita de Oliveira. Embora ela não seja de ascendência libanesa, ao se casar com meu pai, abraçou de todo o coração à tradição da família e a ela se dedicou”, diz Vanessa. Ela cresceu entre Curitiba e Rio de Janeiro, trabalhou com educação e mais tarde tornou-se executiva. Porém, em uma dessas reviravoltas da vida, deixou tudo para iniciar outro projeto ao lado de Silvio Mitre.

O casal não conhece o Líbano, mas tem o desejo de conhecer o lugar que é a origem de tudo. “Cheguei a ir a Chipre certa vez e pensei em esticar até o Líbano, porém meu pai me dissuadiu de ir, com medo do que poderia acontecer. Quem sabe em um breve futuro?”, arrisca ela.

Para os Mitre, os Mattar e as demais famílias de origem libanesa em Oliveira, mesmo depois de tanto tempo as reuniões em torno da mesa farta prosseguem e preservam os laços de união das novas gerações com os antepassados descendentes dos fenícios. Sim, em Oliveira tudo acaba convergindo para a confraternização a base da deliciosa culinária libanesa.

“A melhor maneira de homenagear nossos heroicos antepassados, é buscar em suas histórias força e energia para atingir as metas que eles se esforçaram para estabelecer e deixar como exemplos de trabalho e superação”, conclui Silvio de Carvalho Mitre. ■



Os Mitre no século 21: Eduardo e Daniela Mitre, com as filhas Helena e Duda, Vanessa Mattar e dr. Silvio e Bruno Mitre



Encontro marcante: Silvio Mitre com o professor Euryclides de Jesus Zerbini, pioneiro no transplante de coração na América Latina



Representatividade: Dr. Silvio Mitre entre o governador paulista Mario Covas e o parlamentar Pimenta da Veiga



Apoio: O governador Mario Covas com Silvio Mitre durante campanha eleitoral em Oliveira



Fiel à tradição: Flavio Mitre, o irmão caçula - aqui com a mulher (...) - se estabeleceu como comerciante, seguindo o legado dos antepassados

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

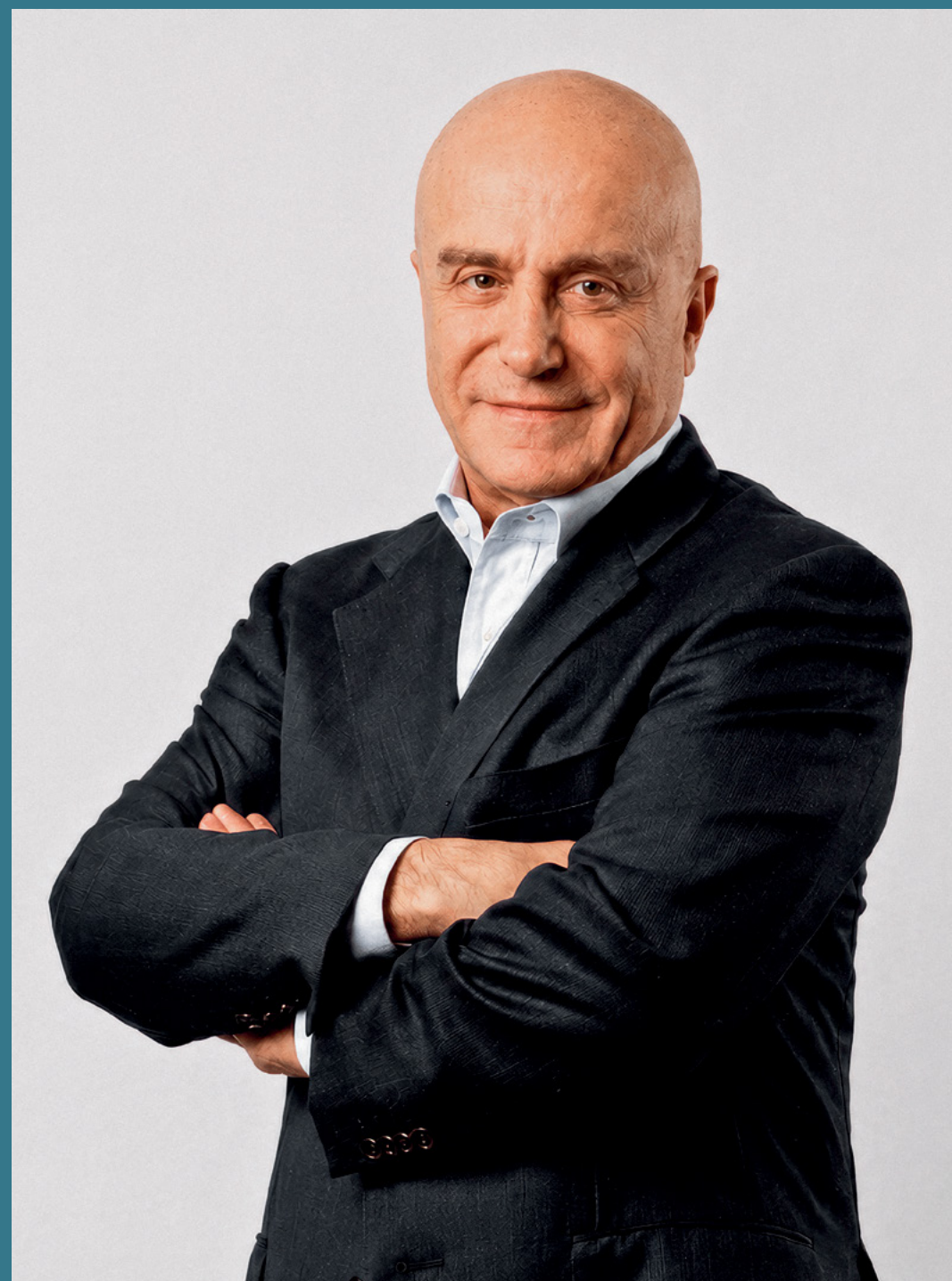
SALIM MATTAR

RAÍZES EM OLIVEIRA,
PROJEÇÃO NACIONAL

“VER MEU PAI
TRABALHAR
FOI COMO
VER TODOS
OS IMIGRANTES
LIBANESES”

Oliveirense raiz, o empresário e proprietário da Localiza fala longamente sobre como foi crescer na grande comunidade libanesa. Sobre tudo, tendo o pai como exemplo e mentor da vida inteira

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



Ideais liberais: Fundador da Localiza - maior empresa do setor no País - o ilustre filho de Oliveira, Salim Mattar, se destacou tanto no empresariado quanto na vida pública. Foi ministro da Desestatização no governo anterior e criou instituições voltadas à formação de lideranças. “Hoje o meu sonho é ter uma boa saúde para viver plenamente a minha vida”, afirma

Natural de Oliveira, Minas Gerais, José Salim Mattar Júnior é um dos nomes de destaque do empreendedorismo brasileiro. Formado em Administração de Empresas, foi fundador da Localiza Rent a Car, criada em Belo Horizonte, em 1973, a partir de uma pequena frota de apenas seis Fuscas usados. Sob sua liderança e de seus sócios, o negócio cresceu e se transformou em uma das maiores empresas de aluguel de veículos da América Latina.

Descendente de libaneses, Salim Mattar construiu uma trajetória marcada pelo empreendedorismo e pela defesa da livre iniciativa. Além da atuação empresarial, participou da criação de instituições voltadas à formação de lideranças e à difusão das ideias liberais no Brasil. Entre 2019 e 2020, integrou o governo federal como secretário especial de Desestatização, Desinvestimento e Mercados do Ministério da Economia.

Para Oliveira, sua terra natal, Salim Mattar representa uma trajetória que ultrapassou as fronteiras de Minas Gerais: um filho de família de origem libanesa que levou para o cenário empresarial brasileiro o espírito empreendedor cultivado por gerações de imigrantes e seus descendentes.

Durante a conversa com Carta do Líbano declarou: “Hoje o meu sonho é ter uma boa saúde para viver plenamente a minha vida”.

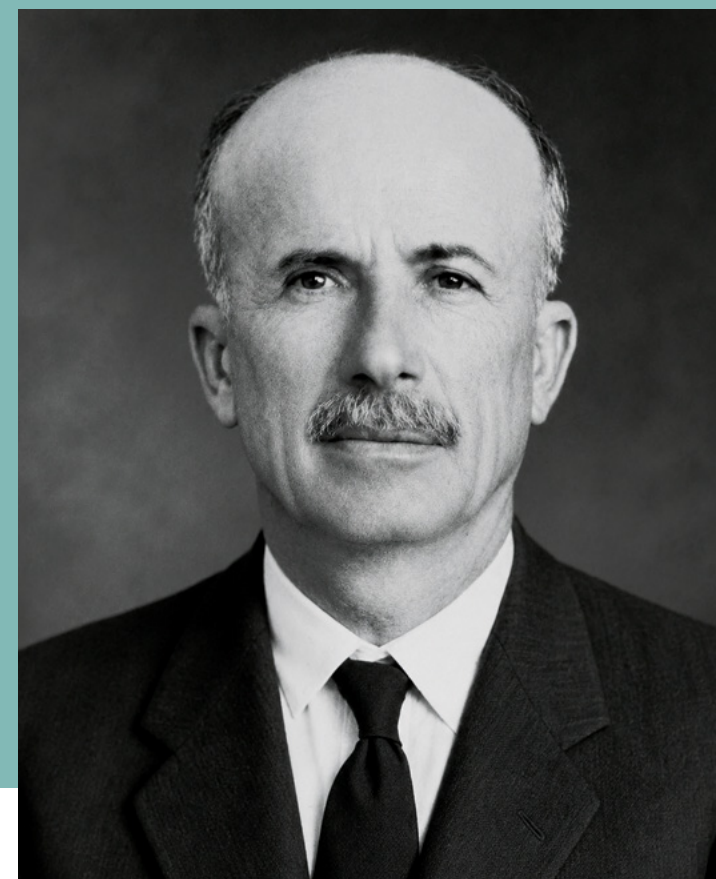
CARTA DO LÍBANO: O que sua raiz libanesa representa em sua vida e na sua trajetória empresarial?

SALIM MATTAR: Nasci em Oliveira, interior de Minas Gerais, e nessa cidade havia um grande contingente de libaneses e descendentes de libaneses, uma comunidade muito forte. O que me chama atenção é que vivi pelo lado paterno as tradições libanesas e, pelo lado materno, as tradições brasileiras. Minha mãe era descendente de portugueses - ela faleceu há quatro anos, aos 104 anos de idade. Então, vivi no ambiente exato do que é o Brasil, uma mescla de culturas. Muitos dos libaneses que conheci ainda

falavam apenas árabe entre eles, e eu achava aquilo muito divertido, porque não conseguia entender nada, enquanto eles conversavam naquele idioma e riam muito. Mesmo criança eu sabia que eram muito unidos, muito amigos. Faziam grandes almoços, festas e eram solidários uns com os outros. Em Oliveira era forte a presença libanesa no comércio. Os principais armazéns da cidade - principalmente no comércio de café e arroz - pertenciam aos imigrantes libaneses ou aos filhos dos imigrantes. Além de outras casas comerciais, postos de gasolina, concessionárias de automóveis. Eles se diferenciavam por isso. Lembro que poucos filhos de libaneses seguiram a carreira da Medicina, do Direito... A maioria deles operava no comércio de Oliveira que atendia toda a região: Santiago, Cláudio, Carmo da Mata, Itapeverica e Carmópolis de Minas. Até porque Oliveira tinha a ferrovia, o que facilitava o transporte e a comercialização dos produtos. Cresci tendo colegas com sobrenomes libaneses: Haddad, Curi, Saber, Gabriel, Mitre. Todos eram chamados de “turcos” pela população. Muitos não falavam português, ou falavam enrolado e com forte sotaque. Tudo isso era motivo de curiosidade para os brasileiros, ver aquelas pessoas se esforçando para falar português e sempre amáveis, muito educadas. Como imigrantes, eles precisavam ser bem acolhidos pela comunidade onde estavam. Tratavam todos muito bem, brincavam com os brasileiros e se integraram completamente. Essa mescla que existe até hoje no Brasil, um país excepcional com essa miscigenação fantástica: indígenas, negros, portugueses, libaneses, alemães, poloneses, japoneses, italianos. Nós morávamos perto da estação de trem, da rede ferroviária federal, e me recordo daqueles vagões cheios de mercadorias, normalmente dos armazéns libaneses. Uma grande quantidade de caixas e sacos de mercadoria distribuída para os armazéns de Oliveira e redistribuída para as cidades periféricas, como São Tiago, Carmo da Mata e Carmópolis, onde também houve imigração libanesa. Naquela época, anos 1940, 50 e 60, eram primordialmente armazéns, concessionárias, postos de gasolina, linhas de ônibus, transportadoras. Tudo que envolvia o comércio era operado pelos libaneses e seus descendentes.



Registro histórico: (acima) no balcão da Casa Syria, famoso armazém do Morro do Ferro - distrito de Oliveira - por várias gerações. “Seu” Salim (à esquerda), o patriarca dos Mattar, foi proprietário de fazendas, produziu manteiga, teve transportadora, linha de ônibus, posto de gasolina, imóveis para aluguel. (ao lado) Salim Alfredo Mattar na maturidade. Homem de seu tempo, fiel aos princípios dos antepassados na vida e nos negócios



“Meu pai era cordial, educado e muito solícito. Não importava se era um cliente pequeno ou um grande, ele tratava todo mundo igual. Por isso era muito querido”

CARTA: O senhor cresceu nesse ambiente e foi isso que o inspirou a entrar nos negócios bem cedo?

SALIM: Meu pai costumava me levar para o escritório com ele. Era um armazém e comecei a trabalhar lá aos 8 anos. Eu e meus irmãos. Foi o exemplo do meu pai para seus filhos. Eu via o tanto que meu pai trabalhava. Via como se fosse um filme e fui gravando o que acontecia, como ele comprava, como vendia, como se relacionava com as pessoas e com os fornecedores. Além da relação dele com a concorrência e com outros segmentos de negócio. Ver meu pai trabalhar foi como ver todos os imigrantes libaneses. Eles abriam diariamente seus estabelecimentos muito cedo e fechavam muito tarde. Inclusive ficavam abertos aos sábados, domingos e feriados porque era quando as pessoas do campo, fazendeiros, sitiantes, pequenos proprietários de terras, iam para a cidade fazer compras. Domingo era dia de muito movimento. Aos domingos o armazém do meu pai abria às oito da manhã e fechava às 13 horas, 14 horas. E ele sempre lá, presente. Só não estava no armazém quando ia buscar mercadoria no Rio, em São Paulo ou outra cidade. Às vezes ficava uma semana fora. As estradas então eram muito precárias e para ir até o Rio de Janeiro podia levar até três dias na época de chuva quando os caminhões atolavam. Meu pai ia mais para São Paulo, onde havia mais mercadorias à venda. Durante um tempo meu pai teve uma transportadora e nós chegamos a morar dois anos na cidade de Itapeverica. Era uma frota de caminhões Ford F6, F7 e F8 para transportar

grafite de Itapeverica até o Porto de Santos, para exportação. Depois ele voltou para o comércio em Oliveira. Nos anos 1940 meu avô Alfredo teve uma linha de ônibus ligando Morro do Ferro à Oliveira. O ônibus eram aquelas jardineiras feitas parcialmente de madeira. Meu tio Jamil também estava no ramo de transporte, assim como o tio Ibrahim, que possuía uma transportadora e fazia viagens semanais para Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. A transportadora do meu avô foi a maior de Oliveira por muitos anos. Era natural investir em outros tipos de comércio. Por exemplo, o tio Ibrahim era dono de um posto de gasolina. Na época do lançamento da marca de refrigeradores Frigidaire, o negócio era ter uma concessionária para vender geladeiras. Emílio Haddad, amigo do meu pai, tinha uma concessionária de automóveis Chevrolet que também vendia geladeiras. Por isso, a melhor lição que recebi do meu pai foi trabalhar vendo-o trabalhar. Assimilei todos os detalhes, e o que mais me tocou foi o carinho e a atenção que ele dedicava a cada cliente. Era cordial, educado e muito solícito. Não importava se era um cliente pequeno ou um grande, ele tratava todo mundo igual. Por tudo isso era muito querido pela clientela. Durante um período na vida dele, antes de ter o armazém, ele foi trader, procurava oportunidades de mercado. Por exemplo, naquela época era muito comum faltar mercadorias, então se faltava feijão em Oliveira, ele ia comprar feijão no Rio Grande do Sul. Trazia caminhões de feijão e comercializava na região. Certa vez, eu

me lembro, chegou uma locomotiva com cerca de cinco mil sacas de açúcar que ele negociou com os atacadistas da região.

CARTA: Qual a sua lembrança do seu avô?

SALIM: Perdi meu avô muito cedo, em 1953, eu tinha quatro anos de idade e tive pouca convivência com ele. Mas me recordo claramente que na casa dele havia um coreto no quintal com uma mesa e uma cadeira. Era onde ele tomava café. eu ia visitá-lo pela manhã e o via bebendo o que aqui no Brasil chamamos de “café turco”, aquele decantado, muito forte. Ele me chamava: “Vem menino, vem. Bebe, bebe...”. Eu bebia, fazia cara feia e ele ria. Aí tirava uma moeda do bolso e me dava. Então meu maior prazer era tomar café com meu avô para ganhar uma moeda. Lembro dele muito elegante, vestido com terno de linho, colete, um relógio de bolso, chapéu e gravata. Não era de falar muito, mas eu sentia nele uma energia diferenciada. Para mim ele também foi um exemplo. Chegou ao Brasil, pelo que consta, no final de 1898, pelo Porto de Santos, aos 14 anos de idade, com 6 dólares no bolso. E um papel onde estava escrito “Chico Mattar, São João Del Rey, Minas Gerais, Brasil. A única coisa que trouxe para se comunicar, porque não falava uma palavra em português. Levou algum tempo para chegar em São João Del Rey e encontrar com esse primo que se estabelecera na cidade mineira, teve sucesso nos negócios e mandou uma carta para o Líbano chamando alguns primos para virem para o Brasil. Ele ajudou meu avô comprando um cavaleiro e uma mala e lhe emprestou algum dinheiro para começar a trabalhar como mascate. Na mala de papelão ele levava lenços de seda, facas, canivete, caneta, coisas que naquela época não existiam no interior. Aos domingos ele vendia as mercadorias na porta da igreja e perto de um campo de futebol. Durante a semana andava pelas fazendas ao redor de São João del Rei, na região de Santiago, vendendo coisas que não se encontravam por lá. Minha mãe contava que ele dizia que os brasileiros eram acolhedores, de bom coração e o recebiam muito bem. Ele contava também que

Nascente do sucesso: Já no início, a mais tarde tradicional Casa Syria, se destacava do casario da região pelo porte e imponência. Salim Alfredo Mattar legou aos descendentes o milenar espírito empreendedor



quando ia vender pelas fazendas normalmente era convidado para almoçar. Ele acabou fazendo amizade com as pessoas e se transformou em uma espécie de conselheiro. Quando queriam fazer um negócio, como vender a fazenda porque o pai havia falecido, iam se aconselhar com meu avô. Eles confiavam naquela figura sóbria, elegante, educada e cuidadosa que inspirava a confiança. Meu avô nasceu em Mejdlaya, a 45 minutos de Beirute, uma pequena vila de maioria drusa, um povo muito perseguido naquela época. Por isso era normal mandar jovens de 15, 16, 18 anos de idade para outros países, principalmente para o Brasil. Assim meu avô veio porque não havia condições dele sobreviver em sua cidade. Ele teve de ter muita coragem e foi o legado que nos deixou. Corajoso, trabalhador e trabalhava sete dias por semana até o final da vida. Minha mãe me contava que quando meu pai pediu a ele que o ensinasse a falar árabe, ele respondeu: “Para que falar árabe? Nós não vai mais voltar. ‘A Brasil’ é a nossa ‘bátria’”. Ele tinha medo de que se meu pai e os outros filhos aprendessem árabe, pudessem ir para o Líbano e não voltar mais. E ele gostava muito do Brasil, tinha uma bandeirinha brasileira na mesa do escritório. Ele cozinhava bem e, com muita



Na linha Morro do Ferro-Oliveira:
A primeira jardineira de “seu” Salim para
ligar as duas cidades. Quem não tinha
dinheiro não pagava a passagem.
A população retribuía ao empresário
com respeito, admiração e carinho

paciência, ensinou minha mãe a preparar todas as iguarias libanesas. Ele gostava de comer pratos libaneses aos sábados e domingos.

CARTA: Quais valores do legado da sua família foram fundamentais para o seu sucesso como empresário?

SALIM: Eu diria que foi o trabalho. Isso veio do meu avô, do meu pai e todos nós temos prazer em trabalhar. É a nossa principal motivação. Nunca cheguei em casa e falei para minha esposa, Rafaela, “hoje eu estou cansado”. O trabalho nunca me cansou, podia ser 12, 18 horas por dia e eu não me cansava. Eu poderia me aborrecer com algum problema, como um funcionário que teve de ser demitido, nunca cansado de trabalhar. Feliz aquele que tem no trabalho uma forma de expressar a gratidão de viver. Quando você trabalha, está fazendo alguma coisa útil, está contribuindo com todo o mundo. O que você faz no seu trabalho é uma fonte de realização e o legado que você deixa aqui na Terra.

CARTA: Qual a decisão que mais impactou a sua vida?

Salim: Meu pai faleceu em um acidente, aos 48 anos. Eu tinha 13 anos. Éramos nove e filhos, tínhamos

um comércio e assumimos o negócio. Duas irmãs já estavam estudando em Belo Horizonte e o mais velho estava vivendo e trabalhando em Juiz de Fora. Então meu irmão e eu começamos a trabalhar no nosso armazém. Eu fui gerenciar o negócio. Isso com 13 anos, e fez com que eu amadurecesse mais cedo. Meu pai, para mim, foi um grande professor. Desde pequeno ele me levava para o trabalho e eu voltava sozinho, porque eram só três quarteirões até em casa. Assim, quando ele faltou foi como se tivesse deixado tudo escrito. Maktub: tudo estava escrito, preparado.

CARTA: Que conselhos o senhor daria para os jovens que desejam empreender hoje?

SALIM: Primeiro têm que saber se querem ser profissionais liberais, empreender algo próprio, ou trabalhar para empresas. Muitos querem ser servidores públicos, prestar concurso, trabalhar para o governo. E outros desejam pintar, ser um escultor, um poeta. Essa é a maravilha do ser humano, procurar a sua própria identidade. Então, hoje o jovem pode ser um empreendedor e, para isso, precisa ser diferenciado, irrequieto, ter uma visão e aceitar desafios. No Brasil tudo vai contra o empreendedor. A taxa de juros é muito elevada. Para tomar um empréstimo com juros de 15% é quase impossível. A legislação trabalhista é contra o empreendedor porque é cheia de detalhes e o empreendedor tem que conhecer cada um deles. Existe também muita burocracia, com licenças da prefeitura, do estado, do meio ambiente. Tudo é demorado e muito oneroso, além do ambiente econômico instável. Por isso, para empreender o jovem precisa ser corajoso e muito trabalhador. Mas é claro que existe espaço, porque a economia brasileira é grande e diversificada.

CARTA: O senhor lembra de alguma história curiosa dos patrícios libaneses em Oliveira?

SALIM: Certa vez meu pai comprou um carneiro, que ficava no jardim da nossa casa e chamamos de Bito. Meus irmãos e eu fizemos uma carrocinha e o Bito puxava a carroça. Quando ele pulava a gente caía. Então nós criamos esse carneiro e

“Dedico dois dias por semana aos três institutos que eu mantenho: Instituto Liberal, de Formação de Líderes e a Associação Pelo Livre Mercado”

ele era nosso amigo. Um dia, depois de jogar futebol com os amigos, cheguei em casa e vi que o Bito não estava no jardim, que é onde ele ficava. Procurei em casa, procurei na rua e nada. Voltei para casa e ouvi um barulho de vozes, de risadas, gargalhadas, no fundo do quintal. Era meu pai com cinco amigos, sentados, conversando, rindo, alguns falando árabe. Bebiam cerveja e na mesa tinha tabule, pepino, alface, muito rabanete. E um dos amigos do meu pai, seu Ibrahim Simão, estava perto da jabuticabeira tirando a pele... do Bito, que estava pendurado na árvore. O fígado dele estava em cima da mesa, ainda fumegante. E eles estavam comendo o fígado com vinagre. eu fiquei apavorado, porque era o nosso carneiro de estimação. Durante dias a carne de carneiro foi o prato da casa. Fiquei sem saber o que fazer e todos rindo. Aí descobri que o carneiro não era meu, era do meu pai que tinha comprado com os amigos para comer a carne. Então veio na minha cabeça, mesmo eu sendo muito pequeno, que às vezes a alegria de uns pode ser a tristeza de outros. Para mim foi um momento de grande tristeza, mas fiquei com esse aprendizado.

CARTA: Que mensagem deixaria para a comunidade libanesa de Oliveira hoje?

SALIM: É uma comunidade muito grande. Tem os Saber, Gabriel, Elias, Miguel, Mata, Cury, Mitre. Todas as famílias já chegaram na sexta geração. Então, muitos descendentes já perderam um pouco da nossa história. E é preciso resgatá-la, com suas tradições, ser grato e ter orgulho dela.

Eu sinto falta em Oliveira de não se dar mais tanta importância ao legado dos imigrantes que chegaram na cidade.

CARTA: Depois de tantas conquistas, qual ainda é o maior sonho de Salim Mattar?

SALIM: Os sonhos variam de acordo com a nossa idade. Um jovem sonha, um jovem casal quer ter um apartamento... ter um carro... Então eu diria que hoje o meu sonho é ter uma boa saúde para viver plenamente a minha vida. Curtir meus filhos, meus netos, meus amigos. E poder distribuir entre os amigos e a comunidade tudo aquilo que aprendi. Atualmente, aos 77 anos, dedico dois dias por semana aos três institutos que eu mantenho: Instituto Liberal, Instituto de Formação de Líderes e a Associação Pelo Livre Mercado. É uma dedicação pelo Brasil, disseminando as ideias liberais, que são as melhores, para que o país possa ser uma grande nação, uma potência, e para que as pessoas que aqui vivem possam ser felizes, terem qualidade de vida, saúde, boa educação e segurança. Já fiz a sucessão nas minhas empresas e estou no momento de fazer a sucessão patrimonial e familiar. Tenho quatro netos e três netas. Tenho um netinho caçula e vou ter que contar para ele a história do vovô Alfredo, meu avô Alfredo Salim Mattar. Meu pai era José Salim Mattar e minha mãe Alzira Coutinho Mattar. Eu sou José Salim Mattar Jr. A minha esposa também é descendente de libaneses, Rafaela Abrão. É mais libanesa do que eu, porque o pai dela era 100% libanês e a mãe era brasileira. Ela é 50% libanesa e eu 25%. ■

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

FERNANDO MITRE

“ACREDITO NO BRASIL E NOS BRASILEIROS DE FORMA REALISTA”

Mineiro de Oliveira, o diretor de jornalismo da Rede Bandeirantes faz um balanço de mais de seis décadas como profissional da informação - dos agitados anos 1960 à vertigem digital dos dias atuais. Além da herança ancestral e do legado futuro

FOTOS: DIVULGAÇÃO & ÁLBUM DE FAMÍLIA



Profissional da informação: Aos 83 anos, Fernando Mitre, viveu, reportou, comentou e analisou os grandes acontecimentos políticos e sociais da história recente do País. Sempre através dos maiores veículos de comunicação. Além de ter sido pioneiro nos debates entre presidentiáveis

“Não tenho dúvida que cresci sob o signo dessa dignidade, pelo comportamento de meu pai, um homem obcecado pela família, pelo trabalho”

Fernando Mitre tem 83 anos, mais de 60 deles dedicados ao jornalismo. Passou pelo icônico “Jornal da Tarde” - do qual foi diretor de redação por 13 anos - introduziu na TV brasileira o debate entre candidatos à Presidência da República - na Rede Bandeirantes - e, como ele mesmo diz na entrevista a seguir, viu a democracia “morrendo e renascendo” no País. Porém, antes de responder às perguntas de Carta do Líbano sobre a carreira jornalística e o quão profundas são suas raízes libanesas, ele brinda nossos leitores com uma reflexão/memória sobre a família e os valores que moldaram sua pessoa, vida e obra.

“A casa do meu avô, que frequentei intensamente na minha infância, foi e é muito importante para mim. Ainda me acompanha a imagem daquela mesa comprida do almoço de domingo, com a figura venerável do meu avô ocupando sua cadeira numa das pontas, como quem preside uma cerimônia. Estou me lembrando agora do silêncio respeitoso e curioso de seus filhos, noras e netos, que se seguia quando ele começava a contar alguma história do Líbano. É um passado que frequenta o meu presente até hoje.

Posso imaginar hoje o rapaz de 19 anos, tentando guiar seu burrinho pela zona rural, ainda selvagem, do país estranho, carregado

de mercadorias e levando junto a carga mais preciosa: a menina bonita, pouco mais que adolescente, que veio com ele do Líbano e o acompanhou enquanto viveu.

Não esqueço aquele sorriso permanente da minha avó, que nos abandonou mais cedo. Mas que teve tempo de viver intensamente ao lado do marido, desde os primeiros esforços do obcecado caixeiro-viajante pelas picadas das Minas Gerais.

João e sua Emília, enquanto criaram uma bela família - não sem seus momentos de perda e sofrimento - construíram três fortunas, que desapareceram por força de circunstâncias da vida e da história.

Um incêndio destruiu um enorme armazém com milhares de sacas de café compradas à vista. Uma guerra baixou drasticamente os preços de uma grande casa comercial, abarrotada por um estoque de qualidade. Uma doença comprometia e chegou a impedir o trabalho do seu comandante, pondo tudo a perder. Assim desapareceram três fortunas, construídas com dignidade e trabalho. Ficou a dignidade, a grande herança que passou para a família.

Não tenho dúvida de que cresci e me formei - ou fui formado - sob o signo dessa dignidade, que se expressava e eu captava, desde a infância, pelo comportamento de meu pai, um homem obcecado pela família, pelo trabalho e pelos valores que dele adquiri.

O milagre da memória - que supera o tempo trazendo o passado para o presente



Quinha e Michel Mitre com o menino Fernando: “Meus pais! Testemunhei um hino de amor que durou pouco”, conta o jornalista

“Eu vi a democracia morrendo. Vinte anos depois, comandando a cobertura, já como diretor de redação, da Jornada das Diretas, vi a democracia renascendo”

- me proporciona ainda hoje momentos de encantadora convivência com aquele personagem que continua essencial na minha vida.

O seu infarto precoce que me impactou aos 17 anos - filho mais velho entre cinco irmãos órfãos - não me privou do exemplo permanente de Michel Mitre. Ainda consigo vê-lo atrás de um dos longos balcões da grande loja da esquina na praça principal de Oliveira, conversando com o irmão e sócio, o tio Silvio, que viveu por longos anos, como um presente de Deus para a família. As cartas que guardo dele, me incentivando a estudar, ilustram a minha gratidão. Elas estão na base do meu início profissional, quando o estudo, já conjugado com o trabalho, ia encaminhando e consolidando minha vida de jornalista.

E hoje, como um jornalista com 64 anos de profissão, me emociono com toda essa memória, provocado pelas perguntas que tento responder agora, quando vejo que algumas delas já estão até respondidas no texto que acabei de escrever.”

CARTA DO LÍBANO: Sua carreira atravessa algumas das fases mais importantes da história recente do Brasil. O que mais mudou no jornalismo desde que o senhor começou?

FERNANDO MITRE: Mudou tudo, a tecnologia avançou, o sistema de comunicação é outro, as redes sociais ocupam um espaço crescente na sociedade, por onde transita uma avalanche permanente de fake news e tudo isso torna cada vez mais importante o jornalismo profissional e ético

CARTA: Entre tantas coberturas e entrevistas, qual momento considera o mais marcante de sua trajetória profissional?

FERNANDO: Em mais de 60 anos de jornalismo, vivenciei muitos episódios fundamentais da nossa história política. Eu cobri, como repórter, bastante jovem, o famoso comício do presidente Jango, em 1964, na Central do Brasil, alguns dias antes da queda. Eu vi, portanto, a democracia morrendo. Vinte anos depois, comandando a cobertura, já como diretor de redação, da Jornada das Diretas, eu vi a democracia renascendo. Na campanha eleitoral de 1989, produzindo os primeiros debates entre candidatos a presidente, eu vi a democracia amadurecendo - o que não significa que ela não precise de cuidados sempre. A democracia é a minha referência. Conto tudo isso no meu livro “Debate na Veia - Democracia no Centro do Jogo”.

CARTA: Qual é o maior desafio do jornalismo brasileiro na era das redes sociais e da inteligência artificial?

FERNANDO: Os deveres do jornalista são sagrados: o primeiro compromisso é com a realidade factual. É preciso uma atenção permanente a isso, fugindo do perigo da distorção. Dimensionar o fato e colocá-lo no seu contexto correto, com absoluto rigor ético, é outro desafio. E mais: acompanhar, fiscalizar e cobrar os poderosos com coragem e isenção. Tudo isso torna-se cada vez mais difícil, com maiores perturbações, na era das redes sociais e da IA.

“Acompanhar, fiscalizar e cobrar os poderosos com coragem e isenção. Tudo isso torna-se cada vez mais difícil na era das redes sociais e da IA”

CARTA: Em sua opinião, quais qualidades distinguem um grande jornalista?

FERNANDO: A dedicação, a ética, o compromisso com o fato, conjugados com o trabalho intenso e o estudo permanente sem isso o jornalista não cresce.

CARTA: Depois de décadas observando a vida política e social do país, o senhor continua otimista em relação ao futuro do Brasil?

FERNANDO: Acredito no Brasil e nos brasileiros de forma realista.

CARTA: O senhor é descendente de libaneses. Que histórias de sua família sobre a imigração mais o marcaram ao longo da vida?

FERNANDO: A história da minha família, uma história exemplar de coragem e realizações, sempre me inspirou.

CARTA: Quais valores herdados de seus antepassados libaneses tiveram maior influência em sua formação pessoal e profissional?

FERNANDO: Fernando: Cada episódio, cada personagem, cada ensinamento e cada exemplo que formam a preciosa herança que recebi de meus antepassados me enriqueceram e me enriquecem como pessoa e profissional.

CARTA: Como o senhor enxerga a contribuição da comunidade libanesa para a construção do Brasil?

FERNANDO: A presença libanesa na história do

Brasil é visível na sua intensidade e grandeza a partir de qualquer ângulo que se queira abordar. Tanto o simples observador quanto o mais sofisticado historiador tem aí um oceano de estímulos, entre camadas profundas de informações e realizações - seja no comércio, na indústria, na agricultura, na medicina, nas Artes, ou na política. Ou além disso. Mas tudo começa na síntese milagrosa e comovedora do encontro de culturas e sentimentos que nos une e enriquece. Está é a obra principal dos nossos antepassados, quando pisaram no seu novo país.

CARTA: A identidade libanesa ainda está presente em seu cotidiano? De que forma ela se manifesta em sua vida?

FERNANDO: empre presente, a identidade libanesa está na base dos meus valores, da minha visão de mundo e, portanto, no meu comportamento.

CARTA: Ao olhar para sua trajetória, que legado gostaria de deixar para as próximas gerações de jornalistas e descendentes de imigrantes?

FERNANDO: Espero que meu trabalho tenha sido útil ao país e que possa ser referência para os colegas jovens.

CARTA: Se pudesse resumir em uma frase o que recebeu de seus antepassados libaneses e o que procurou transmitir ao longo de sua vida, qual seria essa mensagem?

FERNANDO: Uma mensagem de trabalho e dignidade. ■

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

DÉCIO DE CARVALHO MITRE

QUEM NÃO PRESERVA SUAS RAÍZES PERDE A DIREÇÃO DA VIDA

Nome renomado na magistratura em Minas Gerais, o juiz reflete sobre vida, carreira e a dimensão familiar que marca a cidade de Oliveira há mais de um século

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



“Atento às necessidades de todos”: Décio Mitre é conhecido pela longa carreira no funcionalismo público e na magistratura. “Tem a ver com a minha herança libanesa”, afirma.

Em outubro do ano passado, em cerimônia realizada na Câmara Municipal de Belo Horizonte, o magistrado Décio de Carvalho Mitre recebeu o título de Cidadão Honorário do município. Mais do que uma homenagem, a honraria reconhece as mais de seis décadas de trabalho e contribuição ao Direito e à justiça em Minas Gerais.

“Fiquei com o coração imensamente grato por essa homenagem recebida dos advogados e da Câmara. Nesses mais de 60 anos, fui funcionário público, presidente de tribunal, corregedor da Prefeitura, sempre lutando e fazendo as coisas da forma correta e atento às necessidades de todos.

Mas sei que a história começa muito antes e tem a ver com minha herança libanesa. Uma história maravilhosa, mas sempre desafiadora e sofrida”, declarou Mitre na ocasião.

Com certeza, o advogado, corregedor e juiz se referia à trajetória da própria família, iniciada há muito tempo em Oliveira, o enclave mineiro que acolheu considerável contingente de imigrantes vindos da Terra dos Cedros. Além da participação decisiva no desenvolvimento do comércio na região, a primeira geração, que chegou ao Brasil buscando melhores condições de vida, viu seus descendentes investirem e prosperarem em outros setores, como indústria e serviços. Filhos e netos se beneficiaram da importância que a colônia libanesa sempre dedicou à educação estudando e, mais tarde, se

“Pelo menos duas vezes por semana, todos se reuniam, conversavam, discutiam todo tipo de assunto. Muito no Brasil aconteceu ao redor das mesas libanesas”

destacando como profissionais liberais, na área da saúde e inclusive na vida pública.

FAMÍLIA NUMEROSA E RESILIENTE

Em Oliveira, a família Mitre teve como protagonista João Mitre - avô do magistrado Décio - nascido no Líbano, em 1867, que chegou no Brasil entre as décadas 1880 e 1890. Veio a convite de um parente e estabeleceu-se na cidade, já uma importante rota comercial, com força política e hegemonia regional. Como muitos dos patrícios na época, começou na lida de mascate, economizando primeiro para buscar uma esposa, depois para manter a família de dez filhos Emília: Vitória, Tufy, Chafi, Balbina, Michel, Felipe Silvio, Naby, Ruksana, Julieta e Malvina.

Aos poucos os Mitre viram a vida melhorar e João deixou para trás as crises, a dominação e a guerra que castigavam o país de origem. O magistrado conta: “Eles estavam muito bem de vida. Tanto que os dois filhos mais velhos, Tufy e Chafi, estudavam na Europa”. Porém, uma tragédia atingiu em cheio a família.

Em 1921, de férias em Oliveira, os rapazes decidiram ir nadar no Rio Carandaí. O primeiro que entrou foi tragado pelas águas e o irmão, que tentou salvá-lo, também afundou e os dois se afogaram. Os corpos nunca foram encontrados.

A seguir a família se mudou para o Rio de Janeiro, tentando recomeçar a partir da sociedade com um primo e visando oferecer melhores

condições de estudo para os outros filhos. Mas no caminho houve o crash na Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, e João Mitre mais uma vez teve que alterar a rota e a família retornou a Oliveira.

CONVERSAS AO REDOR DA MESA

Os ventos da mudança carregaram para longe as más e a família restabeleceu a estabilidade emocional e financeira. Os filhos Michel e Felipe Silvio passaram a trabalhar com o pai no comércio familiar, tornando-se muito bem-sucedidos. “A perda dos filhos foi um baque e tanto para meu avô”, diz Mitre. “Meu pai chegou a ser dono de um dos prédios mais antigos e mais bonitos da cidade. Uma construção histórica e com mais de 100 anos, que ele reformou e preservou, transformando-o em um modelo e numa inspiração para nós e para toda a população”, afirma orgulhoso.

Muito do desenvolvimento econômico de Oliveira se deve à força empreendedora e de trabalho dos imigrantes. Muito unida, a colônia libanesa buscava o progresso. Mitre lembra dos almoços e jantares da infância, na casa do avô. “Pelo menos duas vezes por semana, todos se reuniam lá, conversavam, discutiam todo tipo de assunto. Era um encontro bastante familiar. Hoje não vemos mais essas coisas, mas muito no Brasil aconteceu ao redor das mesas libanesas”. O avô João Mitre faleceu em 1952, enquanto o filho Felipe Silvio Mitre continuaria tocando os negócios até sua morte, na década de 1990, aos 83 anos.



Família em primeiro lugar: O magistrado cercado pelos filhos orgulhosos. Carolina, Gustavo, Liliane e Ana Margarida

O gosto pela política e o talento na escrita o levaram primeiro à crônica diária na imprensa. Durante anos manteve uma coluna no extinto “Correio de Minas”

Felipe Silvio se casou com Maria da Conceição, conhecida como dona Neném. O casal teve quatro filhos. Além de Décio Mitre, o médico cardiologista Silvio - eleito duas vezes deputado estadual - Maurício, também cardiologista; e o caçula Flavio, que seguiu os passos do pai no comércio.

CONEXÃO ANCESTRAL

Décio Carvalho Mitre, nasceu em 23 de outubro de 1937. Cresceu e estudou até o ginásio - o antigo ensino fundamental - na cidade, mas aos 15 anos, percebeu que era preciso sair de casa para continuar os estudos e realizar seus sonhos. Naquele tempo, Oliveira uma cidade muito pequena não oferecia os chamados cursos Científico e Clássico - atual ensino médio - que preparavam para o ensino superior. E assim, o jovem mudou-se para Belo Horizonte. Entre 1963 e 1966, Mitre ainda voltaria para a cidade natal, onde se tornou vereador, porém fixou residência definitiva na capital mineira.

O gosto pela política e o talento na escrita o levaram primeiro à crônica diária na imprensa. Durante anos manteve uma coluna no extinto “Correio de Minas”, comentando e debatendo projetos e ações do Executivo e do Legislativo do estado, os anseios da população, trazendo informação e opinião aprofundada.

Já formado em direito atuou como advogado, destacando-se na área cível-empresarial. Mais tarde, ingressou no setor público como corregedor da

Prefeitura de Belo Horizonte. Pautado sobretudo pela ética, por três vezes foi levado à Presidência do Instituto dos Advogados de Minas Gerais, e tornou-se juiz do Tribunal da Justiça Militar - por indicação da OAB - onde também foi corregedor, vice-Presidente e presidente. Antes de se aposentar, ainda presidiu o Tribunal de Ética e Disciplina da OAB mineira.

Hoje, ele se divide entre Belo Horizonte e Oliveira. A prioridade é estar junto à família, como preza a tradição libanesa. “Minha esposa, Maria Auxiliadora Marques de Carvalho Mitre, faleceu há oito anos, mas estou sempre com minhas filhas e meu filho, bênçãos em minha vida. Todos versados na culinária libanesa”, garante. O filho Gustavo também é advogado, foi deputado estadual e atualmente é prefeito da cidade mineira de Itaúna, além de pai orgulhoso de Ana Margarida, médica; Liliane, psicóloga; e Carolina, fisioterapeuta.

Décio Mitre nunca foi à terra dos antepassados, porém mantém o sonho. Deseja conhecer Salima, a histórica vila montanhosa histórica no distrito de Baabda, de onde seu avô partiu há cerca de 150 anos.

“Manter vivas as tradições é algo muito importante. Quem não preserva suas raízes perde a identidade e a direção da vida. Em minhas veias, corre o sangue árabe, o sangue libanês. Temos que nos orgulhar dessa herança e não deixar que o tempo apague quem somos”, acredita ele, indicando o caminho para a novas gerações. ■



Cidadão honorário: Filhos, genros e nora. (sentados da esquerda para a direita) Com a nora Natália e o filho Gustavo. A filha Liliane, o genro Luiz Gustavo, a filha Ana Margarida, o genro Arnaldo, a filha Carolina e o genro Roberto. Ao lado, o magistrado recebe o título de Cidadão Honorário do município das mãos do vereador Maninho Felix. Reconhecimento do povo oliveirense

JOÃO HADDAD

“COSTUMO DIZER QUE SOMOS UMA FAMILIA ABENÇOADA”

Ele cresceu enquanto a pequena Oliveira se transformava. Do pioneirismo do pai, da carreira política do irmão e da sua própria trajetória nos negócios e na vida pública, João Haddad guarda a memória de toda uma comunidade

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



Homem público: João Haddad é lembrado pela gestão como prefeito de Oliveira. Porém, bem antes ele já estava envolvido na solução de problemas da comunidade e no desenvolvimento do município

“Aqui era tudo o ‘João turco’, o ‘José turco’... Mas é melhor não confundir. Nós, os libaneses, somos descendentes dos fenícios, os maiores navegadores”

Ele ainda mora na mesma Praça XV de Novembro, em Oliveira (MG), da sua infância - de onde se ausentou apenas durante o tempo em que se formou em Direito, pela Universidade Cândido Mendes, e viveu na capital carioca como funcionário da Fiat Automóveis, por 11 anos. Hoje, aos 94 anos, é ali que reúne a família e recebe os muitos amigos feitos durante uma longa trajetória como empresário e na vida pública - como vice-prefeito e prefeito de Oliveira. Nascido em uma das famílias mais dinâmicas e influentes da região. Seu avô chegou no Brasil durante a Primeira Guerra Mundial, enquanto o pai, Emilio Haddad, tornou-se próspero comerciante. O irmão, Emilio Haddad Filho - morto em 2009 - foi prefeito de Oliveira, além de deputado estadual por duas vezes e deputado federal. Em resumo, João Haddad é a história viva da comunidade libanesa oliveirense e é disso que fala nesta entrevista à Carta do Líbano.

CARTA DO LÍBANO: De que cidade do Líbano veio a sua família?

JOÃO HADDAD: De Falougha, distrito Metn, que hoje fica à meia hora de carro de Beirute. Acho muito bom poder falar sobre o Líbano e de como nossa família veio se estabelecer aqui em Oliveira. Estamos falando de uma época quando o Líbano era domínio francês e havia uma crise política e econômica, inclusive com muitas famílias passando fome.

Além, da influência que havia dos ingleses também. Quando houve a Segunda Guerra Mundial muitas pessoas da nossa família vieram como imigrantes para cá. Chegaram primeiro em São Francisco de Paula (MG), que na época se chamava São Francisco de Oliveira e recebia os que chegavam do Líbano.

CARTA: Eram todos Haddad?

JOÃO: Sim. Meu avô, Elias Miguel, já estava aqui quando meu pai chegou, em um dos últimos grupos da imigração. Meu pai conheceu minha mãe e se casou em São Francisco de Paula, onde viviam os Miguel e os Canaã. Depois vieram para Oliveira, onde já estavam os Mitre, os Narciso, os Gabriel e os Mattar. Somos das famílias libanesas mais antigas da região, todas católicas. Essas famílias começaram a se estabelecer em Oliveira e noventa por cento do comércio na cidade era árabe, principalmente libanês, com uma pequena fração de sírios. Na verdade, no início da imigração, Líbano e Brasil não tinham ligações diplomáticas e os imigrantes, tanto libaneses como sírios, tinham que vir através da Turquia. Chegavam aqui com passaporte turco e, por isso, eram conhecidos como “turcos”. Só depois que D. Pedro II estabeleceu ligação diplomática com o Líbano isso mudou. Aqui era tudo o “João turco”, o “José turco”... Mas é melhor não confundir. Nós, os libaneses, somos descendentes dos fenícios, os maiores navegadores e comerciantes do mundo. Hoje, aqui em Oliveira, temos catalogadas 37 famílias de origem libanesa, mas já localizamos cerca de 150 pessoas que são descendentes diretos.



Família Haddad: Filho caçula, Paulo posa entre os pais, Lile e Emilio Haddad, e com os irmãos Emilio, Elias, João e Antônio

“A primeira geladeira, a primeira televisão em preto e branco e a primeira em cores foi meu pai quem trouxe para a cidade. Um homem de grande visão”

CARTA: Em que ano seu avô chegou no Brasil?

JOÃO: Tenho 94 anos e perdi muitos documentos da família, então não posso dizer a data exata, mas deve ter sido há mais de cem anos.

CARTA: Ele veio casado?

JOÃO: Sim. Mas ele veio uma vez e, quando acabou a Primeira Guerra Mundial, voltou para o Líbano. Tudo que ele construiu por lá passou para o meu pai, Emílio Haddad, que veio para o Brasil depois da Segunda Guerra e se fixou em Oliveira, foi um pioneiro da cidade, construiu a primeira rodoviária. Ele se casou em São Francisco de Paula com a filha de Elias Miguel, Lile Miguel Haddad. A rodoviária ficava aqui ao lado, onde hoje estamos construindo um conjunto de lojas. Meu pai teve cinco filhos: Eu, João, Elias, Emilio, Paulo e Antônio. Assim como meu pai, eu também tenho cinco filhos homens. Costumo dizer que somos uma família abençoada. Um dos meus irmãos foi ministro da Fazenda e do Planejamento. Meu irmão Emilio Haddad Filho foi prefeito de Oliveira, além de deputado estadual e federal. Eu fui vice-prefeito, vereador e prefeito. Meu outro irmão, Antônio, é cientista, está aposentado e mora em Ribeirão Preto (SP). E os outros são empresários.

CARTA: Quanto são os descendentes da família Haddad em Oliveira, hoje?

JOÃO: Só da minha parte são 17, entre filhos, netos e bisnetos. Ao todo devem ser mais de 30 pessoas.

CARTA: Todos os descendentes do seu avô.

JOÃO: Sim. A primeira geladeira, a primeira televisão em preto e branco e a primeira em cores foi meu pai quem trouxe para a cidade. Ele era um homem muito dinâmico de grande visão social. Foi também quem trouxe a primeira agência do Banco do Brasil para Oliveira. Era revendedor dos mais famosos eletrodomésticos, dono do posto Esso e proprietário da linha de ônibus de Oliveira para Belo Horizonte. Sendo que trouxe o primeiro ônibus de luxo, o primeiro veículo Ford, o primeiro veículo Chevrolet e também quem introduziu o fogão a gás, da marca Liquigás.

CARTA: O senhor conheceu o Líbano?

JOÃO: Não por causa da Guerra Civil. Mas gostaria muito, porque ainda temos muita família por lá. Infelizmente estão sofrendo por causa dos bombardeios feitos por Israel. E o povo libanês é pacífico. Enviei uma carta para o ex-presidente Michel Temer pedindo que ele intervenha com Israel pelo Líbano e que faça um tratado de paz duradouro.

CARTA: O que o senhor conserva dos valores e das tradições libanesas?

JOÃO: Os libaneses são um povo honrado e trabalhador. Fui educado em uma época quando tudo era muito difícil. Hoje, aqui em Oliveira, uma vez por ano reunimos a comunidade libanesa em um grande encontro durante um almoço e com muita conversa. Com isso atraímos os mais jovens para participar da vida da colônia. Procuramos manter a colônia unida e muitas outras famílias participam da vida comunitária. ■



Retrato com o patriarca: A família de Elias Miguel reunida. No centro da foto, o avô materno de João Haddad entre os numerosos familiares



Um homem dinâmico: Emilio Haddad com a mulher Lile Miguel. Ele foi o primeiro a comercializar eletrodomésticos e também abriu a primeira agência do Banco do Brasil em Oliveira



Recém-chegado: Emílio Haddad, ainda jovem, pouco depois de deixar a terra natal



Memórias e pão de queijo: João Haddad durante a entrevista para Carta do Líbano, com o editor Fouad Naime

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

EUGÊNIO MATTAR

“SONHE GRANDE,
MAS MANTENHA
A HUMILDADE
PARA APRENDER
TODOS OS DIAS”

À frente de uma das marcas mais conhecidas e emblemáticas do setor automobilístico nacional, o empresário mineiro fala a Carta do Líbano sobre a evolução dos negócios. Sempre pautado pelo fator humano

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Clima de montanha: Eugênio Mattar em momento de contemplação e reencontro das raízes, ao visitar a Terra dos Cedros de seus antepassados

“Estratégias podem mudar, cultura é o que sustenta uma organização ao longo do tempo. Cultura e talento são muito mais difíceis de serem copiados”

Um dos sócios fundadores da Localiza, Eugênio Mattar é presidente do Conselho de Administração da empresa locadora de automóveis, criada em 1973, em Belo Horizonte. Graduou-se em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Minas Gerais - onde também fez pós-graduação em Engenharia Econômica. Além da trajetória de sucesso nos negócios, destaca-se pelas iniciativas de ação social. Defende atitudes transformadoras para melhorar a vida das pessoas na formação de uma sociedade mais igualitária. É fundador do Movimento Bem Maior - para estimular investimentos em filantropia no país - e preside o Junior Achievement - que promove o empreendedorismo em escolas públicas - entre outros programas ligados ao terceiro setor.

CARTA DO LÍBANO: A Localiza se tornou uma das maiores empresas do Brasil. Na sua visão, quais foram as decisões mais importantes para essa trajetória de crescimento?

EUGÊNIO MATTAR: Acredito que o crescimento da empresa foi resultado de uma combinação de visão de longo prazo, disciplina na execução e valorização das pessoas. Desde o início, buscamos construir uma empresa sólida, baseada em processos, governança e foco absoluto no cliente. Algumas decisões foram particularmente

importantes. A primeira foi profissionalizar a gestão cedo, entendendo que uma empresa que deseja crescer precisa ir além de seus fundadores. Outra foi investir continuamente em tecnologia e inovação, mesmo em momentos de incerteza. Também tivemos coragem para tomar decisões estratégicas de expansão e consolidação quando enxergamos oportunidades relevantes para fortalecer nossa posição no mercado. Mas, acima de tudo, acredito que a grande decisão foi construir uma cultura forte, baseada em ética, meritocracia, simplicidade e obsessão por servir bem o cliente. Estratégias podem mudar; cultura é o que sustenta uma organização ao longo do tempo. Desde cedo entendemos que pessoas e cultura seriam mais importantes do que os próprios ativos que possuíamos. Carros podem ser comprados por qualquer concorrente; cultura e talento são muito mais difíceis de serem copiados.

CARTA: Como o senhor enxerga o futuro da mobilidade e quais serão os principais desafios para empresas como a Localiza nos próximos anos?

EUGÊNIO: O conceito de mobilidade está passando por uma transformação profunda. Cada vez mais as pessoas valorizam o acesso em vez da posse. O que importa é ter uma solução eficiente, conveniente e econômica para se deslocar. Vejo um futuro cada vez mais conectado, digital e orientado por dados. Tecnologias como inteligência artificial, eletrificação,



Os Mattar: O empresário com a mulher Camila, os quatro filhos, dois genros e cinco netos. Laços de família que unem gerações

“Aprendi que liderança exige coragem para tomar decisões difíceis. Liderar é muitas vezes escolher entre duas alternativas imperfeitas”

veículos conectados e novas plataformas de serviços continuarão mudando a experiência dos clientes. Os desafios serão muitos. Precisaremos acompanhar a velocidade da transformação tecnológica, responder às demandas ambientais e manter elevados padrões de eficiência operacional. Além disso, será fundamental continuar entendendo as mudanças de comportamento dos consumidores para oferecer soluções cada vez mais personalizadas. Empresas vencedoras serão aquelas capazes de se adaptar rapidamente sem perder sua essência. A verdadeira transformação não será tecnológica. Será comportamental. As novas gerações estão muito mais interessadas em mobilidade eficiente do que em possuir um carro.

CARTA: O que diferencia uma empresa familiar que consegue se transformar em uma organização sólida e longa?

EUGÊNIO: O principal é entender que a empresa não existe para servir à família; a família deve servir ao propósito da empresa. Empresas familiares bem-sucedidas costumam ter clareza sobre sucessão, governança e meritocracia. Elas sabem separar os papéis de acionista, conselheiro e executivo. Também conseguem preservar seus valores fundadores sem resistir às mudanças necessárias. A longevidade depende da capacidade de preparar novas gerações, atrair talentos externos e tomar decisões pensando em décadas, não em resultados imediatos. Uma família empresária bem

estruturada compreende que patrimônio e legado são consequências de uma gestão responsável e sustentável. Uma empresa familiar prospera quando entende que não é dona do futuro da empresa; ela é apenas guardiã temporária desse legado. A passagem para a segunda e demais gerações depende menos de patrimônio e mais de valores.

CARTA: Ao longo da sua carreira, qual foi a decisão mais difícil que precisou tomar como líder?

EUGÊNIO: As decisões mais difíceis normalmente envolvem pessoas. Estratégias podem ser revistas e investimentos podem ser recuperados, mas decisões que afetam vidas demandam enorme responsabilidade. Ao longo da carreira, enfrentei momentos em que foi necessário promover mudanças importantes para garantir a sustentabilidade da empresa no longo prazo. Nesses casos, o desafio não era apenas decidir, mas conduzir o processo com transparência, respeito e humanidade. Aprendi que liderança exige coragem para tomar decisões difíceis, mas também sensibilidade para entender o impacto que elas geram nos outros. Liderar é muitas vezes escolher entre duas alternativas imperfeitas.

CARTA: Quais valores considera indispensáveis para formar novas lideranças empresariais?

EUGÊNIO: Eu destacaria cinco valores. Primeiro, integridade. A confiança leva anos para ser

“Meus pais e avós me ensinaram que trabalho não é apenas uma forma de ganhar a vida e sim uma forma de honrar a família e contribuir para a sociedade”

construída e pode ser perdida em poucos minutos. Segundo humildade para aprender continuamente. O mundo muda rápido demais para quem acredita já saber tudo. Terceiro, disciplina na execução. Ideias são importantes, mas resultados vêm da capacidade de entregar. Quarto, respeito pelas pessoas. Nenhum líder constrói algo relevante sozinho. E, por fim, visão de longo prazo. Bons líderes administram o presente; grandes líderes constroem o futuro. O conhecimento abre portas, mas o caráter é o que sustenta a caminhada.

CARTA: A família Mattar tem origem libanesa. Que ensinamentos herdados dessa tradição familiar mais contribuíram para sua vida e para a cultura da empresa?

EUGÊNIO: Tenho muito orgulho das minhas raízes libanesas. A cultura libanesa valoriza profundamente o trabalho, a família, a educação, a perseverança e o espírito empreendedor. Desde cedo aprendi a importância da honestidade, do esforço constante e da responsabilidade com a palavra dada. Também herdei a crença de que dificuldades devem ser enfrentadas com resiliência e otimismo. Esses valores influenciaram não apenas minha trajetória pessoal, mas também a forma como enxergamos a construção de uma empresa: relações de confiança, respeito às pessoas, visão de longo prazo e disposição para inovar sem perder os princípios. Meus pais e avós me ensinaram que trabalho não é apenas uma forma de ganhar a vida e sim uma forma de honrar a família

e contribuir para a sociedade. Muitas vezes o único patrimônio que o imigrante possui é sua reputação, cresci aprendendo o valor disso.

CARTA: Que conselho o senhor daria aos jovens empreendedores que sonham em construir empresas duradouras e de impacto?

EUGÊNIO: Meu principal conselho é: pensem grande, mas construam passo a passo. Muitos empreendedores focam excessivamente na velocidade e pouco na consistência. Empresas duradouras são construídas com propósito claro, disciplina financeira, atenção ao cliente e capacidade de aprender continuamente. Também recomendo cercar-se de pessoas melhores do que você em diversas áreas. O sucesso de uma empresa depende da qualidade de sua equipe muito mais do que da genialidade de seu fundador. Por fim, não busquem apenas criar valor econômico. Procurem gerar valor para clientes, colaboradores, acionistas e para a sociedade. Quando isso acontece, o crescimento se torna consequência e o legado tem muito mais chance de perdurar. Empresas duradouras não são construídas para o próximo trimestre, mas para as próximas gerações. Sonhe grande, mas mantenha a humildade para aprender todos os dias. A construção de uma grande empresa é uma maratona, não uma corrida de velocidade. O que permanece ao longo do tempo não são apenas os resultados financeiros, mas os valores, as pessoas e o impacto positivo que deixamos para as próximas gerações. ■

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

ARESLAN EUSTÁQUIO MARTINS

DIREITO, JUSTIÇA, E INABALAVEL LEGADO FAMILIAR

Conhecido pelo competente desempenho como promotor de Justiça em Carmo da Mata (MG), o promotor Areslan Eustáquio Martins, destaca as tradições e os valores das raízes árabes - bem plantadas na cidade de Oliveira - como principal fator em sua trajetória pessoal e profissional

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Tolerância zero: Nas últimas décadas, graças às investigações comandadas pelo promotor Areslan Eustáquio Martins, de Carmo da Mata (MG), a corrupção tem sido desmantelada na região

“Trabalhei no comércio com meu pai. Dirigi o táxi dele e administrei o seu hotel. Uma lição de vida. Aprendendo não apenas a fazer negócios, mas a honrar e ser correto”

Crise nas instituições, denúncias de corrupção, desvio de dinheiro público e falta de transparência sempre são ameaças à democracia em uma nação. Combatê-los é uma necessidade primordial.

Por isso, a atuação da Promotoria de Justiça na região de Carmo da Mata, município localizado no interior de Minas Gerais, tem chamado a atenção tanto de autoridades quanto da opinião pública.

Nas últimas décadas, graças às investigações comandadas pelo promotor Areslan Eustáquio Martins, complexos mecanismos de corrupção têm sido desmantelados, maus governantes afastados e, por meio de ações judiciais, elevadas quantias retornam aos cofres públicos dos municípios. Em 40 anos de carreira pública, Martins se tornou conhecido pela integridade e pela dedicação e compromisso com os interesses públicos, virtudes que ele acredita que não apenas venham de berço, mas que trata como alguns dos mais importantes legados de sua ascendência libanesa.

De acordo com levantamento da imprensa local, somente nas duas últimas décadas, o trabalho do promotor e de sua equipe no combate ao crime organizado, à corrupção e à improbidade administrativa permitiu que quase R\$2 milhões voltassem aos cofres municipais. Um caso emblemático aconteceu na construção de um poço artesiano, quando apenas parte do

material declarado foi utilizado na obra. Depois da investigação, a Promotoria conseguiu assinar um acordo com a construtora que indenizou a cidade e permitiu os devidos reparos à comunidade. “Não nos faltam leis, mas precisamos do cumprimento delas. Sou legalista e de opinião que a tolerância é perigosa. Mas procuro ser justo dentro da lei, obedecendo o princípio da isonomia, independente de quem esteja do outro lado. Somente assim, a vida fica melhor para todos. Tolerância zero com o crime”, decreta. Aos 67 anos, Martins se encontra no auge da experiência e atividade profissional.

Formado em direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o promotor fez carreira desde 1986 dentro do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, em Carmo da Mata, sua cidade natal situada a 170 quilômetros de Belo Horizonte. Porém, suas raízes estão na vizinha Oliveira, cidade onde cresceu e iniciou a vida profissional. “Trabalhei no comércio com meu pai. Dirigi o táxi dele e administrei seu hotel”, lembra. E acrescenta: “Foi uma lição de vida, aprendendo não apenas a fazer negócios, mas a honrar e ser correto, valores de família, trazidos do Líbano por meu avô”.

LIBANESES DAS MINAS GERAIS

A família Martins tem origem em Choueifat, no sul do Líbano, nas proximidades de Beirute. Foi lá que nasceu Kalil Afif, avô do promotor. “Quando ele chegou ao Brasil, no começo do século 20, adotou o nome Alfredo José Martins”, conta. Por



Em família: O promotor Martins com a esposa Maria Marcia, as filhas Aline Soares Martins e Paula Soares Martins e o filho Alan Soares Martins

“Hoje, até na política do estado e do país, temos descendentes daqueles imigrantes que construíram a cidade e a deixaram para ganhar a nação”

aqui, também conheceu Dorvalina Vieira de Souza, com quem se casou e tiveram sete filhos: Kalil José, Nacib Alfredo, Nazira Adélia, Salim Alfredo, Antônio Guido Claret, Fuad e Areslan. A família passou por Morro do Ferro, São Tiago e Ritápolis, antes de se estabelecer em Oliveira.

Como grande parte dos imigrantes libaneses, Alfredo José Martins aventurou-se no comércio para ganhar a vida. Inicialmente como mascate e logo abrindo uma vendinha na Alameda Nossa Senhora de Fátima, no bairro Cabrais, um dos lugares mais tradicionais de Oliveira. Foi ali que o caçula Areslan, pai do promotor Martins nasceu, em 1929, cresceu e começou a trabalhar.

“Somente mais tarde, quando conheceu minha mãe, Marlene Fagundes, que meu pai abriu seus próprios negócios, tornando-se motorista de táxi e dono de hotel. Como bons libaneses, a família sempre foi muito unida. Almoços e jantares com mesas fartas sempre foram tradição em casa”, recorda.

A união não era apenas na casa dos Martins. Desde cedo, a emergente comunidade libanesa de Oliveira deu as mãos. Isso garantiu não apenas a preservação da cultura e tradições, mas também se tornou fator decisivo para o desenvolvimento da cidade e da região. “A partir do comércio, os libaneses de Oliveira passaram a investir no setor agropecuário, na construção civil e, finalmente, no setor de serviços. Os filhos e netos desses imigrantes se tornaram profissionais liberais,

advogados, como eu, médicos, professores e engenheiros. Hoje, até na política do estado e do país, temos descendentes daqueles imigrantes que construíram a cidade e a deixaram para ganhar a nação”, diz Martins.

Segundo ele, apesar da aparente dispersão, os patrícios sempre voltam a se encontrar. Periodicamente, a colônia libanesa local realiza jantares e festividades de confraternização, lembrando das muitas histórias passadas e se atualizando das novidades. Até pouco tempo atrás, quem estava à frente desses acontecimentos era o ex-prefeito João Haddad. Atualmente, mesmo após o afastamento de Haddad da organização, a comunidade encontra um jeito de promover o encontro pelo menos uma vez no ano.

SABORES E SABERES

A convivência em família e com outras famílias libanesas moldaram a vida do promotor. “São tradições que acabam não apenas sendo transmitidas de pais para filhos, mas permanecem como memória afetiva. É a tia que vai para a cozinha preparar charutos com folhas de uva ou o kibe cru. Ou os filhos aprendendo como fazer negócios ou trabalhando no comércio. E não me refiro apenas a ganhar dinheiro, mas a valorizar o respeito e a palavra”, explica o promotor, que fez questão de aprender a cozinhar para continuar saboreando os pratos libaneses. “Foi meu tio Salim quem me ensinou. O charuto e o kibe cru

“Meu pai nunca foi ao Líbano. Espero que a situação mude em breve, pois faço planos de, quando me aposentar, conhecer o Líbano. Será a realização de um sonho”

se tornaram minhas especialidades, carros-chefes do cardápio lá em casa. Quem aproveita é minha esposa Maria Márcia Soares. E procurei passar esse ensinamento também para meus três filhos e, agora, para meus dois netos. A capacidade de transmitir o conhecimento de uma geração para outra é uma das melhores heranças que recebemos”, acredita.

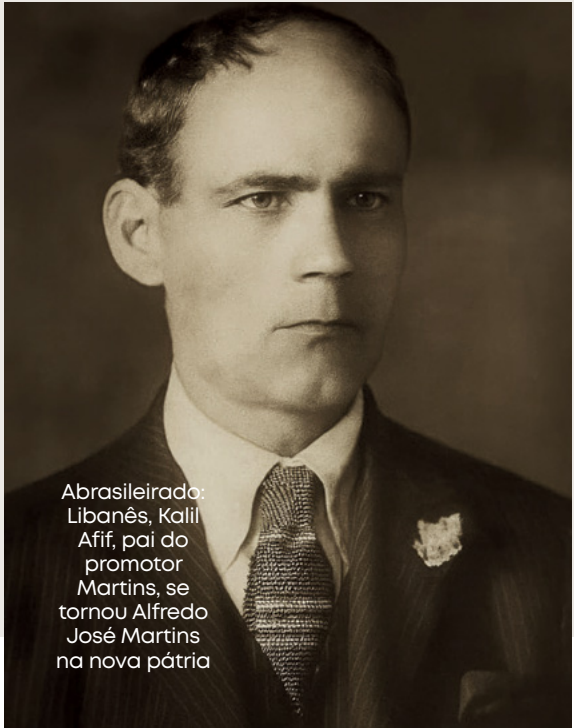
O promotor também não se esquece das muitas histórias contadas por seu pai, especialmente as de seu avô, que ele não chegou a conhecer em vida. São histórias de um homem forte, de grande fibra, lutador e defensor de seus ideais. Um guerreiro que, apesar das dificuldades, não desistiu nem voltou atrás. Essas histórias de luta e de superação moldaram sua vida. “Foi o maior legado que recebi.

Meus irmãos e eu crescemos ouvindo esses relatos, desejando conhecer e viver como eles. Sim, não foi fácil, mas eles venceram e se tornaram exemplos para nós”, define.

Areslan Martins é o mais velho de seis irmãos. Três deles seguiram seus passos de e cursaram Direito. Omar, que reside em Belo Horizonte, e as irmãs Micheline e Suede, que se tornaram escritoras judiciais. Apenas a irmã Patrícia optou por um caminho diferente, formando-se em Arquitetura e Urbanismo. “Um de nossos irmãos, Neif, faleceu. Para os demais, o comércio foi o ponto de partida e cada qual escolheu sua própria carreira”, conta.

Nenhum deles, no entanto, conhece as terras que serviram de cenário para as histórias contadas pelo avô e pelo pai. “É até curioso, pois meu pai também nunca foi ao Líbano”, diz o promotor. Na verdade, de toda a família Martins apenas o tio Salim conheceu o país dos antepassados. Oficial do do exército, tio Salim chegou a visitar o Líbano duas vezes, conhecendo a cidade natal do pai, porém não encontrou mais ninguém da família por lá.

Independente disso, Martins conserva o desejo de conhecer o país de origem da família e que tanto moldou sua própria vida. “Atualmente, a situação por lá não é das melhores, com muitos conflitos, internos e com outras nações, mesmo após o fim da guerra civil. Espero, sinceramente, que a situação mude em breve, pois faço planos de, quando me aposentar, conhecer o Líbano. Será a realização de um sonho”, conclui. ■



Abrasileirado: Libanês, Kalil Afif, pai do promotor Martins, se tornou Alfredo José Martins na nova pátria

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

JOÃO BOSCO RIBEIRO

“O ASPECTO INDUSTRIAL NOS FORTALECERÁ”

Além da preservação do mais antigo veículo impresso do estado, “A Gazeta de Minas” - fundado em 1887 - o jornalista oliveirense reflete sobre a presença libanesa na cidade e as perspectivas futuras para a região

FOTOS: FOUAD NAIME & ARQUIVO GAZETA DE MINAS



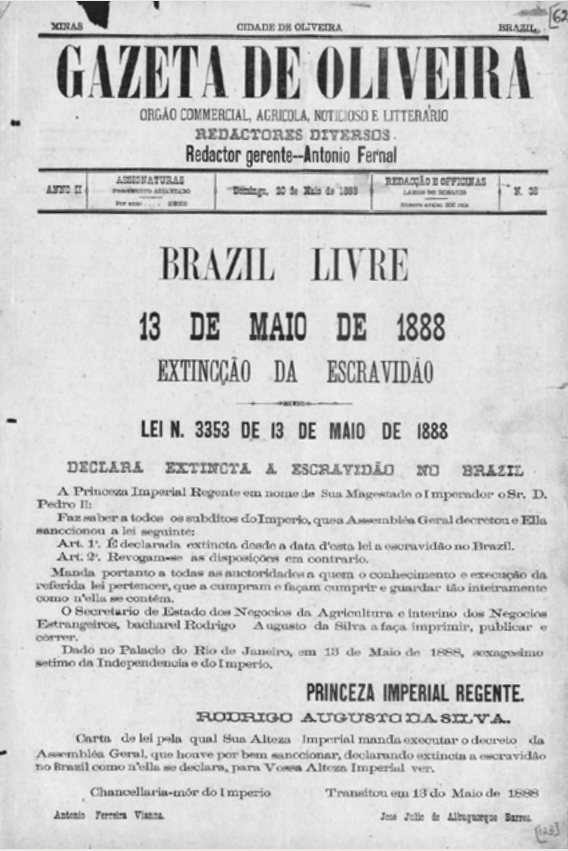
Veterano homem de imprensa: João Bosco Ribeiro, diretor do jornal “Gazeta de Minas”, destaca a importante contribuição da comunidade libanesa para a história, a economia e a vida cultural de Oliveira

“Os libaneses que vieram para Oliveira nunca estranharam o novo ambiente, pelo ponto de vista da nação ou de povo, muito pelo contrário. Eles se irmanaram”

CARTA DO LÍBANO: Qual a sua visão da inserção dos libaneses no contexto social de Oliveira?
JOÃO BOSCO RIBEIRO: É indubitável a capacidade dos imigrantes libaneses de se inserirem na vida social das nações que escolheram para viver. Os libaneses que vieram para Oliveira nunca estranharam o novo ambiente, pelo ponto de vista de nação ou de povo, muito pelo contrário. Eles se irmanaram de tal forma que quase não se conhece nenhuma animosidade entre eles. Hoje esse povo está miscigenado na população da cidade, o que a gente chama de povo oliveirense, com uma grande contribuição do Líbano.

CARTA: Aqui há uma forte influência dos descendentes de libaneses na política, não? Houve quatro prefeitos de origem libanesa em Oliveira, além de deputados e ministros.
JOÃO: Sem dúvida. Paulo Haddad é um dos grandes oliveirenses descendentes de libaneses na política. Assim como seu irmão, João Haddad, ex-prefeito de Oliveira, e Emílio Haddad que, além de prefeito, foi deputado federal por Minas Gerais. Os libaneses se envolveram na política da cidade não apenas como agentes, mas também como influenciadores no resultado de muitas eleições. Desde que chegaram aqui trabalharam muito e têm uma boa situação financeira, podendo colocar recursos nas campanhas políticas. Isso colaborou muito com o desenvolvimento da cidade.

CARTA: Como o senhor vê a cidade no futuro?
JOÃO: Hoje temos uma cidade de pequeno para



médio porte, com pouco mais de 41 mil habitantes, que nos últimos 20 anos teve um desenvolvimento bastante interessante não apenas econômico, mas também no setor da saúde. Hoje temos um hospital referência na região que também traz condições de desenvolvimento econômico em seu entorno. Há novos projetos sendo implementados por lá, como a instalação do departamento de oncologia em um edifício próprio. A saúde é o principal núcleo



de desenvolvimento de Oliveira no futuro. Vejo também o desenvolvimento na área industrial no setor automobilístico com a Kromberg, indústria alemã que se instalou no interior de São Paulo e tem uma filial aqui, empregando mais de mil pessoas. Acredito que a cidade tem a capacidade de manter esse aspecto industrial que nos fortalecerá muito. Outro setor é o artístico e cultural, uma tradição de Oliveira. Temos muitas personalidades

de destaque que mergulharam no setor cultural e intelectual, fortalecendo essa área fundamental para o desenvolvimento da nossa comunidade.

CARTA: E quanto ao futuro do jornal “A Gazeta de Minas”?
JOÃO: Temos um projeto de transformação da microempresa que hoje sustenta o jornal em uma fundação de direito privado. Se tudo der certo, será o primeiro veículo impresso de Minas Gerais migrando para esse perfil de atuação. Temos no Brasil leis específicas que regem as fundações e fazem com que elas tenham uma musculatura maior para poderem utilizar recursos públicos. Isso dá às fundações melhores condições de subsistência. No momento em que o jornal se transformar em fundação, teremos a oportunidade de preservar o mais antigo veículo de comunicação de Minas Gerais, preservando assim também o patrimônio histórico brasileiro. Além de manter o núcleo de comunicação e da informação profissional, útil não somente à cidade, mas a toda região, por ser um projeto abrangente que mantém, sobretudo, o veículo impresso, aumentando a sua tiragem. Acredito que esse é o caminho para todos os jornais mais antigos prosseguirem com a missão de informar com verdade e as melhores condições de desenvolvimento social para a cidade. Sem dúvida, o futuro do jornalismo em geral é o digital, mas como vamos utilizar essas plataformas depende do que surgir daqui para frente. O jornalismo irá sobreviver porque é fundamental para a sociedade, independentemente da plataforma utilizada. Boa sorte para todos nós. ■

RICARDO SIMÃO NARCISO

O MESTRE, ENCICLOPÉDIA

Personalidade relevante e personagem querido pelos oliveirenses, o professor Narciso é educador, decano e patrimônio cultural de Oliveira. Não apenas dos patrícios de origem libanesa, mas da comunidade como um todo

Notável conhecimento e memória extraordinária renderam ao professor Ricardo Simão Narciso o apelido “enciclopédia ambulante”, dado pela comunidade oliveirense em um bem-humorado gesto de carinho e respeito. Aos 91 anos, ele é uma das personalidades mais proeminentes da colônia libanesa da cidade, uma verdadeira instituição sociocultural.

Um dos fundadores e presidente da Associação de Descendentes Libaneses de Oliveira - para

celebrar e preservar a memória e a herança dos imigrantes - Narciso sempre cultivou profundo orgulho de suas origens.

Nascido em abril de 1935, graduou-se em Contabilidade e iniciou a carreira profissional como professor de matemática, em 1961, na Escola Estadual Mário Campos e Silva. Eleito diretor do colégio no ano seguinte, permaneceu no cargo até a aposentadoria, três décadas depois. Durante sua gestão esteve à frente de importantes conquistas para a instituição, entre elas a estadualização da escola, por intermédio do deputado federal Paulo Pinheiro Chagas. Além da aquisição do prédio

FOTOS: FOUAD NAIME & ÁLBUM DE FAMÍLIA



Memória plena: O professor Ricardo Simão Narciso conhece tudo sobre a formação do povo oliveirense. Por isso é o guardião das histórias das famílias que construíram o município

“A princípio eram dois grupos [na comunidade libanesa oliveirense], um católico e o outro não. O libanês mais antigo da cidade se chamava João e era o patriarca”

- com o apoio de dona Latife Haddad, primeira-dama do Estado, esposa do governador Francelino Pereira dos Santos - e a obtenção de recursos para a construção da praça de esportes - com o auxílio do deputado estadual Silvio Carvalho Mitre.

Sem falar da participação efetiva na vida social, esportiva e filantrópica de Oliveira. Um compromisso permanente com a educação e um legado para a comunidade e as próximas gerações.

CARTA DO LÍBANO: Qual é a sua origem libanesa e de qual região do Líbano veio sua família?

RICARDO SIMÃO NARCISO: Rachid Abujaude (José Narciso), veio ainda jovem com seus pais e irmãos, possivelmente de Brummana. Butros Simain (Pedro Simão) veio casado e com filhos já criados. Talvez tenham vindo de Salima. Ambas as famílias possivelmente vieram na mesma época, mas não se conheciam. Durante algum tempo Pedro Simão morou em Itapecerica e depois, trazido pelo irmão Felipe Simão, se estabeleceu em Oliveira. Pedro Simão e José Narciso viveram como comerciantes. O primeiro com uma loja de tecidos, calçados e chapéus; e José Narciso comercializando produtos alimentícios, até se mudar para Belo Horizonte onde seus filhos se tornaram grandes atacadistas. Felipe Simão dedicou-se ao comércio de café. Comprava, incentivando os cafeicultores, e vendia no Rio de Janeiro. Meus tios afirmavam que Felipe

Simão chegou a possuir em torno de 120 imóveis em Oliveira. Ele casou-se com a oliveirense Mariquinha Silveira e não tiveram filhos. Meu pai, Jorge Narciso - como o sobrenome Rachid foi abrasileirado - era filho de Rachid Abujaude - José Narciso, no Brasil - e Georgina Alves de Lima. Minha avó morreu no parto e foram os vizinhos do povoado que ajudaram meu avô a criar meu pai nos primeiros anos. Depois ele ficou sob os cuidados de minhas tias-avós libanesas, Chafica e Ester. Tia Chafica se casou com José Elias Farah, também libanês, e tia Ester nunca se casou. Meu pai cresceu com os primos, filhos de Chafica. Meu avô materno, Boutros Sleiman, veio do Líbano com a família e minha mãe nasceu lá, também em 1910. Minha avó materna se chamava Wajid Sleiman, e aqui no Brasil se tornaram Rosa e Pedro Simão, tiveram vários filhos, todos criados em Oliveira. Minha mãe, Isabel Simão, era costureira. Quando meu avô Pedro chegou ao Brasil a família foi morar em Itapecerica.

CARTA: Como o senhor vê hoje a cultura libanesa e o legado que seus pais lhe deixaram?

RICARDO: A vida inteira fui ligado à comunidade libanesa oliveirense. A princípio eram dois grupos. Um deles, do qual minha família fazia parte, era católico e o outro não. O grupo católico era grande e o libanês mais antigo da cidade se chamava João e era, mais ou menos, o patriarca.



Iconografia familiar:
(ao lado) O avô do professor Narciso, Rachid Abujaude, e o pai Jorge. (abaixo) O imponente Pedro Simão Narciso. E a presença feminina: Nazie, Vitória, Lola, Isabel Magali e Rosa



“Minha mãe e minhas tias contavam muitas histórias do Líbano. Isso me influenciou a me interessar pelas coisas do Líbano. Em 2013 tive a ideia de criar nossa associação”

CARTA: Foi ele o primeiro libanês a chegar na cidade?

RICARDO: Não sei dizer quem foi o primeiro. Márcio Almeida fez uma pesquisa sobre a chegada dos libaneses em Oliveira e o trabalho dele é muito objetivo. Eu mesmo nunca pesquisei sobre o assunto.

CARTA: Qual a maior influência da cultura libanesa na sua vida?

RICARDO: Minha mãe e minhas tias contavam muitas histórias do Líbano, algumas talvez fantasiosas. Isso me influenciou a me interessar pelas coisas do Líbano. Como cresci em uma cidade com muitos libaneses, e sempre fui amigo de todos, católicos e não católicos, em 2013 tive a ideia de criar a nossa associação, a princípio Associação Libanesa Oliveirense, hoje Associação de Descendentes Libaneses de Oliveira. Conversei com amigos, conhecidos e fui chegando aos que eu não tinha muito contato. Ao conversar com João Haddad, descendente de Emilio Haddad - família numerosa na cidade - começamos a nos organizar. Elegemos uma data para reunir todos durante um grande almoço. Seria no último domingo de setembro, o mesmo mês da data máxima do Brasil, no dia 7, e da comemoração da emancipação política de Oliveira, no dia 19. O local teria que comportar muita gente e cada família levaria um prato da cozinha libanesa e bebidas. O primeiro encontro, em 2014, reuniu

mais ou menos 80 participantes. Na última, em 2021, eram quase trezentas pessoas, contando com os que vieram de outras cidades da região. Infelizmente, em 2022 a reunião deixou de acontecer por conta da disputa política Lula X Bolsonaro. Tínhamos dois candidatos a deputado, descendentes de libaneses, porém opositores: Chicre José Abud e Lucas Lasmar. E havia também o Paulo Abi-Ackel, filho de Ibrahim Abi-Ackel, que foi ministro da Justiça e, mesmo sem a presença dele, os apoiadores começaram a atritar com os opositores. Acabamos ficando com medo de haver confusão e cancelamos o encontro, que também não aconteceu no ano seguinte. Ano passado não fui eu quem organizou, mas Soraya Saber Gabriel, uma grande comerciante. O cônsul do Líbano no Rio de Janeiro tomou conhecimento da iniciativa e nos convidou para sermos oficializados, porém acabamos não redigindo o estatuto nem estabelecendo a associação. Em nossa última reunião a então prefeita, descendente de libaneses, Cristine Lasmar, e um parente dela vieram de Belo Horizonte para participar. Ele ficou tão entusiasmado que ligou para um amigo que estava no Líbano e informou sobre a existência de uma associação de descendentes libaneses no interior de Minas Gerais, no Brasil. O amigo ficou impressionado e disse que ia ver se conseguia colocar a notícia na imprensa libanesa. Não sei se ele conseguiu. ■



Dois tempos:
O professor Ricardo
Simão Narciso com
sua irmã, Magali
Simão Narciso Leite,
hoje. Os tios Miguel
e Vitória ontem



OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

RODOLFO FRANCISCO
CASTRO PACHECO

“OS LIBANESES SEMPRE
TRABALHARAM
NA QUESTÃO DA
SUPERAÇÃO E DO
COMPARTILHAMENTO”

Diretor-Geral do Tribunal Regional Eleitoral mineiro, ele se empenha por um estado e um país despolarizado, com mais consenso, respeito pelas diferenças e benefícios para a população. Apoiado no exemplo da boa convivência herdado da comunidade árabe

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA & FOUAD NAIME



A família original: Os bisavôs de Rodolfo Francisco Castro Pacheco.
O libanês Francisco Nasrallah Bachaleni com a mulher e os
filhos brasileiros, Otília Isméria da Conceição, João e Olga Geni

Meu bisavô acabou abrindo uma loja na entrada de Oliveira, uma daqueles armazéns da época que vendiam de tudo um pouco. E passou a ser conhecido como Chico Turco”

Nascido em Oliveira, descendente de um imigrante libanês que chegou ao Brasil em 1899 e foi pioneiro no comércio da cidade, Rodolfo Castro Pacheco é advogado e servidor público atuando há 20 anos no Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais, atualmente ocupa a Diretoria-Geral do órgão. Formou-se pela Faculdade de Direito da UFMG, com pós-graduação em Direito Privado pela Universidade Cândido Mendes (RJ).

Rodolfo Pacheco recebeu **Carta do Líbano** em seu gabinete, em Belo Horizonte, falando das raízes mineiras, das tradições e valores herdados dos antepassados árabes e, sobretudo, do orgulho de ser bisneto do comerciante conhecido carinhosamente pelos oliveirenses como “Chico Turco”.

CARTA: Qual a sua origem libanesa e a região de onde veio a sua família?
RODOLFO CASTRO PACHECO: Vem do meu bisavô, Francisco Nasrallah Bechalene. Sabemos que ele teria vindo da região libanesa de Salima e, como aconteceu muito, o sobrenome sofreu alterações. Ele chegou ao Brasil em 1899, aos 15 anos, na companhia da sra. Emília, sua prima-irmã que se casou com o senhor João Mitre, que também se estabeleceu em Oliveira. Estavam todos fugindo dos ataques do império turco-otomano ao Líbano.

CARTA: O que o senhor sabe sobre essa chegada?
RODOLFO: A princípio eles chegaram em São Paulo e souberam que havia vários sírios e libaneses vivendo na cidade de Cláudio, em Minas Gerais. Chegando lá, foram informados que em Oliveira havia muito potencial para o desenvolvimento do comércio. Meu bisavô acabou abrindo uma loja na entrada de Oliveira, um daqueles armazéns da época que vendiam de tudo um pouco e, dada a dificuldade na pronúncia de seu nome pelos locais, passou a ser conhecido como Chico Turco.

CARTA: Que tradições libanesas ainda são conservadas na sua família?
RODOLFO: A culinária libanesa, sem dúvida, cultivada pela minha avó e minha mãe. Quando visito minha mãe em Oliveira, sou sempre recebido com a mesa posta. E sempre há os encontros com as famílias amigas. Eu, por exemplo, tenho amigos próximos nas famílias Mitre e Haddad, também apreciadores dos pratos libaneses. Essa é a nossa grande conexão.

CARTA: Existe algum prato em especial?
RODOLFO: Para mim é o fatayer, o pastel recheado de couve que minha avó preparava. E também o quibe, que eu ajudava a preparar, amassado no pilão. Já mais velho, tentei anotar as receitas, perguntava as quantidades, mas ela dizia que era só prestar atenção em como ela fazia. Tinha que calcular tudo



Gerações: (ao lado) Julia Bachaleni Alves e Benjamim Alves de Castro, avós de Rodolfo. (abaixo) Sua mãe, Léa Castro, na infância. E com as irmãs, Juliana Castro Pacheco Leite, Luciana Castro Pacheco Kopperschmidt e a mãe, Léa Castro



“É muito importante resgatar a tradição libanesa, contar nossa história, estabelecer os registros, passar isso para os nossos filhos e não deixar a comunidade se afastar”

no “olhômetro”. Até tentei preparar algumas vezes. Ficou aceitável, mas muito longe da qualidade do que ela preparava.

CARTA: O que significa ser descendente de libaneses no Brasil?

RODOLFO: Mesmo aqui no Brasil, existe uma certa confusão sobre a identidade dos imigrantes árabes, como os libaneses, sobretudo um certo preconceito em relação à religião muçulmana. Meu bisavô, por exemplo, era cristão maronita, não era muçulmano. Então explicamos do que se trata, e as pessoas lembram que conhecem alguém de origem libanesa e dizem que são pessoas muito bondosas, compreensivas, de boa convivência na comunidade. Entendem que não se trata de alguém agressivo ou radical, como algumas vezes são retratados na grande mídia ocidental, o que não se reflete na nossa realidade. Especificamente a comunidade libanesa no Brasil se sobressai por esse aspecto de serem pessoas muito bem quistas pelos amigos, vizinhos e todos que as conhecem.

CARTA: Quais os valores herdados dos seus antepassados que mais influenciaram a sua vida?

RODOLFO: Principalmente o compartilhamento. Desde muito cedo, aprendemos a compartilhar o que temos. Nas reuniões em família, os brinquedos eram compartilhados com as outras crianças. Enquanto minha avó preparava a comida, ela já ia passando um pouco de cada coisa entre os netos. Então essa ideia de dividir, de não ser individualista,

é algo muito forte entre nós. Algo que hoje não existe muito na sociedade ocidental.

CARTA: E a contribuição da comunidade libanesa para o Brasil?

RODOLFO: Há destaques libaneses em várias áreas. Na medicina, no direito, na economia, na política, como por exemplo o ex-presidente Michel Temer... Trata-se de uma comunidade com muita expressividade no país. Um outro aspecto muito importante é a superação. Foram pessoas que fugiram de um regime opressor, chegaram aqui e construíram suas bases praticamente a partir do nada e vários chegaram muito longe. Os libaneses sempre trabalharam dentro dessa questão da superação e do compartilhamento.

CARTA: O senhor conhece o Líbano?

RODOLFO: Sonho conhecer. Estava até falando sobre isso com minha mãe esta semana. Infelizmente, recebemos a notícia do cessar fogo entre Estados Unidos e Irã, mas continuam os bombardeios de Israel contra o Líbano. É um massacre histórico do movimento sionista, que se arrasta desde a invasão do sul em 1978, e que nos deixa muito inseguros de viajar para lá. Minha mãe e eu gostaríamos muito de ir ao Líbano, porque temos muitas fotografias dos antepassados, dos nossos parentes, de familiares que ainda vivem lá e seria importante conhecer. Espero ir até a vila de Salima, onde nasceu meu bisavô, assim que essa guerra terminar. Hoje conheço apenas por fotografias.

CARTA: Quantos irmãos o senhor tem?

RODOLFO: Tenho duas irmãs. Minha mãe, Lea, também teve dois irmãos. Já minha avó, filha do Chico Turco, teve oito irmãos. Alguns ficaram em Oliveira e outros partiram para outros estados. A filha mais velha, minha tia avó Geni, se estabeleceu no Espírito Santo com comércio e um hotel, em Guarapari. Havia duas irmãs gêmeas e uma delas, tia Marta, foi minha madrinha. Esses nove irmãos, filhos do meu bisavô, nunca perderam o contato, sempre se reuniam em Oliveira. Tivemos também parentes que se estabeleceram em cidades de outros estados, como Santos (SP). Somos uma grande família. O mais interessante é que ao longo do tempo, fomos descobrindo as origens da família, com essas mudanças de nome que aconteceram. Por exemplo, meu bisavô sempre assinou com o sobrenome Bechalene, e muitas variações do nome foram “aparecendo” ao longo do tempo (Bichalene, Michalene etc.), certamente em razão dos erros de grafia no momento dos registros em cartório. Descobrimos através de documentos do Líbano e por pesquisas em outras fontes, que na verdade, a grafia correta era Bachalani. O nome original do meu bisavô, no Líbano, era Fransiskus Nasrallah Bachalani. Mas aqui no Brasil ele era mesmo o Chico Turco.

CARTA: Qual a sua mensagem para as novas gerações sobre a importância da herança libanesa no Brasil?

RODOLFO: É muito importante resgatar a tradição libanesa, contar nossa história, estabelecer os registros e passar tudo isso para os nossos filhos. Eu, por exemplo, tenho uma filha de cinco anos, com nome de Júlia, em homenagem à minha querida avó, uma segunda mãe para mim, e sempre digo para minha filha: “Você é libanesa, menina!”. Ela ainda não entende, mas temos que apresentar esse legado para os nossos descendentes e não deixar a comunidade se afastar. Infelizmente, hoje na sociedade ocidental existe um grande individualismo, as pessoas não têm o hábito de conviver com as famílias amigas. Em Oliveira há três ou quatro famílias que eram



muito próximas, mas hoje seus descendentes vivem em Belo Horizonte ou outras cidades grandes e acabaram perdendo o contato. Por isso é importante que as novas gerações restabeleçam essa ligação, para descobrir que ali onde vivem há pessoas de famílias que chegaram juntas do Líbano com a sua família e quiçá são parentes. É um trabalho crucial.

CARTA: Como o senhor vê o futuro de Minas e do Brasil?

RODOLFO: Hoje a questão política está um pouco complicada por conta da polarização. E os extremos nunca são bons. É preciso encontrar um ponto de consenso que traga de volta a harmonia entre a população, para se conviver com as diferenças. Quem perde com essa radicalização é o cidadão que deixa de receber bons serviços e boas ideias, porque os maus políticos, aproveitando-se desse estado de coisas, buscam apenas aumentar sua popularidade, produzindo vídeos sem conteúdo relevante e promovendo ataques para fomentar suas bases, sem trazer novas ideias e políticas públicas realmente efetivas para a população. Nós, da Justiça Eleitoral, temos trabalhado bastante com campanhas de combate à desinformação, procurando, por exemplo, acabar com as nefastas “fake news”. É um trabalho árduo e complicado, mas estamos dispostos a realizá-lo em prol da população. ■

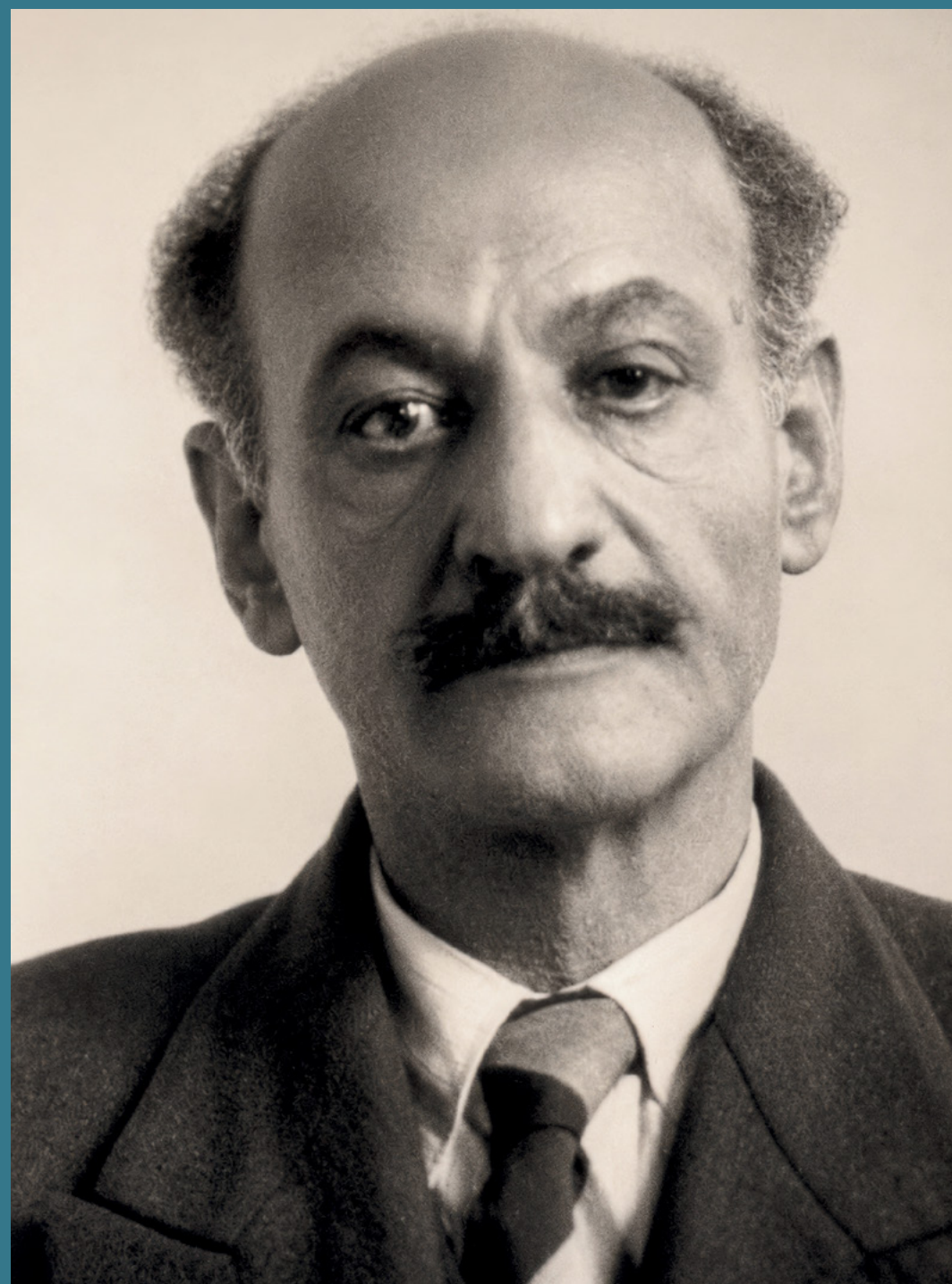
OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

RACHID NACIF MITRE

“SEMPRE
QUE CAIR,
LEVANTE
MAIS FORTE
E COMECE
TUDO
NOVAMENTE”

Era esse o lema do imigrante Rachid Nacif Mitre, agente e influenciador da criação do maior polo de fundição da América Latina. E também o seu maior legado

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA & FOUAD NAIME



Perseverança férrea: Rachid Nacif Mitre nunca teve receio de investir em seus sonhos. Depois de muito trabalho e algumas perdas, fundou em 1952 a Fundação Libaneza, hoje uma potência e um símbolo da pujante economia gerada em Oliveira para toda a América Latina

“Quando outros se frustraram e desistiram por considerarem o minério de ferro de baixa qualidade para ser usado na siderurgia, ele enxergou um mercado promissor”

Em 1901, quando deixou o Líbano com destino ao Brasil, o garoto Rachid Nacif Mitre buscava apenas um trabalho para ajudar a família e poder voltar para casa. Ele não imaginava que ao se estabelecer no interior das Minas Gerais, ajudaria a impulsionar a economia local empreendendo em vários setores e desempenhando um papel crucial na transformação da pequena cidade de Cláudio e arredores no maior polo de fundições da América Latina.

“Rachid Mitre foi um visionário. Há 74 anos, quando outros se frustraram e desistiram por considerarem o minério de ferro de baixa qualidade para ser usado na siderurgia, ele enxergou um mercado extremamente promissor”, explica seu neto, Tomberto Mitre Filho, atual diretor administrativo da Fundação Libaneza, criada em 1952. “Ele podia até não entender da área em si, mas conhecia como ninguém a arte de fazer negócios”, afirma.

Em 28 de dezembro de 1889, em Salima, nas montanhas de Baabda, a alegria do casal Nacif Mitre e Mana Assad Mansur Bechliny era devida ao nascimento do primeiro filho, Rachid, que passou a infância na pacata cidadezinha. Aos 12 anos, quando deixou o Líbano com os tios, Miguel e Elias, e aportou no Rio de Janeiro, Rachid estava prestes a iniciar uma vida de altos e baixos com uma grande conquista no final.

Inicialmente os imigrantes foram para Oliveira, no interior de Minas, e de lá para Aparecida de Cláudio, na época um pequeno distrito. Os tios abriram uma loja de tecidos e armarinhos e Rachid tornou-se caixeiro-balconista. Por volta de 1910, ganhou como presente de seu tio João o próprio negócio, um armazém de secos e molhados. Já devidamente estabelecido na vida, ele então retornou ao Líbano para rever a família e engatou um namoro com Saud Jorge Bechliny, com quem já mantinha correspondência. Em seguida voltou ao Brasil, reassumiu o armazém e esperou pela amada. Casaram-se em Oliveira em 1912 e tiveram onze filhos: Santinho Alberto, Andemberg Norberto, Valdete, Altair, Gilberto, Roberto, Georgeta, Janete, Shirley, Humberto e Tomberto.

UMA PERSEVERANÇA DE FERRO

Desde muito jovem Rachid demonstrou interesse por cultura e educação. Mantinha-se informado dos acontecimentos, lia em árabe, português e francês. A leitura diária obrigatória era “O Noticiário”, publicação bilingue árabe-português. O interesse pessoal passou então a fazer parte dos negócios, quando em 1916, em sociedade com o italiano Francisco Badenes, abriu a primeira tipografia de Cláudio, a Mitre, Badenes & Cia. Passou a publicar jornais como “Vila de Cláudio”, “A Tarraxa” e “A Tesoura” e “O Falcão”, que circulavam por toda a região.



Patrícios: (no alto) Três famílias libanesas, Mitre, Mansur e Antônio, reunidas em 1918. (acima) Na cachoeira em 1923: José David e a mulher Rámiza David, Abdo e Jorge João, os irmãos Mitre Nacif e Rachid Mitre, Mansur João e Jorge Antônio

A empreitada durou quatro anos, quando decidiu investir na primeira indústria de beneficiamento de arroz e café, em sociedade com o cunhado, Jorge Antônio. Porém, a concorrência no setor era acirrada, principalmente com o maior produtor local, o coronel Joaquim da Silva Guimarães, o “Quinca Barão”, presidente da Câmara Municipal de Cláudio.

Houve outra mudança de rota a partir de 1924. Dessa vez com uma inovação. Os cunhados Rachid e Jorge abriram uma serralheria com caldeiras a vapor como força motriz, a primeira da cidade. Mas um outro contratempo, agora internacional, atrapalhou o novo negócio.

A Grande Depressão nos Estados Unidos afetou a economia mundial obrigando Rachid a voltar ao comércio, como açougueiro, mas não em um estabelecimento como outros. Comercializando carne bovina e suína, o empresário seguia todas as novas normas de higiene estabelecidas. E passou a transportar carne de charque para o Rio de Janeiro através da estrada de ferro.

Tomberto Filho analisa a trajetória turbulenta do avô nos negócios: “Ele era curioso e um expert em comércio, o que o levou a empreender em vários segmentos. E mesmo quebrando mais de uma vez, não parou de tentar e, assim, ajudou a fomentar a economia local”.

O SUCESSO E O LEGADO DURADOURO

Depois de sucessivos negócios frustrados, Rachid Mitre estava em seu novo empreendimento, o Bar Primavera, e lá conheceu o investidor Marcelino Corradi, que tinha planos de abrir uma fundição em Cláudio e precisava do toque de um empreendedor para tocar o negócio.

Assim a fome encontrou uma bela refeição. Corradi produzia o ferro-gusa, que não tinha muita saída, e Mitre sabia que a abundância da matéria-prima seria um facilitador e tanto para a fundição. Sempre em busca de informação especializada, o libanês encontrou na escola

do Senai, em Belo Horizonte, Osvaldo Lopes de Almeida, que aceitou o desafio, mudou-se para Cláudio e ajudou a montar a empresa fundição do zero. Lopes de Almeida também conheceu Shirley, uma das filhas de Rachid, com quem se casou.

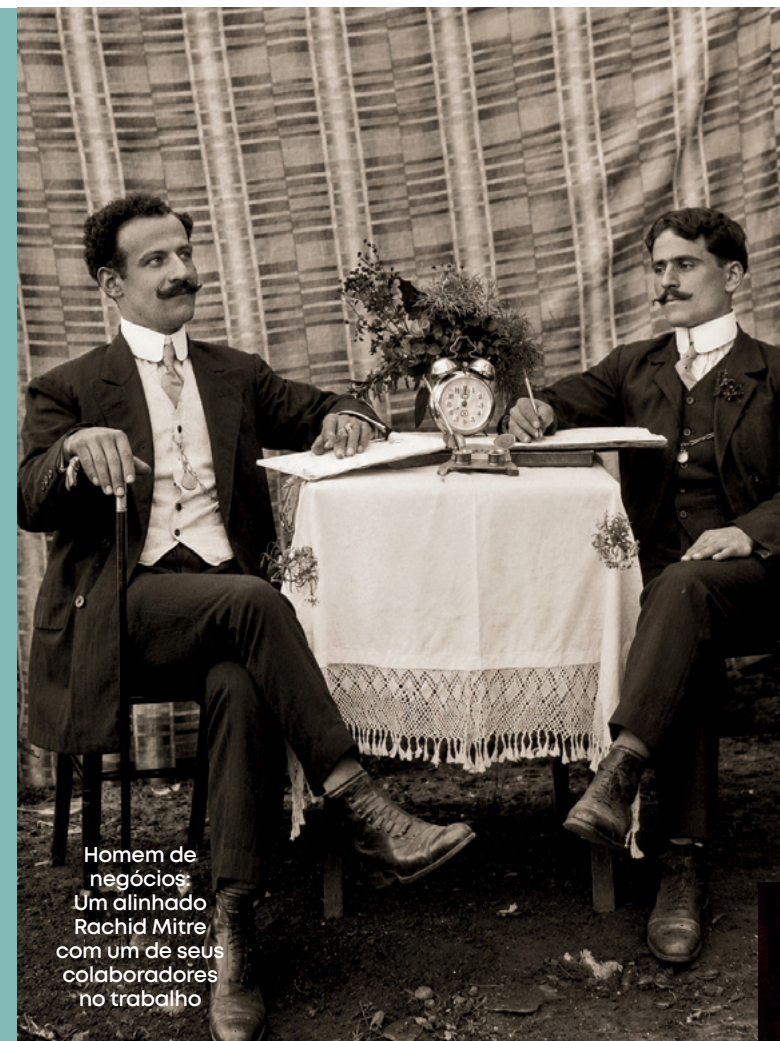
A Fundição Libaneza nasceu em 22 de agosto de 1952, fundada por Rachid e outro genro, Antônio Martins Amorim, casado com sua filha Georgeta. Finalmente o sucesso veio forte e duradouro. A empresa prosperou no decorrer do tempo. Hoje é uma das mais atualizadas do ramo no País, produzindo utensílios domésticos de ferro fundido, peças para fogão a gás industrial e peças mecânicas em geral.

A região de Cláudio se viu transformada economicamente com a chegada da Libaneza. Seguiram-se a criação de outras empresas do setor que hoje compõem o maior polo de fundição da América Latina. “Somente em Cláudio são mais de 50 indústrias de fundição”, informa Francisco Mitre, bisneto de Rachid e neto de Santinho Alberto Mitre.

Infelizmente Rachid Mitre não viveu o bastante para ver o êxito de sua derradeira empreitada. Ele faleceu em 5 de setembro de 1957, pouco antes de completar 68 anos. Mas, além do impacto socioeconômico para o município, deixou um forte legado familiar. “Sempre que cair, levante mais forte e comece tudo novamente”, ensinou aos filhos.

Conselho seguido pela filha Georgeta, que fez a diferença em Cláudio e cidades vizinhas através da ação social se dedicando a várias entidades beneficentes. Quase centenária, ela morreu em 2022, depois de mais de sete décadas de trabalho humanitário reconhecido pela população e pelas autoridades locais.

O nome Rachid Nacif Mitre continua a ser lembrado e hoje dá nome a uma das principais vias do setor industrial de Cláudio, que concentra várias das fundições que surgiram nos anos seguintes à sua morte. ■



Homem de negócios: Um alinhado Rachid Mitre, com um de seus colaboradores no trabalho



Chão de fábrica: Vista parcial em um dia de produção na Fundição Libaneza



Seguindo a linhagem: Tomberto Mitre Filho, presidente da Associação das Indústrias Metalúrgicas de Cláudio (ASIMEC) e diretor da Fundição Libaneza



Ação social: Francisco Mitre, executivo financeiro do Sicoob Copermec e presidente da APAE Cláudio

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

IRMÃOS CURY

VALORES E CONCEITOS INABALAVEIS

Mais de cem anos de Brasil fazem dos Cury um baluarte de tradição e legado de gerações. Dois irmãos, Moacir e José Cury falam sobre o que moveu a família da pequena Salima ao encontro de seu destino em uma nova pátria

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA & FOUAD NAIME



Bodas em Minas: Hanna Cury e Maria Lourdes Aboucater casaram-se em 1941. A celebração reuniu familiares e patrícios em um momento de confraternização dos laços de amizade, união e tradição da comunidade libanesa na cidade

Foram sete os filhos do casal Maria de Lourdes Aboucater Cury e João Cury: Geraldo, Elisa, José, os gêmeos Moacir e Marcio, João Bosco e Maria. Todos nascidos em Oliveira. Hoje, um dos irmãos, o empresário Moacir Cury, é quem conta a história da família começando pelo avô, Miguel Cury, um libanês da cidade de Salima que, no início do século passado, aportou no Brasil com a esposa Elisa e o filho João, nascido em 1899.

“Na verdade, quem chegou aqui primeiro foi meu tio avô, João Mitre, irmão da minha avó Elisa, e informou meu avô que viver no Brasil era muito bom”, relata Moacir. Assim a família se reuniu em Oliveira começando a empreender no comércio. O menino João Cury trabalhava como mascate para outros patrícios - o tio João Mitre e Êmile Haddad, amigo da família. “Meu pai percorria as distâncias montado em lombo de mula e durante muito tempo foi assim. Mais tarde montou o próprio comércio de secos e molhados e em seguida abriu o Hotel Brasil”, diz.

Em 1941, João Cury casou-se com Maria de Lourdes Aboucater Cury, filha de José Feres Aboucater, radicado na localidade de Japão Grande, perto de Carmópolis de Minas. “Ele estabeleceu e sustentou nossa família com seus



Família Aboucater: O pai José Fares Aboucater e a mãe Maria Olinda Aboucater com os filhos Maria Lourdes, Cícero e Najla

dois negócios, mas infelizmente, teve morte precoce devido ao diabetes”, recorda o empresário.

“Meu pai foi um homem muito bom que ajudou muita gente, de todas as formas que podia”, resume. Admirado pela comunidade de Oliveira, o reconhecimento público veio através da rua João Cury. “Homenagem a um homem bom que viveu na cidade”, diz com sincera gratidão.

E os irmãos Cury viveram em Oliveira até a maioridade, quando mudaram-se para Belo Horizonte para cursar o ensino superior e se colocar no mercado de trabalho.

A PARCERIA DOS GÊMEOS

Durante o relato para Carta do Líbano, Moacir Cury se deteve para mostrar uma fotografia antiga. Nela estão dois garotos: ele e o irmão gêmeo, Marcio, já falecido.



Empreendedores de sucesso: Os gêmeos Marcio e Moacir Cury, sócios fundadores da Cabos Gemini



Família Cury: O pai Hanna Cury com a esposa Maria Lourdes Cury Aboucater e os filhos Geraldo, José e Eliza Mariana, e os pequenos Moacir, João Bosco, Marcio e Maria das Graças

“A vida de quem veio do Líbano para cá foi árdua. Não ruim, uma vida até boa, porém de muito, muito trabalho. Nos orgulhamos disso” - Moacir Cury

“Essa foto foi quando saímos de casa, andamos três ou quatro quarteirões até a Praça XV de Novembro, onde ficava a fábrica de balas”, recorda. Coisa de criança, eles só queriam comer doces e tiveram a ideia de ir até a fábrica pedir balas. “A família ficou apavorada porque ‘os gêmeos tinham sumido’”, diverte-se. O pai os encontrou, sentadinhos na praça, degustando os confeitos, bem contentes. “Foi a nossa primeira empreitada”, garante Moacir, sinalizando o momento em que se estabeleceu uma parceria de vida.

A seguir vieram outras empreitadas. Na infância e juventude eram parceiros nos esportes e nos estudos. Adultos, tornaram-se sócios em uma empresa de sucesso, a Cabos Gemini, uma das maiores distribuidoras de cabos de aço no Brasil, fundada em 1996. A parceria só acabou devido à morte de Marcio. Moacir se aposentou e hoje a empresa está sob o comando dos primos filhos dos gêmeos, atuando nas áreas de mineração, construção civil e indústria de base, entre outras.

O IRMÃO “REVOLUCIONÁRIO”

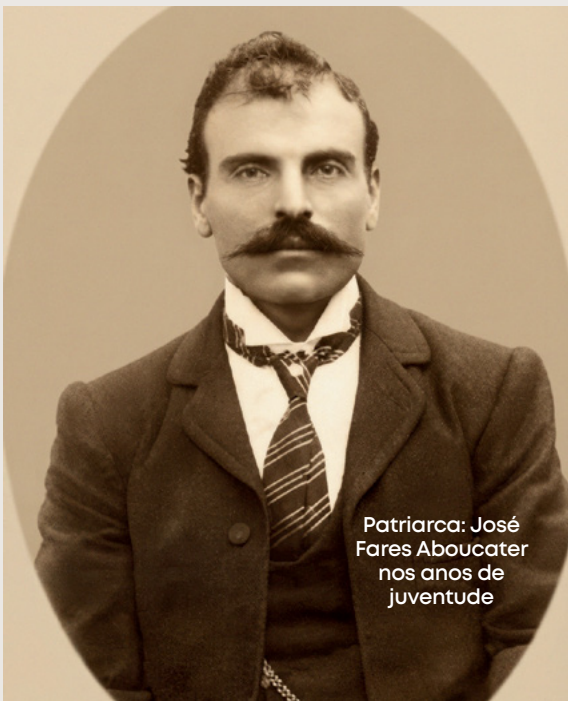
José da Paz Cury se destacou na área acadêmica e da educação, porém tendo o trabalho e os negócios como objetos de estudo e atuação. Professor, palestrante e escritor, ele abraçou a causa do cooperativismo como base para uma reflexão sobre gestão com propósito.

Ele iniciou a conversa com Carta do Líbano recordando de um incidente em uma época turbulenta no país: “No dia 12 de abril de 1964

invadiram minha casa e fui levado sob a acusação de ser comunista”. Eram os dias depois da chamada revolução civil militar - acontecida entre 31 de março e 1º de abril - e, segundo José da Paz, “fiquei marcado em Oliveira como revolucionário de esquerda”.

Porém, o incidente foi superado e ele conseguiu concluir os estudos, formando-se em 1970. Como orador da turma, pautou seu discurso com o tema respeito humano. “Utilizei toda a tradição libanesa que meu pai havia me passado dizendo: ‘O mais importante é que o fluxo de caixa e os ativos imobilizados nas organizações são secundários, o principal são as pessoas’”, conta orgulhoso.

A partir de então, colaborou na criação do Ceag (Centro de Apoio à Pequena e Média Empresa)



Patriarca: José Fares Aboucater nos anos de juventude

- o que hoje é o Sebrae - em 1973. Na sequência trabalhou durante sete anos como secretário-geral de Planejamento Urbano, além de atuar como. Em seguida atuou como professor e instrutor. “Aliás, costumava dizer que era ‘insultor’, porque eu chegava cutucando as pessoas, instigando-as a refletir a partir do que eu ensinava”, conta bem-humorado.

Relacionamento humano e cooperativismo passaram a ser sua especialidade. Hoje, suas memórias “Palavras de José Cury - Histórias de Sonhos, Tempo e Raiz - organizadas por Danilo dos Santos Matos - falam sobre consciência solidária, humanizar as relações e fortalecer a liderança. “É a história do cooperativismo no Brasil, contando minha trajetória de 60 anos no ensino”, resume. A obra foi adotada pela Faculdade Unimed, a cooperativa dos médicos do Brasil que a financiou.

Casado com Maria Eugênia, José da Paz Cury é pai de Alexandra, Paula, Flávia e Mariana.

UNIDOS PELA FÉ

Já Moacir Cury é pai de três filhos: Rafael, Samir e João Pedro. Ele fala da união familiar: “Cada um dos meus filhos tem um filho homem e oramos todos no mesmo prédio (em Belo Horizonte), com meus netos também. Graças a Deus consegui manter todo mundo junto!”.

Ele também conta que apenas três irmãos voltaram a residir em Oliveira, para viver a aposentadoria. As professoras Elisa e Maria e o contador João Bosco. Há também dois fortes traços de união familiar: a religiosidade e, claro, a boa mesa.

“Somos católicos maronitas como nossos pais. Assim como aprendemos com eles a honestidade, a solidariedade e a noção de família”, declara. “E mantemos a tradição culinária. Dois dos meus irmãos e eu até hoje preparamos a comida, assim como dois dos nossos filhos. Eu sei preparar um pouco de tudo: kibe cru, babaganuche, tabule, kafta...”, diz sem falsa modéstia. Essas grandes confraternizações familiares ocorrem periodicamente em sua casa.



Sempre impecável: O sr. Hanna Cury não dispensava o uso da bengala



Duas gerações: José da Paz Cury, Márcio Cury Filho, Moacir Cury e João Pedro Cury

“Espero que os jovens descendentes de libaneses sigam os valores tradicionais, os mesmos que nosso pai nos deixou. Nossos filhos foram criados da mesma maneira que nós fomos”, diz confiante.

E conclui: “A vida de quem veio do Líbano para cá foi árdua. Não ruim, uma vida até boa, porém de muito, muito trabalho. E nos orgulhamos disso. Somos uma família libanesa!”. ■

GARDÊNIA MURAD

AS VOLTAS QUE O MUNDO DÁ

No relato de dona Gardênia Murad sobre as origens de sua família, um curioso caso de identidade trocada descoberto por uma professora que se tornaria sua avó. Mais um episódio no rico painel da imigração libanesa

“**P**rimeiro chegaram ao Brasil os Mitre, por volta de 1901. Vieram os irmãos João, Michel e Elias Mitre e se estabeleceram em Oliveira. Mais tarde vieram suas sobrinhas Badua Mitre e minha avó Kafa Mitre, que já estava casada com

o meu avô, Nacip Murad - a origem da nossa família. O casal se estabeleceu onde hoje é o bairro das Graças, perto da avenida Maracanã. Meu pai, Felipe Murad, nasceu no Brasil em 1914, o mais velho de três irmãos. Além do meu pai - que na verdade não se chamava Felipe - havia a tia Nashia Murad e o irmão mais novo, Assad Murad.

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA



Retrato oficial: Os avós de dona Gardênia Murad, Nacip Murad e Kafa Mitre Murad, com os filhos Jayme Murad (na verdade, Felipe) - pai de dona Gardênia - Assad Murad e Náshia Murad

“A família inteira descobriu que meu pai não se chamava legalmente Felipe. E ele passou a vida odiando o nome Jayme. A cidade toda o chamava de ‘seu Felipe’”

Quando meu avô Nacip chegou no Brasil não falava nada de português, mas já tinha amigos vivendo aqui, então ele pediu que o sr. Jorge Bese fosse registrar o meu pai, com o nome de Felipe Murad. Porém, seu Jorge não gostou do nome e registrou meu pai como Jayme Murad. Como meu avô não falava português, não entendeu que o nome da certidão de nascimento não batia com o nome que ele havia dado ao filho. Assim meu pai foi criado como Felipe até os sete anos de idade, quando finalmente foi para a escola.

No primeiro dia em sala de aula, a professora, que viria a ser minha avó, mãe da minha mãe - veja como o mundo dá voltas - fez a chamada com o nome de todos os alunos, menos o do meu pai. Quer dizer, ela chamou Jayme e ninguém respondeu. Então meu pai disse que estava faltando o nome dele, Felipe. Isso porque a escola tinha o nome da certidão de nascimento, Jayme. e meu pai disse que o nome dele, Felipe, não tinha sido chamado. Acontece que os nomes da mãe e do pai no documento eram os dos meus avós. Só então a família inteira descobriu que meu pai não se chamava legalmente Felipe. E ele passou a vida odiando o nome Jayme, só assinava ‘J. Murad’, enquanto toda a cidade o chamava de seu Felipe.

Quando meu pai nasceu, meu avô comprou uma pequena chácara na avenida Maracanã, onde nasceram os outros irmãos. Minha tia

Náshia, em 1916, e o tio Assad, em 1921. Meu avô se estabeleceu como comerciante e minha avó o ajudava no trabalho. Lembro um pouco da minha avó, que nunca dominou totalmente o português.

Meu pai, Felipe, trabalhou como representante comercial no Armazém Mineiro, de propriedade dos irmãos Mattar. Posteriormente foi fiscal dos extintos Instituto de Previdência dos Comerciantes e dos Industriários. Depois foi funcionário da extinta Minas Caixa. Em 1963 ele se casou com a minha mãe, Carmen Ribeiro Murad, filha da primeira professora dele - a mesma que descobriu seu nome verdadeiro. Tenho dois irmãos, Carlos Magno Murad e Claudia Maria Murad. Minha irmã e eu não tivemos filhos e meu irmão tem três filhos: Livia, Mariana e Felipe - finalmente o nome que meu avô tanto queria para o meu pai. Aqui em Oliveira os Murad somos poucos.

Meu avô era natural de Salima, no Líbano. Filho de Assad Murad e Lamia Murad. Curiosamente não temos nenhuma documentação da minha avó Lamia. Ela era de uma família mais abastada que não queria o namoro dela com o meu avô. Então, meus avós fugiram para casar e tentar a vida no Brasil. Vovó Lamia nunca mais viu os pais nem a família e veio sem a documentação original. Por isso, nunca soubemos o nome dos meus bisavós maternos.” ■



As faces do tempo: Jayme “Felipe” Murad, pai de dona Gardênia, em momento sheik. E belo sorriso da mãe, Carmen Ribeiro Murad. (abaixo) Gardênia Murad é guardiã da memória da família Murad em Oliveira, preservando documentos, imagens e histórias de seus antepassados



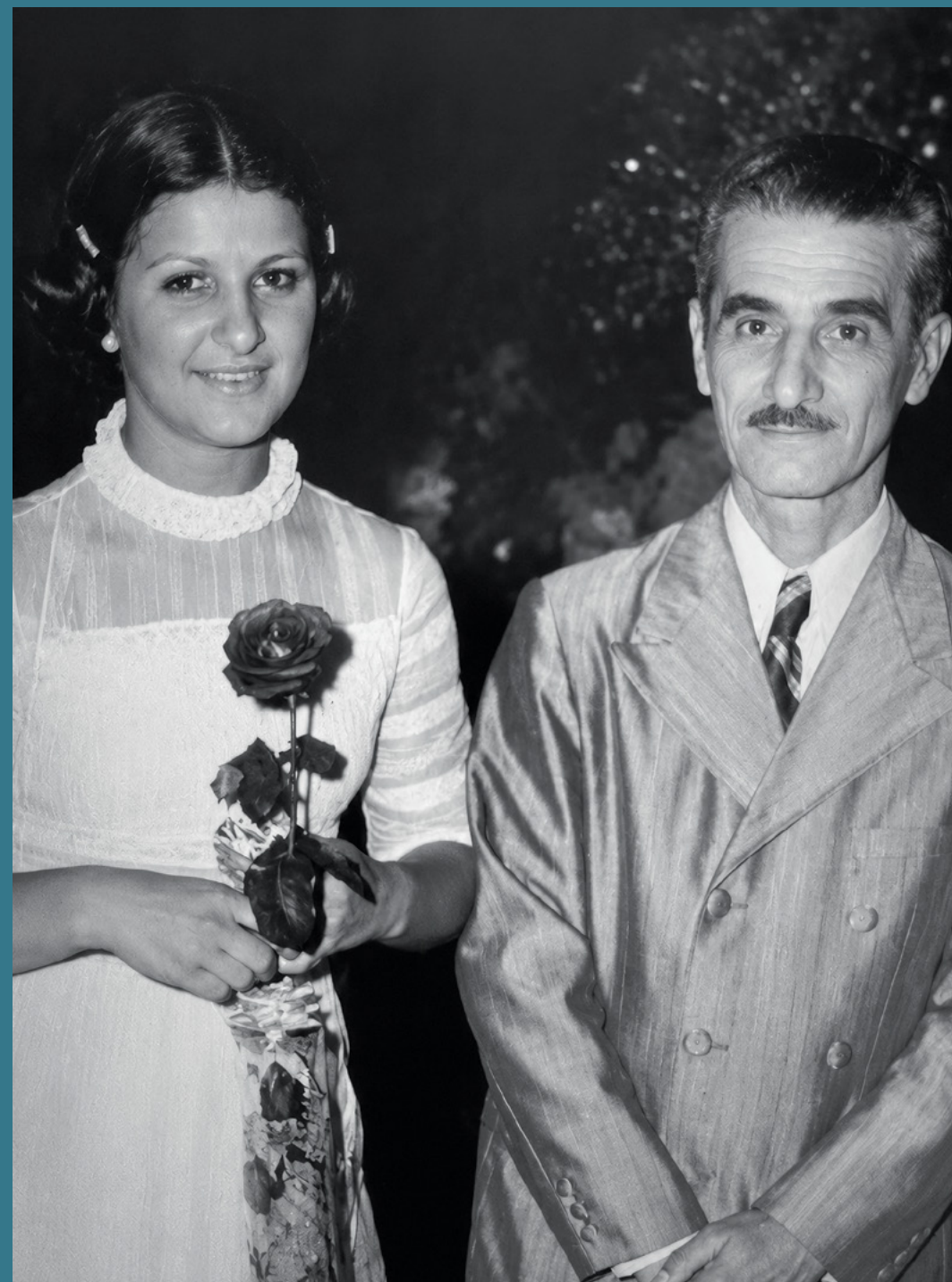
OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

ALEXANDRE SABER GABRIEL

OS MUITOS CASOS DO “SEU MICHEL”

Família tradicional de Oliveira (MG), os Saber têm até marco histórico no comércio da cidade. Agora o filho Alexandre resgata a memória do clã em um livro com histórias protagonizadas por seu pai, Michel, personagem querido e saudoso na cidade. Com amor e muito humor

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA & FOUAD NAIME



Memória paterna: Alexandre Saber Gabriel não se cansa de lembrar e de contar as peripécias do pai, um oliveirense icônico. Por isso, compilou mais de vinte episódios e vai lançar as “Histórias do Michel”. Aqui, o lendário “seu Michel” ao lado da filha Soraya

“Meu pai se destacava pelo espírito brincalhão. No rodeio, montava nos cavalos. O show do Chacrinha chegava na cidade com suas chacrete, ele subia no palco para dançar com elas”

CARTA DO LÍBANO: Como foi o início da família Saber no Brasil?

ALEXANDRE SABER GABRIEL: Minha avó Nair, casada com meu avô Alexandre, pais de Linda Saber, moravam em Juiz de Fora. Então meus avós Simão Gabriel - nascido em Brummana, no Líbano - e Alexandre combinaram o casamento de meus pais Michel e Linda, realizado em 1948, e eles vieram morar em Oliveira, onde tiveram um comércio de varejo. Era um casamento arranjado, como se fazia antigamente. Namoraram apenas 60 dias antes de se casarem. Meu pai expandiu os negócios da loja Simão Gabriel LTDA. Possuía Como três caminhões para o transporte de açúcar e café até o Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, trazia sal do Nordeste para Oliveira. Mais tarde, em 1966, comprou o posto Sorocabana, que cresceu aos poucos à medida que a população também aumentava. A “Esquina do Michel” acabou se tornando um local histórico aqui no centro de Oliveira e hoje existe uma placa marcando o endereço onde permaneceu por 50 anos. Na família hoje somos oito filhos, três já faleceram. Somos Davi, que tem dois filhos; eu, Alexandre, com três filhos; Simão, uma filha; Linda Lucia, dois filhos; Soraya, Samir, dois filhos; Michel, dois filhos; e Sued Maria, dois filhos. Ao todo são 14 os netos. Todos vivemos aqui em Oliveira, somos comerciantes e estamos muito felizes. Participamos em vários eventos da comunidade, assim como nossos pais, nos ensinaram,

respeitando e tratando todos como iguais. Sendo sincero, digo que somos felizes mesmo, com saúde e paz. A vida é muito boa para se viver. Minha mulher Silvana e eu vamos completar 50 anos de casados, com três filhos e cinco netas. Fico muito feliz de poder contar um pouco da história dos meus pais e da minha família.

CARTA: Qual era o traço marcante do seu pai? Como ele tratava os negócios e a clientela?

ALEXANDRE: Com muito carinho e bom humor. Certa vez chegou na loja uma senhora perguntando se ele tinha uma escada de três degraus. Só havia uma de seis degraus, então meu pai disse: “Leve essa de seis que é para subir mais alto na vida”. Ele era assim e nos ensinou só coisas boas, como trabalhar com muita seriedade, mas se destacava pelo espírito brincalhão. Quando acontecia o rodeio, ele prestigiava e fazia a festa, montava nos cavalos. Quando vinha algum show se apresentar na cidade ele também comparecia. O show do Chacrinha chegava na cidade com suas chacrete e ele estava lá, subia no palco para dançar com elas. Meu pai ficou famoso por contar muitos casos e deixou sua marca. Tanto que estou escrevendo um livro com essas histórias. Já escrevi 34 casos, entre os que presenciei e os que ouvi falar. Dei o título de “Histórias do Michel”. Uma das mais conhecidas é a do guarda-chuva. Chegou uma pessoa lá



Ali na esquina: (acima) as três filhas de Michel Saber Gabriel, Linda Lúcia, Sued e Soraya em frente ao prédio onde funcionaram as lojas do seu pai. (ao lado) A placa com o retrato da própria marca o local onde a fama começou

na Esquina do Michel querendo comprar um guarda-chuva. Ele mostrou um e disse: “Olha este aqui, que eu trouxe de São Paulo, é bonito e automático”. O freguês gostou, mandou botar na conta - porque ninguém tinha muito dinheiro, então colocava na conta e pagava no fim do mês - e foi embora. Só que meu pai esqueceu de perguntar o nome dele, então ele perguntou para os funcionários como se chamava o homem que levou o guarda-chuva. E ninguém tinha visto o sujeito. Meu pai ficou bravo: “Ninguém ‘bresta’ atenção ‘no’ loja!”. Foi no guarda-livros e falou pro seu João: “Coloca um guarda-chuva na conta de todo mundo. E quem reclamar você risca”. Teve também a história do terno. Um sujeito chegou da roça, grandão, forte, querendo comprar um terno - meu pai vendia de tudo: terno, bala, chapéu, material elétrico e hidráulico, tecidos, ovo, cama, colchão, televisão. Então ele pegou o maior terno do estoque, levou para o cliente e avisou: “Só não respira, porque senão vão cair todos os botões!”. O sujeito nem experimentou, comprou do mesmo jeito, porque era um terno de casamento. Quinze dias depois do casamento ele apareceu na loja vestido com o terno. As mangas chegavam no meio do braço e a barra das calças iam só até a altura dos joelhos. Meu pai nem piscou, pegou o sujeito pelo braço, levou de um lado pro outro da loja e falou: “Benza Deus! Como você cresceu depois de casado”. E vai por aí a fora.

CARTA: Qual o maior legado que ele deixou para vocês filhos?
ALEXANDRE: O dom para o comércio, somos todos comerciantes natos. Sabemos comprar, vender, negociar. Minhas três irmãs, Linda Lúcia, Suad Maria e Soraya ainda estão lá na Esquina do Michel, verdadeiras comerciantes de sangue árabe. Elas sabem como atrair a clientela, como agradar todo mundo, conversam, brincam, vendem a prestação, negociam. David é engenheiro mecânico, Alexandre, engenheiro civil, Simão, comerciante, Michel, comerciante, Samir, engenheiro civil. Todos nós temos o sangue árabe,

somos bons no trato com as pessoas e assim vamos levando a vida.

CARTA: Até que idade seu pai viveu?
ALEXANDRE: Ele morreu aos 77 anos, durante um final de semana em Belo Horizonte. Fomos a uma festa de 15 anos e ele se sentiu mal, corremos para socorrê-lo, mas ele sofreu uma parada cardíaca. Nós o trouxemos imediatamente para Oliveira onde ele foi sepultado. Era um homem tão cheio de histórias para contar que a morte dele virou mais uma delas: Foi a uma festa em Belo Horizonte, passou mal e voltou morto para Oliveira. Veio no meu carro, sentado no banco de trás, morto. Morreu como viveu, mais uma “história do Michel”, nosso querido pai.

CARTA: O senhor se lembra dos seus avós?
ALEXANDRE: Lembro do meu avô, Simão Gabriel, libanês nascido em Brummana. Uma vez por ano vinha nos visitar e trazia maçãs bem vermelhinhas, embrulhadas em papel roxo. Eu e irmãos passávamos a semana inteira sentindo aquele cheirinho dos papéis e comendo as maçãs. No domingo tinha Coca-Cola com canudinho para todos nós. Meu avô era muito elegante, estava sempre de terno, gravata, chapéu e, quando ficou mais velho, usava bengala. Da minha avó, Lídia, eu não lembro porque ela morava em Brummana, mas faleceu aqui, em São Francisco de Paula, quando veio passar um tempo.

CARTA: O senhor tem planos de visitar o Líbano?
ALEXANDRE: Não sei, porque a vida mudou muito. Hoje tenho 76 anos, com filhos, cinco netas e já perdi muitos tios que viviam lá. Então não tenho mais aquela motivação de rever parentes. Não penso muito nisso.

CARTA: O que o Líbano significa para o senhor?
ALEXANDRE: Para mim é um outro pedacinho do Brasil no meu coração. É a minha raiz, o sangue dos meus pais. Tenho sangue árabe, como os cavalos de raça. ■



A grande família: Seu Michel e a esposa Linda, cercados pelos filhos. “Todos vivemos em Oliveira, somos comerciantes e estamos muito felizes”, informa o filho Alexandre Saber (na foto ao lado)



OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

FAMÍLIA HABBUD

PIONEIROS DO SUL DE MINAS

Líbano, Juiz de Fora, Cisneiros e Oliveira, a rota de uma família árabe que cresceu e prosperou em terras mineiras. Entre memórias delicadas e personagens marcantes, filha e neto do patriarca contam à Carta do Líbano como tudo aconteceu

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA & FOUAD NAIME



Família Habbud:
Hal e Chicre
Habbud com os
filhos Tânnus,
Linda, José e a
pequena Cheyne

De acordo com registros históricos, os primeiros libaneses chegaram a Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira, em 1894, embora um censo, realizado um ano antes na cidade, já registrasse a presença de pelo menos umas duas dezenas de “árabes”. Esses pioneiros eram, em geral, homens jovens e solteiros vindos de localidades como Beirute e Butchai, que, ao aportar no Rio de Janeiro, beneficiavam-se das estradas e ferrovias para chegar ao sul de Minas.

Assim, o caminho dos Habbud até Oliveira passa primeiro por Juiz de Fora e depois Cisneiros. Mas a história começa mesmo a bordo de um dos navios

que traziam imigrantes libaneses ao Brasil.

Dois rapazes, Chicre Habbud e Elias Habib Halonsi se conheceram e fizeram amizade durante a viagem. Em seguida, Elias apresentou ao novo amigo sua irmã, Hala Habib Halonsi. Da chegada ao Rio de Janeiro seguiram para Juiz de Fora, onde Chicre Habbud - filho de Brágita José Habbud e José Habbud - casou-se com Hala Habib Halonsi - filha de Málaque Habib Halonsi e Habib Halonsi - em 17 de setembro de 1925.

O espírito desbravador herdado dos antepassados levou o casal a se transferir para a cidade de Cisneiros, distrito do município de Palma, junto à foz do Ribeirão da Capivara com o Rio Pomba. Localização estratégica, pois, era ponto de passagem dos tropeiros que vinham de Visconde do Rio



Conteúdo familiar: Dona Cheyne com o filho Luiz Roberto Thielman. Juntos eles compartilham a trajetória da família, entre tempos delicados, momentos difíceis e a “elegância do tio Elias”

Branco com destino à cidade fluminense de Campos, quando o povoado nasceu com o nome de Arraial Novo.

Na época em que Hala e Chicre chegaram a Cisneiros, a pecuária era a base da economia local e o casal encontrou ali uma oportunidade de crescimento, abrindo um armazém para vender roupas, mantimentos e outros produtos. Ali também nasceram os filhos Linda, Tan e Cheyne.

UM TEMPO DELICADO

Hoje, entre muitas lembranças, dona Cheyne fala das reuniões no armazém do “seu Chico turco”, como o pai se tornou conhecido, parada obrigatória dos viajantes, principalmente imigrantes, pois ficava próximo à estação ferroviária.

“O tempo era delicado, depois da Segunda Guerra Mundial, e um patricio apoiava o outro”, diz ela. “Quando a conversa dos adultos começava, nós crianças tínhamos que sair do recinto. Mesmo tudo sendo falado em árabe, que nós pouco entendíamos”, recorda. Nesse período, o estado de saúde de “seu Chico” se agravou obrigando a família a retornar a Juiz de Fora. Momento difícil em que os filhos precisaram morar com a avó materna, Málaque.

Elias Habib, tio de dona Cheyne, vivia em Juiz de fora e, como caixeiro viajante, sempre passava por Oliveira vendendo calçados. “Em Oliveira, ele conheceu os patricios Michel e Tufik que tinham negócios na cidade. Através do meu tio Elias, Michel se casou com minha irmã Linda”, informa dona Cheyne. A partir desse vínculo, de visitas a parentes, os Habbud se identificaram com a cidade, se estabeleceram e começaram a empreender. José Chicre Habbud abriu um bar e restaurante e, depois da morte do patriarca Chicre Habbud, veio o restante da família. Hala e os filhos Linda, Tannus - casado com Marta - e Cheyne, casada com Rubens Thielmann, com o filho primogênito Luiz Roberto.

POINT DA SOCIEDADE DE OLIVEIRA

Jovens, Cheyne e Rubens Thielmann se associaram ao irmão e cunhado José Chicre Habbud no restaurante, que se tornou point da sociedade oliveirense. Em seguida expandiram os negócios para um hotel, lanchonete e loja de eletrodomésticos.

Hoje, Luiz Roberto Thielman, filho de Cheyne e Rubens, diz: “A cultura libanesa para mim foi referência desde a infância. Assim como para meus irmãos José Henrique, Paulo Elias e Maria Cecília.

“Cultiva a resiliência que não nasce da agitação, mas da capacidade de suportar o peso dos dias ruins com o coração firme e nunca tirar os olhos de um futuro melhor”

Meus pais trabalhavam muito e crescemos com a avó Hala, meus tios e primos. Tudo em meio aos negócios e, claro, ao redor da mesa farta”.

Ele prossegue: “Tio Zezé (José Habbud) tinha um restaurante, uma churrascaria, e eu o acompanhava quando ia às compras, sempre com o tio Elias. Lembro da parada no açougue. Esperando os pedidos comíamos fígado cru com limão e pimenta do reino. Eles ainda bebiam a tradicional cachacinha, que ficava embaixo do balcão, estrategicamente posicionada para essas ocasiões”.

Pouco depois, o garoto se dividia entre a escola e o trabalho no caixa do estabelecimento durante o horário de almoço. Seus irmãos Linda e Tannus também ajudavam no atendimento e na cozinha. Momentos fugazes que, segundo ele, também serviram como aprendizado profissional.

A ELEGÂNCIA DO TIO ELIAS

Como nas melhores famílias libanesas, todos esses destinos se encontravam através da rica culinária: “Tudo passava por ali entre quibes, tabule e charutos. Minha avó Hala Habib Halonsi - que no Brasil virou Cecília - e minha tia, Linda, moravam com nossa família e eram responsáveis por acolher o tio Elias, o que faziam com muito carinho. Já idoso, quando vinha a Oliveira, ele tinha um quarto reservado para ele em nossa casa. Era um homem muito vaidoso. Acordava cedo e vinha tomar o café da manhã, ainda de pijama e chinelo, e ler o jornal diário”, descreve Luiz Roberto. O tio também é lembrado como um cavalheiro elegante, sempre alinhado em seu terno branco, um tipo alegre e

brincalhão. No almoço, em lugar de destaque na mesa, não podiam faltar o tira gosto de pepino e tomate e um trago de uma boa cachacinha. Em seguida, tio Elias vestia o pijama para a sesta, encerrada minutos depois para o encontro com os patricios, para uma boa prosa, um jogo de cartas e o aperitivo acompanhado de pão, sardinha, azeite e deliciosas esfihas. “Tudo absolutamente irresistível”, comenta.

Apesar da família Habbud se manter apegada às tradições e aos valores da terra ancestral, nenhum deles voltou ou visitou o Líbano. Durante anos o pai de dona Cheyne manteve contato com o irmão e outros parentes que permaneceram por lá. Com o passar do tempo e a morte dos membros mais velhos do clã, sobrinhos e primos perderam o contato e os laços se romperam.

Apesar disso, Luiz Thielemann faz planos para conhecer a Terra dos Cedros. “Esperamos que as coisas melhorem por lá e que a paz se restabeleça, para resgatar o contato com nossas origens e nossa identidade. É difícil, mas a vida nunca foi fácil mesmo. Importante é lutar e não desistir dos sonhos”, acredita.

A família segue o antigo mote árabe que reza: “Cultiva a resiliência que não nasce da agitação, mas da capacidade de suportar o peso dos dias ruins com o coração firme e nunca tirar os olhos de um futuro melhor”. É com essa confiança que, em mais de um século de Brasil, os Habbud - Abud na grafia da atual geração - vem prosperando e marcando presença em Oliveira e nas Minas Gerais. E, ao que tudo indica, não pretendem parar. ■

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

FAMÍLIA ANDRÉ

PRESENTE NO COMERCIO, ARQUITETURA, ARTE E EDUCAÇÃO

Em Oliveira, os André formam um retrato da imigração libanesa que construiu sua identidade brasileira ao longo do século passado. Aqui, um pouco dessa saga familiar a partir do depoimento de Maria Auxiliadora André, descendente do clã

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Irmãs André: Eliana, Bernadete, Auxiliadora e Mônica. A história da família começou por volta de 1900 com a fuga de um casal enamorado em busca de uma vida melhor no Novo Mundo



Marcada pelo trabalho, pela perseverança e pelo talento artístico, os André - da cidade mineira de Oliveira - atravessam gerações cultivando os valores e tradições que seus antepassados trouxeram do Líbano e foram passados de pais para filhos.

Tudo começou quando o patriarca, Antônio André, aportou no Brasil por volta de 1900 se estabelecendo em Oliveira e iniciando uma vida nova em outra pátria. Os primeiros anos na região foram trabalhando no comércio, ao lado do primo Antônio Moisés, e residindo na rua Dr. Coelho de Moura. Depois de oito anos decidiu voltar ao Líbano em razão

do agravamento da saúde de seu pai. Passados alguns anos, depois do falecimento do pai e já casado, ele decidiu voltar para Minas. Veio com a esposa, Liza Youssef Murad Zain - filha de Youssef Murad Zain e por aqui tornou-se Liza André. Antes de partir de Salima, sua cidade natal no Líbano, Liza deixou uma procuração para Emil Solaiba Zain, autorizando-o a vender parte de sua herança para um primo, Feres.

O casal então André já tinha dois filhos: Vitória, então com quatro anos de idade, e Daher, com dois. Fixaram residência na Praça Manoelita Chagas, nº 68, imóvel onde atualmente funciona o Laboratório Exames. No mesmo endereço, fundaram o Hotel Jardim, empreendimento que veio a ser referência na cidade. No Brasil nasceram mais quatro filhos: Elias, Alice, François e Emílio.

Elias André destacou-se como projetista autodidata, sendo responsável pelo desenho de diversas praças e residências em Oliveira. Cultivava grande paixão pela música

Elias André destacou-se como projetista autodidata, sendo responsável pelo desenho de diversas praças e residências em Oliveira. Além da habilidade técnica, cultivava grande paixão pela música e era conhecido seu talento no acordeão. Boêmio e carismático, conquistou o carinho de muitos amigos e, em especial, de suas sobrinhas, filhas de François.

Este, por sua vez, também revelou talento excepcional para as artes. Aos oito anos, durante as comemorações cívicas, chamava a atenção desenhando com giz, no quadro-negro da escola, o rosto de Tiradentes. Transformou o dom em profissão com uma carreira artística consolidada. Produziu mais de 500 pinturas em tela, obras que hoje estão em coleções particulares em Oliveira e outras cidades da região. Casou-se com uma brasileira e tiveram quatro filhas: Auxiliadora, Bernadete, Eliana e Mônica.

Alice e Daher casaram-se com descendentes de libaneses e estabeleceram suas famílias em Belo Horizonte, mantendo vivas as tradições e os valores herdados dos antepassados.

O caçula, Emílio André, formou-se em Direito e despontava para uma carreira promissora quando teve a vida interrompida precocemente aos 36 anos, em um acidente automobilístico.

Eu, Maria Auxiliadora André, a filha primogênita, casei-me com José Modesto Santos. Aposentei-me como professora aos 42 anos e, em seguida, passei a trabalhar na confecção da

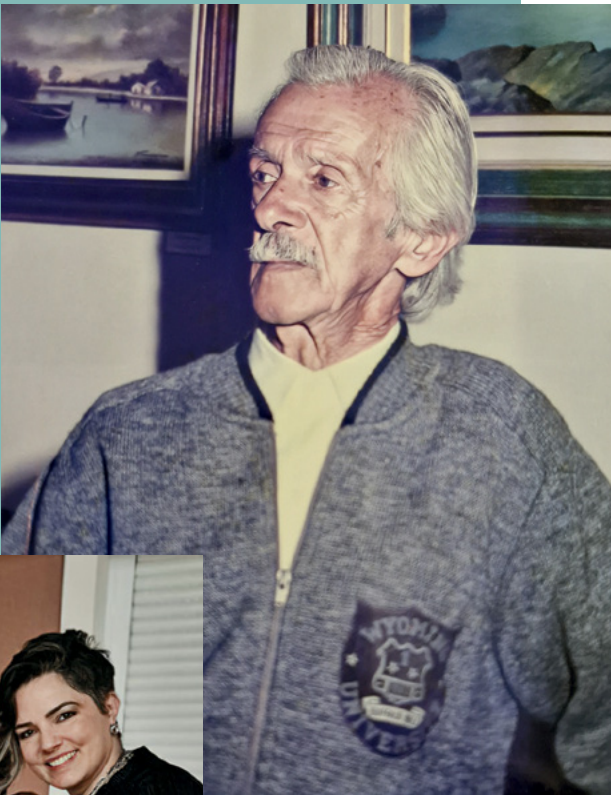
qual meu marido era proprietário. Inicialmente, tivemos uma confecção de jeans e, posteriormente, ampliamos o negócio para a produção de malhas. Somos pais de três filhos: Tânia, Bruno e Raquel. Tânia formou-se em Letras e hoje é proprietária da confecção da família. Bruno concluiu doutorado em Neurociências na Inglaterra, onde viveu por quatro anos. Atualmente, é professor, pesquisador e coordenador no CEFET. Raquel graduou-se em Fonoaudiologia e Enfermagem, porém construiu uma carreira na área comercial, onde atua há mais de 12 anos, com destacada experiência no segmento médico-hospitalar.

Os netos são quatro: Gabriel e Vinícius, filhos de Tânia. Gabriel, aos 32 anos, é formado em Administração de Empresas e trabalha na ArcelorMittal. Vinícius, de 30 anos, é médico anestesiológista do Hospital de Oliveira e em hospitais de Belo Horizonte. Bruno é pai de Bruna, 10 anos, e de Eduarda, 6 anos. Raquel optou por não ter filhos.

Ao longo das décadas, a família André deixou sua marca na comunidade de Oliveira. Seja pelo empreendedorismo, pela contribuição arquitetônica, artística, na educação e pela preservação das tradições árabes, ajudando a escrever parte da história do município. Assim o legado construído por sucessivas gerações permanece vivo, mantendo acesa a memória de uma família cuja trajetória continua inspirando e enriquecendo a sociedade de Oliveira. ■



Lembranças: (ao lado) Liza e Antônio André com os filhos Daher, Alice, Vitória, Elias e François, que aparece na foto abaixo. E a família da Auxiliadora André, Bruno, Tânia, José Santos, Auxiliadora e Raquel



OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

FAMÍLIA BESE

UM CLÃ QUE NÃO PARA DE CRESCER

Família numerosa da comunidade descendente de libaneses nas cidades mineiras de Oliveira e São Francisco de Paula, os Bese têm história, tradição e influência. Com desdobramentos até na produção de vinhos na França

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA & FOUAD NAIME



Os filhos Salim Bese: Sebastião, Wander, Raimundo, Aparecida e Salim Ribeiro Filho Bese

Entre bucólicas paisagens, vales e montanhas, andando de fazenda em fazenda, Salim Bese vendia mercadorias enquanto levava e trazia notícias das redondezas

As irmãs Inês de Cássia, funcionária da prefeitura de São Francisco de Paula (MG), e a professora Regina das Graças são as guardiãs informais das memórias de parte da família Bese, uma das maiores da comunidade libanesa na região de Oliveira. “Temos muita vontade de reconstituir essa história, pois é o legado de nossos pais e avós, para nós e para as futuras gerações”, declara Inês.

Ela conta: “Vovô e vovó, tiveram grande influência em nossas vidas, crescemos praticamente na casa deles. Tinham uma aparência sisuda, mas nos traziam para perto deles e, na intimidade, eram bastante alegres e brincalhões. Faziam uma farra com os netos. De acordo com ela, as brincadeiras que faziam com os netos geralmente envolviam dinheiro. “Quando a moeda desaparecia, vinha o choro. Aí, aparecia uma moeda ainda maior e vinha a festa”, diverte-se com a lembrança.

A língua dominante na casa dos avós era o árabe libanês. Mas não exatamente como as outras crianças netas de imigrantes aprendiam. Inês explica: “Aprendemos os xingamentos que eles soltavam na hora da fúria. E nunca mais esquecemos”.

Quando os primeiros integrantes da família Bese chegaram ao Brasil, no começo do século passado, boa parte das cidades do chamado Campo das Vertentes, no oeste do estado de Minas, não

passava de povoados. O forte da economia estava nas fazendas de café e de criação de gado, porém a população não tinha acesso aos produtos mais básicos e gêneros de consumo.

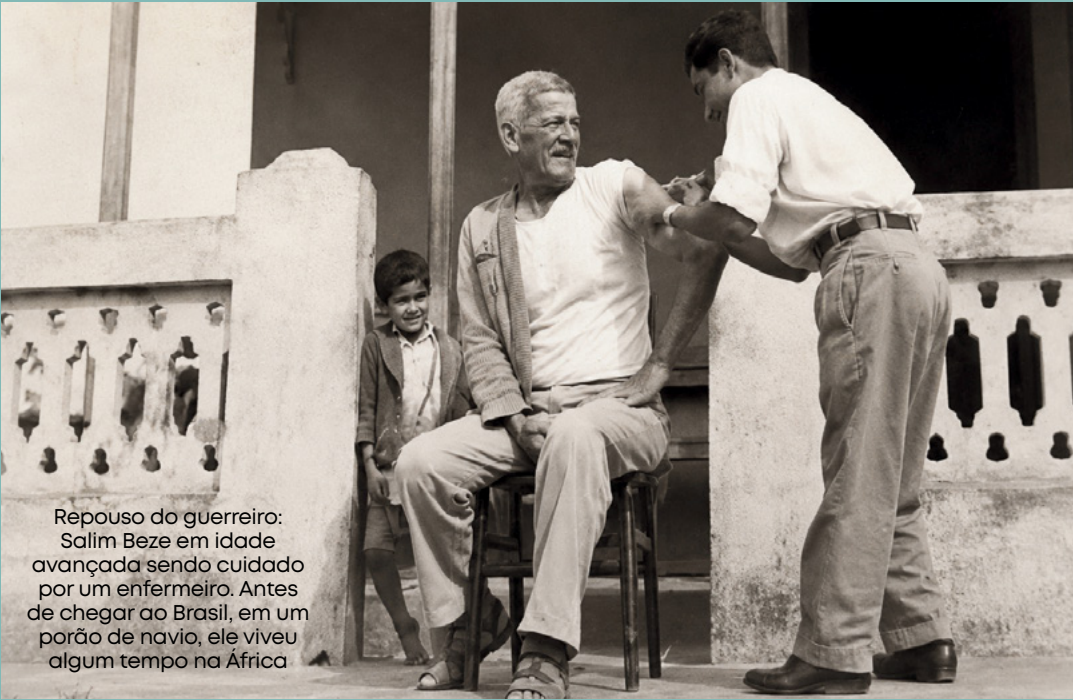
Assim, entre bucólicas paisagens, vales e montanhas, andando de fazenda em fazenda como fizeram vários patrícios, Salim Bese vendia mercadorias enquanto levava e trazia notícias das redondezas, promovendo integração e desenvolvimento. Pouco mais de cem anos depois, o sobrenome Bese é um dos mais conhecidos e tradicionais nos municípios de Oliveira e São Francisco de Paula, evidenciando a força da presença libanesa.

Deixar o Líbano, no entanto, não foi das experiências mais agradáveis para a família. Mais do que buscar melhores condições de vida, enriquecer ou tentar um futuro promissor, sair da pátria foi questão de necessidade. Era o tempo da Primeira Guerra Mundial e a crise econômica, social e humanitária que o país atravessava, aliada a quase nenhuma perspectiva de mudança para as novas gerações, levou muitos habitantes a deixarem negócios, amores e famílias para trás em busca de sobrevivência.

No caso de Salim Bese a partida aconteceu em condições ainda mais adversas. Conseguiu deixar o Líbano somente viajando no porão de um navio e parando em países africanos, onde permaneceu por algum tempo. Por lá, contou mais tarde, aprendeu a caçar, até conseguir seguir para o Brasil.



Família mineira: Sebastião Bese e Berenice Rosa casaram-se em 1949 e construíram uma família de 14 filhos. Aqui o casal aparece com alguns deles e os netos. Uma celebração à vida



Repouso do guerreiro: Salim Beze em idade avançada sendo cuidado por um enfermeiro. Antes de chegar ao Brasil, em um porão de navio, ele viveu algum tempo na África

AO GOSTO DO FREGUÊS

Salim se estabeleceu como mascate em São Francisco de Paula, hoje um município com população de pouco mais de 6 mil habitantes, que abriga centenárias fazendas cafeeiras, numeroso rebanho de gado e destilarias de alta qualidade e fama internacional. Na época, a região se sobressaía pelas belezas naturais, com cachoeiras e paisagens montanhosas.

O imigrante então abriu uma pequena loja, um armazém. Salim era mestre na arte de negociar e vendia de tudo: alimentos, tecidos, linhas, roupas, calçados. Em pouco tempo o empreendimento prosperou e o rapaz tornou-se conhecido por comercializar exatamente aquilo que a população precisava e desejava consumir.

Então ele conheceu a brasileira Maria Ribeiro Andrônico, a dona Mariquita, educadora pioneira no município e que hoje dá nome a uma das escolas do ensino fundamental. Casaram-se em 1923 e tiveram cinco filhos, quatro homens e uma mulher: Sebastião Ribeiro Bese, Vander Bese, Raimundo Bese, Salim Ribeiro Bese Filho, o Neném, e Aparecida Bese, a Cida.

“Meu pai, Sebastião, nascido em 1925, era o filho mais velho, mas não seguiu os passos do meu avô como era tradição entre os libaneses”, diz a professora Regina. Ele aproveitou os contatos mantidos pelo velho Salim para trabalhar como motorista dos grandes fazendeiros, das famílias tradicionais da região, como Francisco Cambraia Campos. Assim, acabou beneficiado quando esses passaram a ter influência política a nível local e estadual. Sebastião exerceu vários cargos políticos. Foi vereador, fiscal estadual de rendas e fiscal de barreira entre Minas Gerais e São Paulo, na cidade mineira de Extrema.

Por esses caminhos da vida Sebastião conheceu Berenice Rosa, com quem se casou em 1949 formando uma família de 14 filhos: João Bosco Ribeiro Bese, Maria Auxiliadora Bese Lobato, Raimunda Aparecida Bese Resende, Paulo Bese, Sebastião Ribeiro Bese Filho, Regina das Graças Bese Diniz, José Afonso Rosa Bese, Maria de Lourdes

Rosa Bese, Maria José Rosa Bese Andrade, Hermínio Ananias Bese, Tomás Alberto Bese, Norberto Rosa Bese, Maria do Carmo Rosa Bese Moreira e Inês de Cássia Rosa Bese.

Norberto Rosa Bese mora atualmente em Teófilo Otoni e Maria do Carmo, em Belo Horizonte. “Só esse ramo dos Bese já conta com 16 bisnetos e não para de crescer”, informa a professora Regina.

CHAMBERTIN CLOS DE BÈZE

Salim não retornou ao Líbano e os filhos também não conheceram a sua pátria. No entanto, os netos têm o sonho de conhecer a terra dos antepassados. “Nossa família é grande e se espalhou pelo mundo”, diz Regina orgulhosa. “Sabemos que alguns familiares no passado foram para a Europa e plantaram um vinhedo próximo a Paris, que se tornou uma vinícola fabricante de um famoso vinho tinto, o Chambertin Clos de Bèze Grand Cru”, conta. O irmão mais velho, João Bosco Ribeiro Bese, é contador, empresário e importante liderança do Rotary Clube de Oliveira. Ele esteve nos Estados Unidos, visitando o filho, também empresário, que vive por lá.

Enquanto o desejo de viajar até a Terra dos Cedros não se concretiza, as netas do velho Salim fazem um balanço do legado dos avós.

“Eles contribuíram para o desenvolvimento dos nossos municípios em importantes áreas, como o comércio e a educação. E deixaram essas marcas em nós, pois nos tornamos professoras, depois de ter trabalhado com vendas” avalia Inês. “

Outra herança é a tradição à mesa. Nas casas de todos os netos, a culinária permanece predominantemente libanesa. Meu pai aprendeu a cozinhar, ensinou para minha mãe e para todos nós, que passamos para nossos filhos. Nossa irmã Maria Auxiliadora, a Dorinha, já falecida, fazia quibes e charutos como ninguém. Até o João Bosco é um expert na cozinha libanesa”, conta Regina. E ambas concordam: “A culinária árabe para nós, mais do que gosto é uma referência de vida”. Ao que tudo indica, da vocação para os negócios à delícia dos pratos libaneses, o que não faltam são boas histórias na centenária família Bese. ■



O passar do tempo: Sebastiao Bese na juventude. As irmãs Regina e Inês de Cassia Bese. (abaixo) Dona Berenice Rosa comemora em família



FAMÍLIA SAUMA

DESTINOS CRUZADOS NO INTERIOR DE MINAS

Do lado materno, a produção de manteiga.
Do paterno, a comercialização do café plantado
na região de Oliveira. Paulo Sauma conta como
aconteceu o encontro mineiramente libanês

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA & FOUAD NAIME



De Zahle a Oliveira: Carmo Elias, avô materno de Paulo Sauma. Sua trajetória lançou as bases de uma família que participou ativamente para o desenvolvimento da região

A vida no Brasil deu bons frutos para Carmo Elias, que se estabeleceu produzindo manteiga. Carmélia era a marca do produto que chegou a ser exportado para Portugal

“A comunidade libanesa em Oliveira era bastante unida. Mas com o tempo foi mudando, por conta dos casamentos de descendentes libaneses com famílias brasileiras”, observa o advogado Paulo Sauma. “Hoje, de família libanesa de origem mesmo, filhos, netos e bisnetos de libaneses, temos os Haddad, Simão, Narciso, Abdo, Mattar e a nossa”, calcula. O encontro dos clãs costuma acontecer no Dia do Libanês, em setembro, durante um grande almoço de comemoração.

Paulo Sauma conhece bem as origens da sua família oliveirense, iniciada pelo avô materno, Carmo Elias, libanês nascido em Zahle. “O Oriente enfrentava diversos problemas, como ameaças de guerra e conflitos religiosos. Então meu avô decidiu vir para o Brasil”, conta. No mesmo navio estava Sofia Miguel acompanhada de duas filhas: Adélia e Maria. “Chegando aqui, meu avô foi para Vieira Bravos, distrito de São Francisco de Paula, onde minha bisavó havia ido com o marido e as filhas. Carmo Elias e Adélia Miguel então se casaram e passaram a viver em Candeias”, arremata.

A vida no Brasil deu bons frutos para Carmo, que se estabeleceu produzindo e comercializando manteiga. “Ele também era autodidata, clinicando gratuitamente. Curava erisipela, eczema e manipulava medicamentos com ingredientes naturais que vinham da França”, conta o neto.

Esses ingredientes chegavam ao Brasil pelo porto do Rio de Janeiro, onde Elias ia buscá-los aproveitando às visitas que fazia à então Capital Federal como fornecedor de manteiga da renomada Confeitaria Colombo. Carmélia era a marca do produto - junção dos nomes Carmo e Adélia - que chegou a ser exportado para Portugal. “A marca ganhou três diplomas como a melhor do Brasil”, informa o neto orgulhoso.

DESENCONTROS E UMA FELIZ COINCIDÊNCIA

Sobre o ramo paterno, Paulo conta que o pai, Boulos Habib Sauma, nasceu em Ramdum, no Líbano. “Na verdade, em Haret Hamsei, um lugarejo perto de lá, que quase ninguém conhece, porque era uma espécie de fazenda”. O primeiro a chegar ao Brasil foi Habib Sauma, pai de Boulos Habib, que permaneceu no Líbano pastoreando e na companhia dos irmãos Ana e Tanos.

Por conta da comunicação precária entre Brasil e Líbano na época, houve dois desencontros. A esposa de Habib, Iasmin, veio encontrá-lo no Rio de Janeiro sem saber que ele havia morrido, vítima de uma epidemia de febre ocorrida na região do Rio Paraíba. Ao mesmo tempo, o jovem Boulos embarcou para o Brasil a fim de encontrar a mãe que, sem saber da viagem do filho, voltou para a terra natal.

Sozinho em uma terra estranha, Boulos conseguiu encontrar um tio, Joseph, que o ajudou

Paulo Sauma: “O Oriente enfrentava diversos problemas, ameaças de guerra e conflitos. Então meu avô decidiu vir para o Brasil”, conta o advogado e professor



nos primeiros tempos. A ideia era juntar dinheiro e retornar para a família no Líbano. O que não aconteceu, porque recebeu uma carta da irmã Ana informando que a mãe também havia morrido. Então o tio Joseph faleceu e Boulos decidiu deixar o Rio de Janeiro para tentar a vida em Minas Gerais, porque ouviu dizer que lá havia muitos libaneses vivendo em Oliveira.

A cidade era então um movimentado entreposto comercial devido à produção de café na região. “Três dos maiores compradores de café eram libaneses, conta Paulo.

Por essas coincidências do destino, Boulos Habib Sauma chegou em Oliveira e foi se encontrar com Carmo Elias, que era comerciante de manteiga, exatamente na noite do nascimento

de Odete, com quem se casaria 20 anos depois. “Havia essa grande diferença de idade de 20 anos entre meu pai e minha mãe e eles tiveram apenas dois filhos, minha irmã Yasmin e eu”, conta Paulo.

Os irmãos, segundo Paulo, tiveram uma educação rígida com sólidos valores e como católicos maronitas. Yasmin graduou-se em Letras e se aposentou como funcionária da Caixa Econômica Federal. Paulo Sauma, além do Direito, fez pós-graduação em Filosofia da Estética e Ciências Sociais. Hoje, aposentado, presta consultoria jurídica para um escritório de Inteligência Artificial. Viúvo, é pai de quatro filhos - Ana Sofia, Paulo Francisco, Luciana e Vitor Elias. A família se divide entre Oliveira e Belo Horizonte. ■

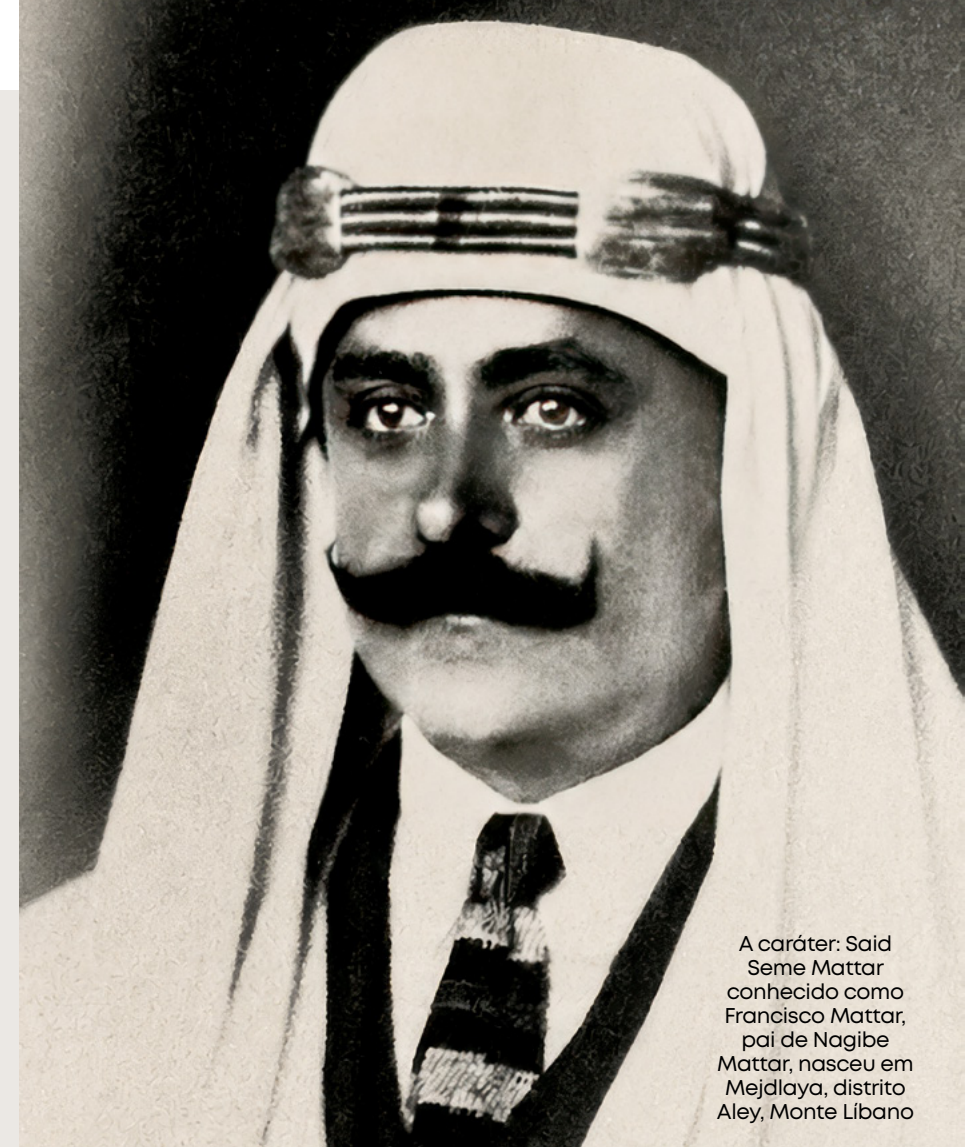
OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

NAGIBE MATTAR

“EU SOU
BRASILEIRA.
OU MELHOR,
SOU MINEIRA À
DE OLIVEIRA!”

Aos 92 anos, dona de um bom humor à toda prova, Nagibe Mattar recorda a vida como filha de imigrantes libaneses com alegria, muito savoir faire e se declara uma pessoa realizada

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA & FOUAD NAIME



A caráter: Said Seme Mattar conhecido como Francisco Mattar, pai de Nagibe Mattar, nasceu em Mejdlaya, distrito Aley, Monte Líbano

CARTA DO LÍBANO: Onde a senhora nasceu?

NAGIBE MATTAR: Aqui mesmo, em Oliveira. Mas meu pai, Said Seme Mattar, nasceu no Líbano, em Mejdlaya, que era um arraialzinho. Minha mãe veio antes dele, acompanhando um irmão, e se casaram aqui, não sei ao certo em que ano. Em Oliveira, não sei por que, meu pai ficou conhecido como Francisco Mattar. Minha mãe era Sarah Nagin Mattar. Eles se casaram, foram viver em São João Del Rei, uma irmã minha nasceu lá e depois vieram para Oliveira.

CARTA: Como seu pai começou a vida no Brasil?

NAGIBE: No comércio. Abriu um armazém na Praça Manoelita Chagas. Meus pais tiveram 10 filhos e só

restou eu, a filha caçula. E foram muitos netos, acho que 36 ao todo.

CARTA: Por que a senhora nunca se casou?

NAGIBE: Porque o moço que me pediu em casamento, Paulo Resende Borges, disse que a gente teria que morar fora da cidade, na fazenda, e eu nunca gostei de roça. Já pensou como ia ser, sem distração nenhuma? Um filho por ano! Eu não queria isso para mim, nunca. Deus me livre! Uma vez me disseram que esse namorado estava viúvo, para ver se eu estava interessada. Respondi: “Não, muito obrigado!”.

CARTA: No que a senhora trabalhava na cidade?

NAGIBE: Trabalhei como professora por 35 anos.

“Nossa família é muito alegre. Quando junta todo mundo é um momento bom. Cada um grita mais que o outro. Acho que os vizinhos pensam que estamos brigando”

Infelizmente, porque professor é a classe que menos ganha. Quando me aposentei, praticamente tiraram tudo que eu tinha direito. Mesmo assim nunca pensei em morar na roça.

CARTA: Como seus pais criaram os filhos?

NAGIBE: Minha mãe era uma mulher muito forte e muito brava. Meu pai nunca encostou a mão na gente e morreu aos 47 anos, do coração, angina. Eu era bem pequena, mas lembro que ele era lindo. Minha mãe viveu até os 90 anos. Ela tinha um chicote pendurado na parede e, quando eu sabia que ia apanhar, passava a mão no chicote e jogava na rua. Foi uma vida difícil. Minha mãe trabalhava muito no armazém que era do meu pai. A minha família não aceitava que as filhas se casassem com brasileiro, então eu namorava escondido, lá na gruta no caminho de Carmo da Mata. Tive um namorado que jogava no Cruzeiro, que era o meu time. Era louquinha por ele e a gente namorava escondido. Acho que não era mesmo para eu casar.

CARTA: A senhora gosta da comunidade libanesa?

NAGIBE: Claro, uai! Meu pai e minha mãe eram libaneses, então eu me sinto libanesa. Só não gosto que me chamem de turca, mas de libanesa eu gosto.

CARTA: O que a senhora aprendeu com seus pais?

NAGIBE: Ser honesta, ter paciência, respeitar os

mais velhos... Os exemplos dos meus pais para nós foram maravilhosos.

CARTA: A senhora viveu sua vida sozinha?

NAGIBE: Claro. E vivi sempre brincando, passeando. Tive um carro e ia para onde eu queria. Uma vez fui até Gramado. Até o dia em que bati o carro. Aí joguei a chave fora e falei que nunca mais ia dirigir. Porque nesse acidente por pouco eu não machuquei uma criança, que estava no colo do pai. Graças a Deus não aconteceu nada. Mas já pensou se acontecesse, como eu ia viver com esse remorso? Acredito que tive muita sorte.

CARTA: A senhora já esteve no Líbano?

NAGIBE: Não. Nunca. Eu sou brasileira. Ou melhor, sou mineira de Oliveira!

CARTA: Como é hoje a vida em família

NAGIBE: Nossa família é muito alegre. Quando junta todo mundo é um momento bom. Cada um grita mais que o outro. A gente gosta muito de jogar truco. Todo mundo fala muito alto, acho que os vizinhos pensam que a gente está brigando. Tenho 92 anos. Mas não gosto muito de ficar velha.

CARTA: A senhora acha que fez tudo o que queria na vida?

NAGIBE: Deixa-me pensar... Fiz, fiz tudo o que eu queria. Estou realizada. Por isso não fico muito feliz de continuar vivendo por tanto tempo assim. ■

Energia e bom humor: A professora Nagibe Mattar, carinhosamente conhecida como Jubá, sempre foi determinada e segura de si. Escolheu uma vida bem diferente das moças da sua idade e condição



Tia Jubá: A sobrinha Vanessa Mattar e a fisioterapeuta Luciene se divertem com as aventuras contadas com descontração e alguma irreverência

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

DAVID MATTAR

CONEXÃO MEJDLAYA- OLIVEIRA

Ele é engenheiro e empresário, mas se define comerciante por força da herança árabe. David Mattar conta o caminho percorrido pela família libanesa até se tornar um nome conhecido e um clã numeroso

FOTOS: FOUAD NAIME & ÁLBUM DE FAMÍLIA

Uma saga imigrante: “Antes de chegar em Oliveira, meu avô e meus tios, passaram por São João Del Rey, vindos do Rio de Janeiro”, conta David Mattar



CARTA DO LÍBANO: Como começou a sua família no Brasil?

DAVID MATTAR: O primeiro que se tem notícia de ter chegado aqui foi Chico Mattar, casado com a minha bisavó Sarah, nascido perto de Beirute, em Mejdlaya. Na verdade, ele se chamava Said Salim Mattar e veio para se casar no Brasil. A partir desse casal tudo começou. Isso foi antes de 1912, quando chegaram ao Brasil o meu avô Deud e seus irmãos mais velhos, Quaider e Said, e todos, antes de chegar a Oliveira, passaram por São João Del Rey, vindos de trem do Rio de Janeiro. Minha avó nasceu em Morro do Ferro, distrito de Oliveira, onde se estabeleceram, inicialmente.

CARTA: Como começaram a vida aqui em Oliveira?

DAVID: Como mascates, vendendo, comerciantes. Meu avô Deud, que depois virou David se casou com sua prima Anícia Mattar, filha do casal Chico e Sarah, ela já nascida no Brasil. Tiveram oito filhos: Tia Maza, meu pai Maruf, tia Farid, tia Fátima, tia Nohed, tia Adla, tia Zainab e tia Hemina. Minha mãe, Maria da Glória Assis Mattar, era de uma família de São Francisco, na época um distrito de Oliveira. Éramos cinco irmãos: sou o filho mais velho, depois vem minha irmã Samira e os irmãos Marufinho, Marcelo e Samir, os três já falecidos.

CARTA: Qual a sua formação?

DAVID: Sou engenheiro eletricitista e hoje trabalho com comércio de madeiras e construção civil, em Lavras. Sou casado com Dirce e temos dois filhos, Julia e Henrique. Ele é engenheiro como eu - hoje

“Eles me acolheram. Cada dia na casa de um parente diferente. Todos muito receptivos. Foram cinco dias e conheci muita coisa no Líbano. Tudo muito bonito”

toca o negócio de construção civil - e Julia é dentista, vive em Belo Horizonte com os filhos e o marido, também descendente de libaneses.

CARTA: O que a família libanesa lhe ensinou?
DAVID: Bem, eu me formei em Engenharia Elétrica, cheguei a dar aula de Física, mas decidi trabalhar no comércio, que era a atividade do meu pai e do meu avô.

CARTA: Quando o senhor foi para o Líbano?
DAVID: Antes da pandemia. Conheci toda a família, que me recebeu muito bem e me carregou para conhecer tudo. Sempre com uma mesa enorme, cheia de comida. Eu estava em viagem pela Europa com a família, os deixei por lá e fui para o Líbano, para a cidade de Remhala, onde me hospedei em uma pousada. Raymond, o dono da pousada, me levou até a cidade vizinha, Mejdlaya e me disse: “Aqui todos são seus parentes”. Chegamos em um lugar, ele falou em árabe com um senhor que veio e já me abraçou, me beijou, falou comigo em árabe e eu não entendi. Raymond traduziu. Ele falou que tinha um primo que falava português, porque já havia morado aqui no Brasil, e fomos à casa dele. Dawkan Mattar, nasceu em Oliveira, foi colega de grupo escolar do meu pai e voltou para o Líbano com 12 anos. Eles me acolheram. Cada dia na casa de um parente diferente. Todos muito receptivos. Foram cinco dias e conheci muita coisa no Líbano, tudo muito bonito. Mas, infelizmente, a coisa por lá agora está meio complicada.

CARTA: Aqui em Oliveira a família Mattar é muito numerosa. O senhor tem ideia de quantas pessoas são da família?
DAVID: Já foi maior, muitos foram embora. Hoje acho que são por volta de duzentas pessoas.

CARTA: Como o senhor vê a comunidade libanesa aqui em Oliveira?
DAVID: Ótima! Somos muito unidos. Não só aqui na cidade, mas em toda a região. Em Lavras a comunidade libanesa é ainda maior. Além de Lavras há descendentes de libaneses também nas cidades de Nepomuceno e Itumirim. ■



Linhagem: Sara Mattar com o filho Fuad. Ela é mãe da Anícia, que é mãe de Maruf, pai do empresário David Mattar



Em família no Líbano: Ao visitar Mejdlaya, terra natal dos antepassados, David Mattar recebeu calorosa acolhida da comunidade local, onde “todos são seus parentes”. A mesa farta, claro, não faltou em nenhum dos encontros



No coração de Minas: David Mattar com a mulher Dirce e o filho Henrique

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

DE ONDE PARTIRAM OS SONHOS

Brummana, Salima, Falougha e Mejdlaya. Um verdadeiro portal de descoberta e conhecimento das origens da imigração libanesa em Oliveira. Não deixe de incluir esses destinos em um roteiro de viagem ao Líbano

Grande parte das famílias libanesas que se estabeleceram em Oliveira e em cidades vizinhas, no interior de Minas Gerais, tem suas raízes em quatro pequenas e encantadoras

localidades do distrito de Baabda, na província do Monte Líbano. Aldeias, cercadas por montanhas, florestas e nascentes, de onde partiram homens e mulheres em busca de novas oportunidades, carregando esperanças, saberes, tradições e valores ancestrais.

Conhecê-las é percorrer o caminho inverso da imigração. É retornar às montanhas do Líbano e descobrir o cenário e o modo de vida daqueles que no passado atravessaram o oceano para construir uma nova história no Brasil.

BRUMMANA O ELEGANTE VERÃO NAS MONTANHAS

Os olhares naturalmente se voltam para as terras altas quando o calor mediterrâneo envolve Beirute. Sobre as verdes colinas da região de Metn, Brummana revela sua vocação duradoura como o mais refinado refúgio de verão.

A apenas vinte minutos da capital, a cidade está situada entre 650 e 800 metros de altitude. O clima é ameno, os jardins estão floridos e a vista privilegiada se estende da cadeia montanhosa até o intenso azul do Mediterrâneo. O equilíbrio perfeito entre natureza, arquitetura tradicional e a sofisticação da vida social.

Durante boa parte do século 20, Brummana consolidou a posição de um dos mais concorridos destinos de veraneio do Oriente Médio. Era o point preferido de famílias da alta sociedade e dos travellers chic dos países do Golfo, que encontravam ali hotéis

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Até onde a vista alcança: Brummana é um dos mais tradicionais balneários de verão no Monte Líbano. Clima ameno, arquitetura típica, atmosfera elegante e a imensidão azul do Mediterrâneo



Salima: Vilarejo do distrito de Baabda cercado por montanhas. Raízes históricas preservadas e o modo de vida sem pressa das aldeias libanesas

de charme, restaurantes estrelados e o frescor de noites tranquilas, longe do calor exasperante da costa.

Sucessivas crises políticas e geopolíticas, que marcaram a região, reduziram o fluxo de visitantes e alteraram o perfil do turismo local. Porém Brummana jamais perdeu sua essência e se reinventou. Ruas, praças e edifícios históricos foram restaurados, novos hotéis, cafés e espaços gastronômicos atraíram as atenções e a cidade resgatou o protagonismo no imaginário libanês.

Hoje, o balneário vive nova fase. Cosmopolita, acolhe visitantes de diferentes nacionalidades em busca não apenas descanso, mas de uma legítima experiência da hospitalidade libanesa. Ao entardecer, terraços se enchem de vida, cafés espalham as mesas pelas calçadas e os restaurantes transformam a alta gastronomia em espetáculo à parte. Quando a noite cai, bares e lounges entram no ritmo de uma das cenas noturnas mais vibrantes da região.

Talvez o maior encanto esteja justamente naquilo que resiste ao tempo. Caminhar sem

pressa pelas ruas arborizadas e descobrir antigas residências de pedra, adornadas por elegantes janelas em arco que caracterizam a arquitetura libanesa. Os jardins cuidadosamente preservados e as pequenas praças onde o silêncio das montanhas convive com o burburinho da fervilhante atividade ao redor.

Mais do que destino turístico, Brummana representa um modo de viver o verão, em um ambiente de charme de tradição que tem encantado gerações através dos tempos.

SALIMA NATUREZA E MEMÓRIAS DE NOBREZA

Aninhada nas montanhas do distrito de Baabda - a 32 quilômetros de Beirute - a aldeia de Salima é pura discrição. Uma cápsula do tempo preservando parte importante da memória histórica do Líbano. São 900 metros de altitude, ar de montanha, pinheiros, construções de pedra e o ritmo tranquilo da vida rural.



Falougha: Conhecida pela paisagem montanhosa, destaca-se pela imponência natural e pelo forte vínculo com a imigração libanesa

Entre seus maiores tesouros está o Seralho Abillama, antiga residência da influente família Abillama, cuja trajetória se confunde com a formação política e social do Monte Líbano. A sólida arquitetura em pedra, com amplos salões, permanece como testemunho do estilo senhorial, evocando um período em que grandes dinastias desempenhavam papel decisivo na administração e na história do país.

Ao redor do antigo seralho, Salima mantém o charme característico das vilas montanhesas com uma paisagem que convida à contemplação silenciosa. O perfume das árvores, unido aos ares rarefeitos da altitude, constroem o refúgio perfeito para quem busca um refúgio longe da agitação dos grandes centros.

Salima representa a perenidade de um patrimônio cultural cuidadosamente preservado e valorizado. Cada construção, trilha e bosque são fragmentos de tradição e história. Um mergulho revelador no lado mais autêntico e sereno do Monte Líbano.

FALOUGHA NASCENTES E COEXISTÊNCIA PACÍFICA

Nas encostas orientais do distrito de Baabda, a cerca de 35 quilômetros de Beirute, Falougha é uma das paisagens mais preservadas do Monte Líbano. A 1.250 metros de altitude, a vila é cercada por bosques centenários e as montanhas que, durante o inverno, frequentemente se cobrem de neve, em uma visão simplesmente encantadora.

O município é formado pelas localidades de Falougha e Khalwat Falougha, em uma área de 1.500 onde a natureza comanda a vida cotidiana. Durante o verão o clima é ameno e convidativo para caminhadas ao ar livre em contato com a rica biodiversidade. Sem falar no espírito de convivência que caracteriza muitas aldeias libanesas.

Drusos e cristãos — maronitas, melquitas (greco-católicos) e greco-ortodoxos — compartilham o mesmo território há gerações, preservando

tradições religiosas e culturais. A coexistência harmoniosa constitui uma das marcas da identidade e da pluralidade locais, destacando a singularidade libanesa no Oriente Médio.

Apesar do perfil essencialmente rural, Falougha dispõe de uma sólida infraestrutura que atende à comunidade: escola pública, hospital e pequenas empresas que movimentam sua economia. A combinação entre qualidade de vida, patrimônio natural e forte identidade comunitária faz da vila um exemplo do equilíbrio entre desenvolvimento e preservação.

Para o visitante, Falougha oferece uma experiência genuína das montanhas libanesas. O silêncio é interrompido apenas pelo som do vento entre os pinheiros, paisagens mudam de cor a cada estação e a hospitalidade dos habitantes revela um Líbano profundo e ancestral.

Acima de tudo, a vila está situada nas proximidades da Reserva da Biosfera de Jabal Moussa, reconhecida pela UNESCO e conhecida pelas abundantes nascentes que abastecem parte da região do Metn.

MEJDLAYA
A JOIA DAS MONTANHAS DO ALEY

Encontra-se no distrito de Aley - cerca de 26 quilômetros de Beirute - a aproximadamente 500 metros de altitude. Mejdlaya é uma pequena aldeia que surpreende pela riqueza do patrimônio natural e histórico. Pouco conhecida pelos grandes circuitos turísticos, a localidade reserva paisagens singulares e vestígios de antigas civilizações que despertam a curiosidade de visitantes e pesquisadores.

Um dos maiores tesouros é o raro conjunto de lagos naturais junto à nascente de Mejdlaya.

Apesar do perfil rural, Falougha dispõe de uma sólida infraestrutura que atende à comunidade

Pouco conhecida pelos grandes circuitos turísticos, a localidade reserva paisagens singulares

Alguns ultrapassam 50 metros de profundidade, um fenômeno geológico incomum nas montanhas libanesas. Durante o verão, quando o volume da nascente diminui, os espelhos d’água tornam-se ainda mais visíveis, compondo um cenário de rara beleza, transformando a região em um oásis de tranquilidade.

As terras férteis que cercam a vila favorecem, há séculos, o cultivo de oliveiras, hortaliças e árvores frutíferas. A agricultura continua sendo parte essencial da identidade local, moldando tanto a paisagem quanto a vida dos habitantes.

A própria origem do nome Mejdlaya remete às antigas raízes do Monte Líbano. O topônimo “magdlé”, derivado do aramaico, significa “o lugar elevado” ou “a torre”, referência à posição privilegiada da aldeia nas colinas e à importância estratégica que essas elevações tiveram ao longo da história.

O patrimônio arqueológico da região amplia ainda mais o seu fascínio. Entre as formações naturais destacam-se cavernas de câmaras interligadas, testemunhos da longa ocupação humana. Na área conhecida como Ruaissat, encontra-se uma grande rocha esculpida naturalmente em forma de leito, popularmente conhecida como “Cama da Filha do Rei”. Próximo ao local, escavações revelaram antigas peças de vidro e cerâmica depositadas em um sarcófago, descobertas que alimentam tradições evidenciando a presença de antigas civilizações.

Um único cenário de exuberância natural, registro histórico e lendas transmitidas de geração em geração. Um daqueles lugares onde o visitante encontra um Líbano ainda preservado, capaz de revelar histórias que permanecem vivas na memória de seus habitantes. ■



Mejdlaya: A atração são as nascentes, os lagos naturais e a exuberância. Além do aspecto cultural da preservação do patrimônio histórico e do respeito aos valores das tradições rurais

OLIVEIRA E SUAS RAÍZES LIBANESAS

DE SALIMA PARA A AMÉRICA: OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA DIÁSPORA

Sem saber, um rapaz de 29 anos deu início ao grande movimento de imigração que ecoa ainda hoje na vida de milhares de descendentes de libaneses

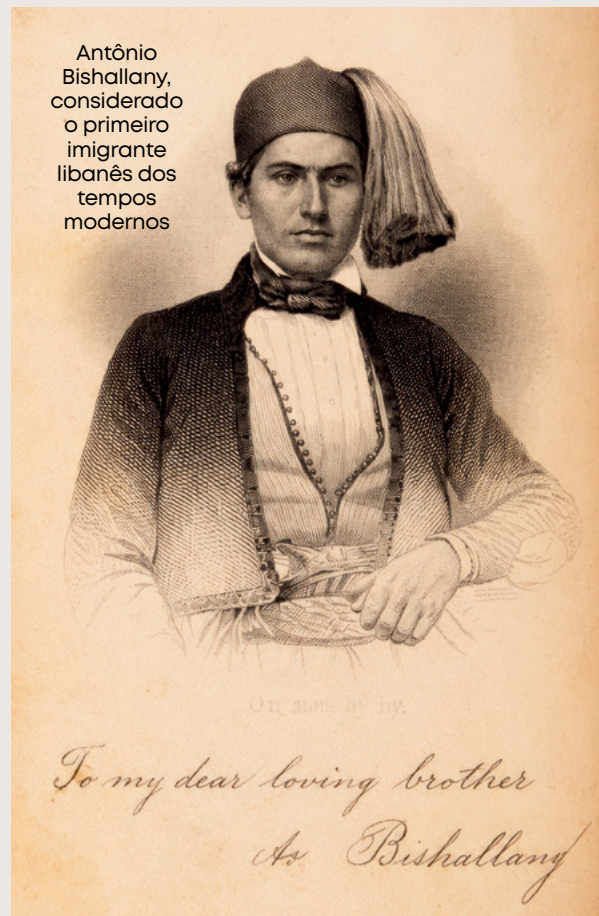
Antônio Bishallany (1827–1856), natural de Salima, no Líbano, é considerado o primeiro imigrante libanês conhecido a se estabelecer nos Estados Unidos e um dos precursores da imigração libanesa naquele país. Pertencia à mesma família Bechalene, Bichalene ou Michalene que, anos mais tarde, também teria integrantes e descendentes emigrados para o Brasil, inclusive para Oliveira, em Minas Gerais.

Antes da partida para os Estados Unidos, Bishallany trabalhou como tradutor em Beirute. Instruído para os padrões de sua época, ele falava inglês e italiano, conhecimentos que certamente favoreceram o contato com estrangeiros e com o ambiente cultural e missionário presente na capital libanesa.

Em 1854, aportou em Boston, iniciando uma trajetória que, apesar de breve, se mostrou

historicamente significativa. Apenas dois anos depois, vítima de tuberculose, Bishallany morreu justamente no dia em que completava 29 anos. Sua chegada antecedeu em algumas décadas o grande fluxo migratório proveniente do Líbano e da Síria, que ganharia força a partir dos anos 1880, especialmente em cidades como Nova York e Boston.

Sua curta estada nos Estados Unidos transformou-se, assim, em um marco simbólico dos primórdios da presença libanesa no país. A trajetória de Antônio Bishallany permanece como testemunho de um marco de pioneirismo, identidade e diáspora que, décadas mais tarde, seria vivida por milhares de libaneses em diferentes partes das Américas — inclusive no Brasil e em Oliveira. ■



Antônio Bishallany, considerado o primeiro imigrante libanês dos tempos modernos

FOTO: ÁLBUM DE FAMÍLIA



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

A definição de um momento único




Pobre Juan

pobrejuan.com.br |  /restaurantepobrejuan